

ISABELA DE LIMA NOGUEIRA

ARTE COMO CAIS NO CAMPO DAS VERTENTES:

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SUAS AFLUÊNCIAS NA SAÚDE DO ESTUDANTE

**São João del-Rei
PPGSI-UFSJ
2021**

ISABELA DE LIMA NOGUEIRA

**ARTE COMO CAIS NO CAMPO DAS VERTENTES:
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SUAS AFLUÊNCIAS NA SAÚDE DO ESTUDANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia
Linha de Pesquisa: Instituições, Saúde e Sociedade

Orientador: Celso Francisco Tondin

**São João del-Rei
PPGPSI-UFSJ
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N778a Nogueira, Isabela de Lima.
ARTE COMO CAIS NO CAMPO DAS VERTENTES: FORMAÇÃO
EM PSICOLOGIA E SUAS AFLUÊNCIAS NA SAÚDE DO ESTUDANTE
/ Isabela de Lima Nogueira ; orientador Celso
Francisco Tondin. -- São João del-Rei, 2021.
112 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Psicologia) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2021.

1. Formação em Psicologia. 2. Saúde do estudante
de Psicologia. 3. Arte na formação. 4. Saúde e Arte.
I. Tondin, Celso Francisco, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 2 / 2022 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.010460/2022-89

São João del-Rei-MG, 22 de março de 2022.

A Dissertação "**ARTE COMO CAIS NO CAMPO DAS VERTENTES: FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SUAS AFLUÊNCIAS NA SAÚDE DO ESTUDANTE**"

elaborada por **Isabela de Lima Nogueira**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRA EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Profa . Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (UFU)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

(Assinado digitalmente em 22/03/2022 08:50)

CELSO FRANCISCO TONDIN
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 2325552

(Assinado digitalmente em 22/03/2022 08:51)

LARISSA MEDEIROS MARINHO DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
COPSI (12.70)
Matrícula: 1759778

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **2**, ano:
2022, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **22/03/2022** e o código de
verificação: **2a25304ac3**

Àqueles que não se encaixam e àqueles que se encaixam demais.

AGRADECIMENTOS

Estive ansiosa para este momento que, apesar de estar no início, foi escrito ao final. Cada palavra significa que consegui chegar ao fim deste processo desafiador. Foi preciso muito para chegar até aqui e tenho muito a agradecer. Mas gostaria de especialmente expressar meus agradecimentos:

À Jéssyca, pelo companheirismo, pelo apoio e por se fazer presente durante todo esse processo. Mas, principalmente, por inebriar-me de poesia diante da rigidez das fôrmas acadêmicas;

Aos meus amigos Daniel, Deruchette e Aline que acompanharam “de perto” esta difícil jornada e estiveram presentes nas conversas fiadas, divagações, desabafos e ajudas técnicas;

Ao meu orientador Celso por aceitar esta viagem e pela paciência e persistência diante dos entraves;

A cada um dos estudantes que se dispuseram a contribuir com a pesquisa em meio a um cenário tão turbulento;

À Luísa, por trazer movimento;

Às integrantes da banca, professoras Silvia e Larissa, por terem aceitado o convite de participação e pelas leituras cuidadosas;

Aos meus pais, Jones e Isabel, pelo apoio, carinho e confiança de sempre;

Ao tio Rodrigo, à Tia Bernadete, à vovó Maria do Rosário e, também, aos queridos Bernadete e Adão, por tornarem viável e mais tranquilo o período da graduação, de modo que pude experimentar integralmente a experiência da formação e, desta vivência, originar esta pesquisa de mestrado;

Aos colegas da graduação pelas vivências compartilhadas e incentivo para a investigação desse tema, com destaque aos “Psicomúsicos”, pelas parcerias artísticas tão necessárias;

Aos professores da graduação, mas de modo especial: Glória, Calazans, Zé, Larissa e Celso pelas trocas, inspirações, incentivos e, principalmente, pelas provocações;

À equipe do Programa de Extensão “Pintando o Setting” da UFSJ, com quem também permaneci trabalhando junto, pela aposta nas singularidades e invenções de cada sujeito;

Por fim, agradeço pela possibilidade de bolsa de mestrado, em um cenário de investimento nacional em pesquisa tão incerto, que aqui se fez possível pela CAPES.

A cada um de vocês, meu muito obrigada!

“Eu já estava há um bom tempo escrevendo Memória do Fogo, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido estava sendo, e estava sendo à minha volta, e escrever era minha maneira de bater e abraçar. Supõe-se, porém, que os livros de história não são subjetivos. Comentei isso tudo com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo, pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contra luz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores. E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade: — Não se preocupe — me disse —. E assim que deve ser. Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana”

(Eduardo Galeano, Celebração da Subjetividade, 1991/2020. P. 118)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a formação em Psicologia em seus enlaces com a saúde do estudante e a Arte. O objetivo é analisar o papel desta como potência de saúde do estudante no processo de formação em Psicologia. Trata-se de um estudo de metodologia qualitativa, com o uso da estratégia da pesquisa-intervenção. Foi realizado na Universidade Federal de São João del-Rei, com 19 dos seus estudantes. O estudo foi desenvolvido em um contexto de pandemia de *corona virus disease 2019 (Covid-19)* e, por isso, os procedimentos em campo foram realizados remotamente. Fez-se uso de um vídeo-convite que divulgou virtualmente a pesquisa e de formulário eletrônico para inscrição dos interessados. Como técnica de produção de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, organizada em torno de três núcleos (formação em Psicologia, saúde do estudante e Arte). As entrevistas aconteceram em plataformas de videochamada e seus áudios foram gravados e transcritos. Para análise do material produzido, tomaram-se os construtos da Análise do Discurso de vertente francesa. Os principais resultados encontrados dizem respeito a uma percepção dos estudantes de que a formação se dá entre movimentos transformadores (de posição, de opiniões e visões de mundo) e uma rigidez instituída que se expressa por meio de grades curriculares e requisitos a cumprir. Nesse sentido, temas como produtivismo exacerbado, multiplicidade (de teorias e de campos de atuação) e formação de pensamento crítico foram destacados como elementos marcantes na formação em Psicologia da UFSJ. As noções de saúde expressas pelos estudantes são diversas e destacam, principalmente, uma multiplicidade de fatores que as envolve. Porém, enquanto alguns trouxeram essa multiplicidade mais conectada a uma divisão mente-corpo, numa perspectiva individualizante, atrelada à ausência de doenças, ao bem-estar consigo e à ideia de felicidade, outros problematizaram essas concepções e apontaram a importância de uma conexão com o contexto político-econômico, considerando também aspectos coletivos, como saneamento básico, moradia, relações familiares, colocando em questão as estruturas de poder que definem o que é ou não saudável. Nas percepções dos estudantes acerca da relação entre o processo de formação em Psicologia e sua saúde são destacadas influências positivas (como a melhoria do autoconhecimento) e também negativas (como as afetações subjetivas produzidas pelo objeto de estudo próprio da Psicologia, que lida frequentemente com o sofrimento) do Curso de Psicologia. A Arte como uma “válvula de escape” se apresentou como um articulador necessário para a compreensão de sua potência na vivência dos estudantes. Outras estratégias apontadas pelos estudantes como formas de lidar com o sofrimento produzido pela formação: realização de pausas na rotina, construção de redes de apoio e principalmente o recurso à psicoterapia. Ainda assim, o contato com a Arte foi destacado pelos estudantes como uma estratégia fundamental tanto no que se refere às vivências pessoais quanto no campo de uma formação profissional mais integral. Conclui-se que a Arte se apresenta como uma potência para a saúde dos estudantes, embora não deva nem possa ser vista como o único recurso frente à problemática do adoecimento na formação.

Palavras-chave: formação em Psicologia; saúde do estudante; Arte; Arte e formação.

ABSTRACT

This research has as theme the training/formation in Psychology in its links with the health of the student of this graduation and the Art, with the objective of analyzing the role of the latter as a power of the student's health in the formation process in this 10nly. It is a study of qualitative methodology, using the intervention-research strategy. It was held at the Federal University of São João del-Rei, with 19 of its students. The study was carried out in the 10nly10nte of the pandemic corona vírus disease 2019 (Covid-19) and, therefore, field procedures were performed remotely. Use was made of na invitation-video that virtually publicized the survey and na electronic form for registration of interested parties. As a data production technique, semi-structured interviews were used, organized 10nly10n three cores (formation in Psychology, student health and Art). The interviews took place on 10nly10 10nly10nt platforms and their 10nly10n were recorded and transcribed. For analysis of the material produced, the constructs of French Discourse Analysis were taken. The main results found relate to a perception of students that formation takes place between transforming movements (of position, opinions and worldviews) and na established rigidity that is expressed through curricula and requirements to 10nly10n. In this sense, themes such as exacerbated productivism, multiplicity (of theories and 10nly10n of action) and formation of critical thinking were highlighted as outstanding elements in the formation of Psychology at UFSJ. The notions of health expressed by the students are diverse and stand out, mainly, for a multiplicity of factors that 10nly10nt them. However, while some brought this multiplicity more connected to a mind-body 10nly10nte, in na individualizing perspective, linked to the absence of disease, well-being with oneself and the idea of happiness, others problematized these conceptions and pointed out the importance of a connection with the political-economic 10nly10nte, also considering collective aspects, such as basic sanitation, housing, 10nly10n relationships, putting into question the power structures that define what is 10nly10 not healthy. In the students' perceptions about the relationship between the formation process in Psychology and their health, there are positive influences (such as the improvement of self-knowledge) and also negative ones (such as the subjective affectations produced by the object of study of Psychology, which often deal with the suffering) of the Psychology Course. Art as na "exhaust valve" presented itself as a necessary articulator for the understanding of its power in the students' experience. Other strategies pointed out by the students as ways to deal with the suffering produced by formation: taking breaks in the routine, 10nly10nte support networks and especially the use of psychotherapy. Even so, the contact with Art was highlighted by the students as a fundamental strategy both in terms of personal experiences and in the field of a more comprehensive professional formation. It is concluded that Art 10nly10ntes itself as a power for the health of students, although it should not and cannot be seen as the 10nly resource facing the issue of illness in academic formation.

Keywords: formation in Psychology; student health; Art; Art and academic formation.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEP Associação Brasileira de Ensino de Psicologia
AD Análise do Discurso
CA Centro Acadêmico
CAAE Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPS Centro de Atenção Psicossocial
CDB *Campus* Dom Bosco
CEPSJ Comissão de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Unidades Educacionais de São João del-Rei
CFP Conselho Federal de Psicologia
CNE Conselho Nacional de Educação
CNS Conselho Nacional de Saúde
CONVEP Congresso Vertentes da Psicologia
COPSI Coordenadoria do Curso de Psicologia
Covid-19 corona virus disease 2019
DCN Diretrizes Curriculares Nacionais
DPSIC Departamento de Psicologia
ENADE Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ERE Ensino Remoto Emergencial
FAUV Fórum de Arte Urbana das Vertentes
FENAPSI Federação Nacional dos Psicólogos
FUNREI Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei
FUSM Frente Universitária de Saúde Mental
LAP Laboratório de Arte Pública
LAPIP Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial
LAPSAM Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental
MEC Ministério da Educação
NDE Núcleo Docente Estruturante
NUPEP Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise
OMS Organização Mundial da Saúde
PPC Projeto Pedagógico de Curso
PPGSI Programa de Pós-Graduação em Psicologia
PROAE Pró-reitoria de Assistência Estudantil
Reuni Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SARS-CoV-2 coronavírus
SISU Sistema de Seleção Unificada
SPA Serviço de Psicologia Aplicada
SJDR São João del-Rei
TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei
UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Salto fundamental (Imagem de autoria própria)	13
Figura 2 – Cartazes confeccionados por alunos do curso de Psicologia.....	21
Figura 3 – <i>Print</i> do post “#446” em uma página do <i>Facebook</i> com comentários de estudantes de Psicologia.....	21
Figura 4 – Visão externa da sala ocupada pelo FAUV (Foto de Matteo Recinella).....	76
Figura 5 – Registro do sarau no 2º CONVEP, realizado em 2018 (Foto de Daniel Sarsi Orta).....	77

SUMÁRIO

1 NASCENTE	14
2 CAMINHO DAS ÁGUAS	25
3 ENCONTRO DAS ÁGUAS	34
3.1 Campo das vertentes: Formação em Psicologia na UFSJ	35
3.2 “Navegar é preciso. Viver não é preciso”: O processo de (trans)forma(ta)ção em Psicologia e a saúde do estudante	55
3.3 “Invento o cais”: Arte como potência de saúde no processo de formação em Psicologia	68
4 O CURSO DAS ÁGUAS CONTINUA, MAS TODA PESCARIA TEM SEU FIM	84
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	97
APÊNDICE A – Formulário de inscrição para participação na pesquisa	98
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	101
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista	105
ANEXOS	107
ANEXO A – Declaração de Conhecimento e Aceite da Instituição	108
ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP	109



PSICOLOGIA? PSICOLOGIAS! FAZER TERAPIA! CIÊNCIA? HUMANAS? DA SAÚDE? SOCIAL!
COMUNITÁRIA! COMPORTAMENTAL! PSICANÁLISE! FENOMENOLOGIA! ANALÍTICA! TCC!
CRÍTICA! ESCOLAR! ORGANIZACIONAL! DO TRABALHO! FAZER TERAPIA! INDIVÍDUO! SOCIEDADE!
SUJEITO! GRUPO! COMPLEMENTARES? ADVERSÁRIAS? PACIENTE? CLIENTE? ATÉ QUE PONTO?
POR QUE PSICOLOGIA? OBJETIVIDADE! SUBJETIVIDADE! FILOSOFIA? MEDICINA? JUNG!
FREUD! SKINNER! BRONFENBRENNER! AJUDAR? AUXILIAR? TRATAR? ACOMPANHAR?
ESTÍMULO! PULSAO! FAZER TERAPIA! PROFESSOR, EU TENHO UM VIZINHO... SERÁ QUE...
CRIANÇAS E SEXUALIDADE? INCONSCIENTE! PROCESSOS MENTAIS NÃO EXISTEM!
O SER HUMANO É INCRÍVEL! DE QUAL ABORDAGEM VOCÊ É? QUERO ME ENTENDER MELHOR!
EU SEMPRE FUI BOA EM OUVIR AS PESSOAS E DAR CONSELHOS ATÉ QUE PONTO?
PROVOCAÇÃO! DESCONSTRUÇÃO! QUERO CONHECER SOBRE AS PESSOAS, COMPORTAMENTOS...
DIALÉTICO! COEXISTENCIAL! AMBIENTE! BIOLÓGICO! AMBIENTAL E BIOLÓGICO!
FAZER TERAPIA! VISÃO DE HOMEM! CÉDIPRO! ANTIÉDIPRO! EPISTEMOLOGIA! ESTATÍSTICA!
ATÉ QUE PONTO? O SER HUMANO É HORRÍVEL! A CULPA É DE QUEM, ENTÃO?
NEUROSE! PSICOSE! DSM! FAZER TERAPIA! NOSSA, EU TENHO ISSO! SOU ASSIM! QUEM SOU EU?
ANSIEDADE! EQUILÍBRIO! MAS VOCÊ FAZ PSICOLOGIA! PSICOLOGIA É A PROFISSÃO DO FUTURO!
O PSICÓLOGO TEM QUE LUTAR PARA QUE A PROFISSÃO ACABE! ATÉ QUE PONTO?
PEGO UM POUCO DO QUE ACHO MELHOR DE CADA COISA! SEMPRE SOUBE MINHA ABORDAGEM!
DOIDO? TRANSTORNO MENTAL? SOPRIMENTO PSÍQUICO? FAZER TERAPIA!

Figura 1. Salto fundamental (Autoria própria)

1 NASCENTE

“Esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja, esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém. Mas receio começar a compor para poder ser entendida pelo alguém imaginário, receio começar a “fazer” um sentido, com a mesma mansa loucura que até ontem era o meu modo sadio de caber num sistema. Terei que ter a coragem de usar um coração desprotegido e de ir falando para o nada e para ninguém?”

(Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.*, 1964/2020. p. 13)

Antes de tudo, mas já o começo, é preciso destacar um caminho anterior ao desenvolvimento propriamente dito deste estudo que em muito implicou para o seu surgimento e desdobramento como uma pesquisa de mestrado. Estou aqui como psicóloga, pesquisadora em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), na cidade de São João del-Rei – localizada na mesorregião mineira do Campo das Vertentes –, apresentando-lhes um estudo a respeito da formação em Psicologia e suas afluições nos campos da Arte e da saúde do estudante. Formei-me na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) no ano de 2018 e, logo em seguida, iniciei esta minha jornada como mestranda, na mesma instituição.

“No princípio era a carne e da carne se fez verbo”. Esta frase invertida da Bíblia foi o que me veio à mente ao iniciar esta introdução. Parece-me importante trazê-la aqui, uma vez que ela diz do lugar de onde inicio essa viagem. Destaco que o anteprojeto desta pesquisa, submetido à seleção para entrada no PPGPSI, foi escrito ainda ao final da minha graduação, ou seja, ainda enquanto estudante de Psicologia. Desde o início, e assim aconteceu, a proposta deste estudo era ser desenvolvido diretamente com estudantes de Psicologia desta instituição.

Para prosseguir, deixo aqui avisado que, no percurso turbulento de escrita, tomei a imagem de um rio como metáfora para o registro desta pesquisa. A hidro(grafia) possibilitou-me transbordar as fôrmas da academia e assim consegui fluir com o texto, bem como fruir do processo. Tomo emprestadas as palavras de Manoel de Barros (1974/2001, p. 32), que diz: “Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito”. Trata-se, nestas páginas, de uma tentativa de hidro-grafar os percursos sinuosos desse rio que, mineiro como eu, correu entre montanhas e pedras.

A imagem apresentada na Figura 1 surgiu de um modo interessante. Um pouco influenciada pela ideia desse rio que ora remete à pesquisa e ora ao processo de formação e,

também, pelo contexto paralelo das Olimpíadas de Tóquio que por vezes fez pano de fundo de solitários momentos de escrita, imaginei um salto. Um salto que me faz remeter a um deslocamento: saio do lugar de estudante e assumo, de fato, o de psicóloga e pesquisadora. Digo de fato pois o de “ser psicóloga” já estava sendo assumido na fase final da graduação. No intervalo de um lugar a outro, muita água correu. Mas esse salto é seguido também de um mergulho e supostamente no mesmo rio, porém aqui citamos Heráclito (1996), ao dizer que “ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”. Coloco-me a mergulhar e a viajar novamente nesse rio repleto de possibilidades, questões, contradições, suposições, afirmações, construções e desconstruções, que demarcam a pluralidade do campo da formação em Psicologia. Esta pesquisa nasce de minhas inquietações da época de estudante em relação a esta formação e, por isso, faz-se necessário trazer esse momento anterior, a nascente deste estudo.

Pois bem, sem mesmo que eu¹ percebesse, o tema desta pesquisa foi se desenvolvendo durante toda a minha graduação em Psicologia. Apesar de ter entrado no curso noturno, chegou um momento que em quase todos os dias passava integralmente na Universidade, desde a parte da manhã até o último horário da noite. Assim, acabei me envolvendo em muitas atividades além das aulas.

Em todo este tempo participei de muitos estágios em diversos campos de atuação. Fui membro da diretoria do Centro Acadêmico de Psicologia (CA), bolsista de programas de extensão e desenvolvi um projeto de iniciação científica. Inclusive, este último, já no último ano de graduação, foi também a respeito da saúde do estudante de Psicologia. Compus a organização de eventos, participei de muitos outros, apresentei muitos trabalhos. Tentava aproveitar o máximo que conseguia do que a Universidade poderia me proporcionar e isso me permitiu estar em espaços variados, que contribuíram para as indagações que foram construídas ao longo da formação. Ademais, destaco, nesta vivência, a participação na criação do Congresso Vertentes da Psicologia, ou o já tão difundido – entre alunos e professores, inclusive fora da UFSJ – CONVEP. Sobre este,

¹ O pronome pessoal será utilizado em primeira pessoa do singular quando fizer referência à experiência pessoal da pesquisadora. O pronome na primeira pessoa do plural também será utilizado, neste caso por entendermos que a construção de uma pesquisa de mestrado ocorre de forma conjunta, entre pesquisadora, orientador, aos sujeitos participante da pesquisa, orientando e a orientanda do projeto de iniciação científica desenvolvido de modo articulado à presente pesquisa de Mestrado e demais sujeitos que possam ter dado diferentes contribuições no decorrer do processo. A escolha por tais terminologias (eu e nós) se dá já com um caráter interventivo nesse meio acadêmico que comumente, em nome de um cientificismo, apaga os sujeitos envolvidos, despersonalizando e desconsiderando aspectos subjetivos do(a) pesquisador(a) que sempre estarão presentes, ainda que sejam negados.

para além de aproveitar o que a Universidade tinha a proporcionar, mas, percebendo algumas lacunas em nossa formação, eu e mais alguns colegas da diretoria do CA iniciamos, em 2016, a construção e organização do CONVEP. Saindo de um movimento recente de greve e ocupação estudantil (2016), que aconteceu em escolas e universidades de várias cidades do país, pudemos perceber a potência de nós, alunos, o que fortaleceu a construção do evento e se traduziu no tema da primeira edição, realizada em 2017: “Ocupação e emancipação: Psicologia e luta política”. O congresso que, em 2020, apesar do contexto pandêmico, mas também movimentado por ele, teve sua quarta edição, é organizado por alunos de graduação. Seus temas, extremamente atuais e pertinentes, possibilitam a implicação dos estudantes em seu processo de formação, ponto também fundamental para a motivação desta pesquisa.

Meu interesse por formação e saúde do estudante de Psicologia se intensificou quando, no CA, em 2016, promovemos uma roda de conversa para falar sobre a atuação do psicólogo em situações que envolviam o tema do suicídio, no “Setembro Amarelo”. Este tópico foi ganhando destaque na época e muitas dúvidas começaram a surgir, entre os alunos, sobre o papel do psicólogo. Participaram muitos alunos do Curso e percebemos que a conversa se voltou totalmente para eles e suas vivências acadêmicas, com ênfase para as angústias que a graduação provocava. A partir disso, fizemos outros encontros com a temática em questão e um deles foi um sarau, chamado “Sarau UrGente”, o qual ocorreu justamente por conta da sobrecarga de um final de semestre pós-greve, quando os alunos puderam compartilhar diversas expressões artísticas (produzidas, reproduzidas e/ou apreciadas).

A partir desses encontros e conversando com colegas – que muito me incentivaram –, fui procurando com mais seriedade sobre a temática da formação e percebi que havia pouco material a respeito da nossa saúde – como estudantes de Psicologia. Além disso, foram surgindo campanhas, em 2017, como a “#NãoÉNormal”, na qual estudantes de todo o Brasil denunciavam situações de adoecimento em suas universidades e respectivos cursos.

Tais campanhas começaram a ganhar mais força após divulgação de diversas tentativas de suicídio de alunos do Curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Estudantes dos cursos de Direito, Medicina, Psicologia e Politécnica, desta instituição, se uniram e formaram a “Frente Universitária de Saúde Mental” (FUSM). Tal organização iniciou-se com o objetivo de promover discussões a respeito da saúde mental dos graduandos e lutar por serviços de suporte ao estudante na instituição e mudanças nos currículos (Andrade, 2018). O grupo promoveu a “Semana

de Saúde Mental”, quando lançou a campanha “Não é normal”, na qual defendiam, conforme relatado em sua página no *Facebook*, que

A nossa luta é por instalações e manutenção de serviços de acolhimento nas faculdades, de modo que, caso algum aluno precise, tenha algum lugar de acolhimento. É por uma mudança curricular que tenha como uma de suas diretrizes a saúde mental do aluno. É por permanência estudantil. É por uma universidade sem opressões. A busca por saúde mental dos alunos está por trás de muitas coisas que fazemos em nosso dia a dia e deve ser uma prioridade para nós. (Frente Universitária de Saúde Mental [FUSM], 2017).

Com a *hashtag* levando o nome da campanha, #NÃOÉNORMAL, publicaram diversos cartazes nas redes sociais, com dizeres como: “Não é normal se sentir culpado por descansar no final de semana”, “Não é normal não ter tempo para cuidar da sua saúde”, “Não é normal desenvolver insônia por causa da faculdade”, “Não é normal a faculdade ser um gatilho para a ansiedade”, denunciando situações que vêm ocorrendo no contexto das universidades. A campanha viralizou em redes sociais, como o *Facebook*, e se espalhou por universidades de todo o Brasil que se juntaram a eles e também fizeram suas manifestações (Andrade, 2018). Merece destaque o protagonismo dos alunos, tomando frente e buscando por melhorias nas instituições de ensino superior. No entanto, destacamos, nesse protagonismo, o elemento de denúncia.

Mais um exemplo desse protagonismo e, desta vez, mais próximo do campo desta pesquisa, ocorreu em 2017, na “5ª Semana de Saúde Mental e Inclusão” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Após a perda de dois colegas dos cursos de Química e Artes Visuais, que tiraram a própria vida, acometidos de sofrimento mental, estudantes fizeram um manifesto solicitando mais atenção e cuidado com a saúde mental dos universitários e tal manifesto resultou em ações da Universidade como a criação de núcleos voltados para esse cuidado (Motta, 2017; Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], 2017).

Concomitantemente a essas campanhas e à minha imersão no tema, a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI) elegeram o ano de 2018 como o “Ano da Formação em Psicologia”, com o objetivo de revisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação em

Psicologia². Tive a oportunidade de participar de todas as etapas do processo e fui eleita delegada, no encontro realizado na cidade de São Paulo/SP, para representar os estudantes de Psicologia da região sudeste no encontro nacional, ocorrido em Brasília. Tive contato, então, com uma reflexão intensa a respeito da formação de psicólogos e, além disso, conheci outros alunos, de outros lugares, que traziam também questões similares às nossas.

Soma-se a isso o fato de que, sempre que estava entre colegas, nos mais variados espaços, percebi que questões relativas à formação – e suas consequências – frequentemente eram o tema central das conversas. Percebi que tínhamos nossos processos individuais e cada um lidava, à sua maneira, com os sofrimentos que associávamos serem causados ou acentuados pela formação; porém, notava também que havia algo em comum nas experiências.

É sabido que o processo de preparação, entrada e vivência universitária, por si só, traz consigo questões para os alunos – em sua grande maioria recém-formados no Ensino Médio – que geram um certo sofrimento e que podem ser adoecedoras. Nesse sentido, aspectos da saúde universitária têm sido objeto de análise de diversas pesquisas (Cerchiari, 2004; Cavestro & Rocha, 2006; Neves & Dalgalarondo, 2007; Costa & Leal, 2008; Silva, 2011; Nogueira-Martins & Nogueira-Martins, 2018) que têm mostrado a relação de fatores socioeconômicos, distância de familiares e amigos, a exigência de produção acadêmica, a transição da adolescência para a vida adulta, entre outras dimensões, com a maior incidência de quadros de ansiedade, depressão, tentativas de suicídio, a chamada síndrome de *burnout*, entre outros, na população universitária.

Na busca em torno do tema “saúde mental de universitários”³ constatamos que a maioria dos estudos encontrados era sobre estudantes de Medicina. Percebemos também essa predominância nos diversos espaços de discussão sobre saúde mental, pois quando havia profissionais falando sobre a temática, as referências eram, em sua maioria, sobre alunos de Medicina. Encontramos também muitos estudos sobre saúde mental desenvolvidos com universitários de diferentes cursos. Porém, para o desenvolvimento desta pesquisa, nosso interesse se direcionou ao público dos estudantes de Psicologia especificamente. Percebemos um ponto em comum entre os estudos com graduandos em Psicologia: todos apontavam para a necessidade de se pensar modalidades de apoio/ajuda e intervenções para os estudantes durante o período da

² O relatório com essas discussões e a minuta de DCN apresentada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) por estas entidades pode ser encontrado em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/ano-da-formacao-em-psicologia-2018/>.

³ Utilizamos esta terminologia por ser a mais adotada no debate acadêmico, o que inclui eventos e publicações.

graduação (Tarnowski & Carlotto, 2007; Vieira & Coutinho, 2008; Carlotto, Câmara, Otto, & Kauffman, 2009; Fogaça, Hamasaki, Babieri, Borsetti, Martins, Silva, & Ribeiro, 2012; Aquino, 2013; Lopes & Guimarães, 2016). Os resultados desses estudos serão apresentados a seguir.

Pesquisando sobre saúde do estudante de Psicologia, encontramos estudos sobre a incidência da intitulada síndrome de *burnout* nesse público (Tarnowski & Carlotto, 2007; Carlotto et al., 2009; Fogaça et al., 2012; Lopes & Guimarães, 2016). Estas pesquisas constataram alto índice de exaustão emocional e de descrença dos estudantes, além do sentimento de ineficiência profissional. De acordo com os pesquisadores, a *burnout* é uma resposta aos fatores estressores presentes no período de formação⁴ e caracterizam essa síndrome em estudantes por três dimensões:

Exaustão Emocional, caracterizada pelo sentimento de estar exausto em virtude das exigências do estudo; Descrença, entendida como o desenvolvimento de uma atitude cínica e distanciada com relação ao estudo; e Ineficácia Profissional, caracterizada pela percepção de estar sendo incompetente como estudante (Borges & Carlotto, 2004, p. 47, citado por Lopes & Guimarães, 2016, p. 42).

Os índices mostraram diferença significativa em relação aos estudantes do primeiro e último períodos, sendo, de acordo com os resultados, estes os mais afetados. Os autores compreendem esta diferença atrelando-a ao maior acúmulo de tarefas e exigências no final do curso, além da preocupação com o mercado de trabalho. Os resultados do estudo, além da constatação de síndrome de *burnout* nessa população, evidenciaram a necessidade de mais estudos a respeito do tema e a importância de intervenções voltadas ao estudante de Psicologia ao longo de sua formação, no que diz respeito à sua saúde mental (Tarnowski & Carlotto, 2007; Carlotto et al., 2009; Fogaça et al., 2012; Lopes & Guimarães, 2016).

Em uma pesquisa feita com estudantes de Psicologia da UFMG, com o intuito de analisar o senso crítico destes estudantes em relação à sua formação, Aquino (2013) evidenciou, também, uma preocupação quanto à necessidade de acolhimento deste público. Percebeu-se, a partir dos relatos dos graduandos, que a vivência acadêmica em Psicologia é carregada de angústias,

⁴ Originalmente, a chamada síndrome de *burnout* era atrelada a vivências em contexto de trabalho, porém, devido às semelhanças encontradas no espaço universitário, passaram a falar de síndrome de *burnout* também nesse contexto voltada para estudantes.

sentimentos de despreparo, insegurança, insatisfação e frustração. Destacam-se, para o autor, certas contradições que são despertadas, como o fascínio para com o curso e, ao mesmo tempo, uma angústia imanente. Diante desse cenário, o pesquisador conclui que é necessário pensar em modalidades de apoio e ajuda aos estudantes durante o período de graduação, visando uma formação integral dos sujeitos, isto é, para além de conteúdos teóricos, trabalhar também, por exemplo, aspectos emocionais envolvidos.

Outro estudo feito com estudantes de Psicologia de uma universidade pública demonstrou que, numa amostra de 233 participantes, 10,72% dos estudantes apresentaram incidência de depressão, 11% apresentaram ideação suicida, 37% já tentaram suicídio uma vez e 3,7% tentaram se matar mais de uma vez. Com esses números alarmantes, os pesquisadores também constataram a necessidade de serviços de apoio psicológico a esses estudantes (Vieira & Coutinho, 2008).

Diante de estudos que partiram de perspectivas variadas, vimos apontado um ponto comum, qual seja, a necessidade de se pesquisar mais a respeito da saúde dos estudantes de Psicologia, bem como de se pensar em estratégias de apoio/acolhimento para este público. Acrescentamos, ainda, um dado importante produzido durante o processo de revisão das DCN, evento já mencionado. O processo ocorreu em algumas etapas, com reuniões preparatórias, regionais e em nível nacional com o intuito de elaborar e discutir novas propostas para as DCN. Nesses encontros, reuniram-se vários segmentos da categoria: professores, coordenadores de curso, alunos de Psicologia (em minoria) e psicólogos (em geral). Após as várias etapas e discussões, o documento final com as propostas de alterações entrou em trâmite para avaliação e aprovação pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) e, por último, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), onde está aguardando homologação desde 4 de dezembro de 2019. Nesse trabalho, é de interesse destacar uma proposta que foi elaborada e aprovada pelos psicólogos e estudantes:

Art. 32º Os cursos devem garantir suporte, acolhimento e apoio psicossocial e pedagógico aos estudantes, bem como promover ações institucionais de fomento à sua participação nas discussões a respeito de seu processo formativo.

Parágrafo único: Com vistas a possibilitar a formação de profissionais com capacidade para o pensamento crítico e para a transformação da realidade, colaborativos e conscientes de seu papel enquanto cidadãos, deve ser incentivada a participação ativa dos estudantes nas

diversas instâncias do curso e da Instituição de Ensino, assim como sua organização política (Conselho Federal de Psicologia [CFP], Associação Brasileira de Ensino de Psicologia [ABEP], & Federação Nacional dos Psicólogos [FENAPSI], 2018, p. 131).

Cabe evidenciar que é a primeira vez que se coloca em questão em uma normativa tão importante, como uma proposta de diretriz nacional, o tema do cuidado com o estudante de Psicologia. Porém, no documento aprovado pelo CNE (Parecer 1.071, 2019), tal artigo foi retirado completamente e não encontramos informações sobre tal decisão. É no mínimo instigante e curioso o fato de que em uma classe que tanto se dedica ao cuidado do ser humano tenha demorado tanto a se atentar devidamente à necessidade de cuidado com a formação integral dos seus próprios estudantes, futuros profissionais, bem como é, no mínimo, lamentável, que o CNE – órgão colegiado ligado ao MEC – que tem funções normativa, deliberativa e de assessoramento deste ministério, tenha suprimido tal medida.

Inseridos nesta problemática, podemos localizar dois episódios ocorridos entre estudantes de Psicologia da UFSJ que enfatizam essa falta de apoio para este público. Discorreremos sobre essas situações a partir das figuras 2 e 3 que virão a seguir.



Figura 2. Cartazes confeccionados por alunos do curso de Psicologia

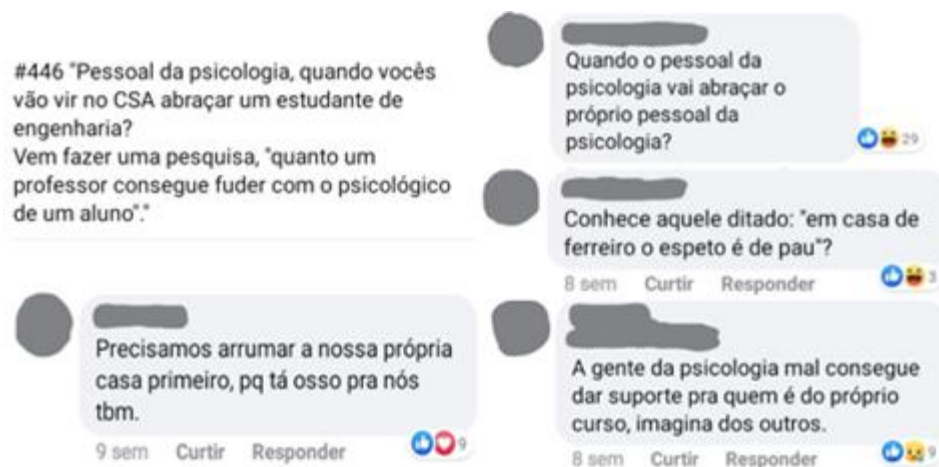


Figura 3. Print do post “#446” em uma página do Facebook com comentários de estudantes de Psicologia

Os dois cartazes apresentados na Figura 2 foram produzidos em 2017 pelos estudantes de Psicologia da UFSJ, em uma oficina de confecção de cartazes sobre saúde mental dos universitários, promovida pelos CAs de Psicologia e de Medicina desta Universidade. Esta imagem foi compartilhada nas redes sociais por diversos alunos do Curso de Psicologia. Tais dizeres retratam uma realidade do Curso que tem a escuta como ponto central de sua formação, mas que, como denunciam os alunos, pouco os escuta.

Como ilustrado na Figura 3, na qual podemos ver uma postagem feita por um aluno de Engenharia e respondida por estudantes de Psicologia, em diversos momentos os alunos deste Curso são solicitados por alunos de outros cursos para auxiliarem em determinadas situações ou em rodas de conversa e palestras sobre saúde mental de universitários. Além disso, oferecem serviço de atendimento clínico, por meio de estágios, para alunos dos demais cursos que, muitas vezes, chegam com problemas relacionados à vivência acadêmica; porém, quem lhes escuta? Como mostram os comentários desta postagem (Figura 3), a qual foi realizada em uma página do Facebook voltada para estudantes da instituição em questão, alunos de Psicologia têm denunciado uma carência no cuidado com eles próprios, estudantes em formação.

É importante fazermos um adendo a esta última colocação. O Departamento de Psicologia (DPSIC) da UFSJ possui um serviço-escola, o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), por meio do qual é oferecido atendimento psicológico para a comunidade sanjoanense, incluindo a sua comunidade acadêmica. Porém, como quem atende nesse espaço são os alunos de Psicologia, os estudantes do próprio curso não utilizavam este serviço. Apenas recentemente (janeiro de 2020), o SPA passou a contar com uma psicóloga que, entre outras tarefas, dedica-se ao atendimento de

alunos da Psicologia. Esta profissional passou a integrar o SPA como resposta da coordenadoria do Curso e da chefia do Departamento de Psicologia à reivindicação dos alunos. Há também disponibilidade de atendimento psicológico fornecido pela Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) da UFSJ. Inclusive, de acordo com relatórios da PROAE – do ano de 2013 e do período de 2015 a 2016 (não conseguimos relatórios mais recentes) –, os alunos de Psicologia estão entre os que mais procuram o serviço. Mas já colocamos aqui alguns questionamentos: se reduziria à oferta de atendimento psicológico as possibilidades que a Universidade pode oferecer? Qual a lógica que rege esta estratégia? A Universidade estaria de fato atenta à problemática da saúde do estudante ou seria essa apenas uma forma de tentar apaziguar os sintomas que tanto denunciam que algo não vai bem nesta lógica de formação? Mas perguntamo-nos também: haveria estratégias utilizadas pelos próprios alunos para lidar com as questões atinentes ao sofrimento psíquico ligados ao processo de formação?

Partindo desta última pergunta, destacamos também que, em paralelo a estas questões relacionadas às vivências acadêmicas, estive sempre envolvida com Arte. Sou musicista, filha de músico, aventureira nas artes cênicas e amante das demais Artes. Assim, sempre busquei uma conexão, que me é imprescindível, deste campo com a Psicologia. Esta relação despertou um olhar atento à presença da Arte no meio universitário e foi notável a relação de muitos estudantes de Psicologia com expressões artísticas, tanto por meio da música, cantando, tocando ou dançando, quanto por meio de outras artes, como a pintura, o teatro, cinema ou literatura. Na faculdade, eu e alguns colegas criamos o grupo dos “Psicomúsicos” que, como o nome bem evidencia, era formado por estudantes de Psicologia que eram também músicos. Começamos a desenvolver mais saraus no *Campus*, tínhamos uma parceria assídua nas confraternizações com usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade, no qual alguns de nós éramos estagiários e, ainda, nos integramos com professores do Curso que também eram músicos. No CONVEP, inclusive, uma das atividades mais importantes são os saraus, espaço de troca entre os congressistas, regado a música e poesia, que, em sua última edição, já na pandemia, teve até curtas produzidos por alunos. Além disso, o evento promove também, entre as tradicionais programações acadêmicas, oficinas (de música, fotografia, dança, circo etc.) que estiveram sempre com as vagas esgotadas.

Se nos atentarmos a todos estes pontos elencados, como também ao “Sarau urGente”, já mencionado, que surgiu em meio a um contexto de rigidez e estresse, não poderíamos nos perguntar: seria a Arte uma potência nesse espaço? Silva (2004) nos aponta caminhos para esta

indagação a partir de suas análises sobre as contribuições da Arte para a formação de psicólogos. Ao analisar uma experiência de estágio em Psicologia Escolar, que tinha a Arte como um importante recurso, ela percebeu que o contato artístico possibilitou transformações nos estagiários, no que concerne à criatividade, percepção e atenção, por exemplo, que miram ao desenvolvimento humano e profissional deles. Estas contribuições, portanto, nos aproximam do fenômeno que estudamos e fazem pensar a respeito destes sujeitos em formação e de suas vivências particulares neste tempo formativo.

Assim, diante do exposto, pretendemos nos debruçar sobre a seguinte questão de pesquisa: qual o papel da Arte como potência de saúde do estudante no processo de formação em Psicologia? Para isso, e guiados pelos objetivos que serão apresentados na próxima seção, dirigimo-nos diretamente aos estudantes de Psicologia da UFSJ a fim de escutar quem melhor pode falar sobre esta temática e, a partir das análises das entrevistas realizadas com eles, tecemos discussões acerca da formação em Psicologia, especialmente no que concerne às suas relações com a saúde do estudante e a Arte.

2 CAMINHO DAS ÁGUAS

“Método, Método, que queres de mim?
Bem sabes que comi do fruto do inconsciente.”

(Laforgue citado por Bachelard, 1988, p. 1)

“Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler distraidamente.”
(Clarice Lispector, 1973/2019, p. 36-37)

Como já evidenciado, o caminho da pesquisa inicia-se antes mesmo do começo. O método começa no processo de transformar as inquietações e percepções em uma questão de pesquisa e em objetivos. E essa tarefa não é simples. Em meio a um mar de possibilidades, precisamos começar a puxar um fio condutor. E assim começam os recortes, os afunilamentos, as peneiras e precisamos considerar questões objetivas, como o tempo de pesquisa. Um baita desafio para esta pesquisadora!

O som das palavras se destaca para mim e “pesquisadora” faz-me recordar de “pescadora”. Lembro que uma vez um professor, na época da graduação, perguntou para a turma o que era pesquisar e pediu para que escrevêssemos o que pensávamos sobre. Foi assim que o ato de pescar me veio à mente. Não sabia nada de pesquisadores, mas cresci com um pescador, meu pai – e suas histórias – e assim fui descobrindo e construindo o que me parecia ser pesquisar.

Podemos pensar que há um rio e este possui uma localização e características que faz ele ser ele e não outro. Vai ter um tamanho, uma vegetação em suas margens e uma variedade de peixes. O pescador, não qualquer pescador, mas aquele pescador irá até esse rio em busca de algo. Algo o motiva a ir a ele, algo naquele rio o faz desejá-lo. E essa pesca envolverá várias decisões, desde a escolha de como chegar ao rio, bem como considerar o clima, os instrumentos de pesca, o tempo de que dispõe para ficar lá, as condições do rio à época da pescaria, se irá sozinho ou acompanhado e de quem etc. Esse pescador terá também suas características. Pode ser que explore mais e vá mais aberto para as inúmeras possibilidades que o rio tem a oferecer ou pode ser também que vá querendo um peixe específico. Terá um tipo específico de anzol, de isca, de vara para determinado tipo de peixe. Mas por mais que se prepare, não se pode prever de fato o que virá.

Pode, inclusive, sair para pescar determinado peixe e se surpreender com outro. Enfim, entendo que pesquisar é semelhante a esse processo da pesca, mas como uma diferença crucial: na pesquisa acadêmica não cabe história de pescador, pois deve haver uma responsabilidade com o que se diz sobre a pesca. Pois bem, sem mais delongas e sem história de pescador, eis a odisseia da presente “viagem de pescaria”...

Nossa jornada começa a partir de um grande tema: a formação em Psicologia. Como mostramos no início, nosso estudo encontra uma problemática neste vasto campo das Psicologias no que concerne à saúde do estudante. Nesta temática, encontramos diversos estudos evidenciando a importância de se pensar em modalidades de apoio a esse público. Diante dessas observações, começamos a nos interrogar sobre o que seriam essas modalidades de apoio. Ainda sem respostas, mas atentos a esta demanda, decidimos, então, que esta pesquisa teria também, ela própria, a pretensão de intervenção neste campo. Foi assim, então, que pensamos em um modelo de pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) sobre o qual falaremos mais adiante. E, pensando nisso e tirando proveito da nossa prévia inserção no campo deste estudo, aproximamos a Arte da discussão, fazendo uma aposta dela como potência nesse espaço. Deste modo, uma delimitação foi se desenvolvendo. Esta pesquisa se insere, então, no campo da formação em Psicologia, em sua interface com a Arte e saúde do estudante. Na seção seguinte, discorreremos sobre cada um destes componentes.

Tais discussões, bem como a referência a estudos anteriores apresentada na seção de introdução, auxiliam-nos na localização deste rio no qual pescamos, bem como em nossa localização nele. E nosso modo de estar nele é influenciado pelo tipo de pesquisa desenvolvida. Buscamos, então, o paradigma qualitativo de pesquisa por acreditarmos ser o mais apropriado ao desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que objetivávamos compreender, analisar e entrecruzar conceitos, percepções, valores, contextos e crenças, investigando as relações existentes e buscando aprofundamento da questão de estudo levantada (Gerhardt & Silveira, 2009).

No âmbito deste paradigma, qual pescaria quisemos fazer? Adotamos o modelo de pesquisa-intervenção, que se baseia na ideia das pesquisas participativas, mas amplia essa noção, considerando que possa haver uma atuação micropolítica transformadora, no campo de estudos, a partir do feitiço da pesquisa. Tal metodologia aponta a relação entre sujeito/“objeto” pesquisado como uma potência nas pesquisas sociais, uma vez que promove um engajamento do público-alvo na questão de estudo (Rocha & Aguiar, 2003).

Um ponto importante, ainda, é o da implicação, concernente à pesquisa-intervenção. Implicação tomada como o próprio movimento da pesquisa, que faz como que uma ligação de atravessamentos objetivos e subjetivos, sociais, históricos e políticos. Implicação, nestes termos, se refere ao ato em si de desenvolver a pesquisa, que coloca a pesquisadora em relação direta com o campo e seus agentes, atuando, inclusive, como agente social, de modo que as relações estabelecidas intervêm na dinâmica institucional, transformando-a. Conforme Romagnoli (2014),

A implicação denuncia que aquilo que a instituição deflagra em nós é sempre efeito de uma produção coletiva, de valores, interesses, expectativas, desejos, crenças que estão imbricados nessa relação. Assim, é a análise da implicação que permite acessar a instituição, produzir conhecimento a partir de suas contradições. (p. 47)

Isto acontece porque a pesquisadora em campo atua no sentido de um encontro com a alteridade, afetando e sendo afetada e considerando que todos os atravessamentos produzidos são em si mesmos frutos de relações institucionais que foram formando e forjando os elementos da realidade. Assim, torna-se necessário não apenas reconhecer e destacar a implicação, mas também analisá-la, tornando-a componente do corpo do estudo.

Tendo localizado nossa ancoragem metodológica, podemos retornar à questão que movimentou esse estudo: qual o papel da Arte como potência de saúde do estudante no processo de formação em Psicologia? E prosseguirmos para os seus objetivos, sendo o principal: analisar o papel da Arte no processo de formação em Psicologia como potência de saúde do estudante. Isto porque, se de um lado temos estudos constatando diversas formas de adoecimento de estudantes de Psicologia e, de outro, identificamos que, em momentos de grande exaustão acadêmica, os alunos recorreram a fazeres artísticos, qual seria o papel da Arte nesse contexto? E para isso, definimos como objetivos específicos: conhecer as noções de saúde dos estudantes; identificar as afetações produzidas pelo processo de formação em sua saúde; e compreender a relação destes com a Arte.

E como procedemos para alcançar estes objetivos?

Devido à atual situação de pandemia de *corona virus disease 2019 (Covid-19)*, em decorrência da proliferação do coronavírus (SARS-CoV-2), que perpassou metade do tempo disponibilizado pelo Programa para o desenvolvimento desta pesquisa, esta precisou ser reformulada por nos depararmos com algumas limitações em termos práticos. Inicialmente trabalhamos e pensamos na construção de encontros com os participantes por meio do que

chamamos de “Saraus Temáticos Mediados”. Seriam espaços que promoveríamos ao longo de um semestre que possibilitariam o encontro com os estudantes. Como o próprio nome já diz, cada encontro teria um subtema que perpassaria pela grande temática da formação e os estudantes seriam convidados para trocas artísticas. Estes eventos seriam mediados por mim, visando favorecer conversações entre os participantes, de modo a possibilitar seus dizeres coletivos e singulares acerca de suas vivências e experiências enquanto sujeitos-estudantes de Psicologia.

Um ponto importante nesta escolha metodológica foi pensar em uma ferramenta que, além de um meio de produção destas falas, pudesse ser, também, uma intervenção no aspecto pontuado nos diversos estudos sobre saúde dos estudantes, os quais evidenciam a importância de se pensar em possibilidades de intervenção e em modalidades de apoio a eles. Partindo desse pressuposto, apostamos na realização destes saraus, levando em conta que, além de possibilitarem o encontro com o outro, a troca de vivências e serem um meio de possibilidade para expressões artísticas, já são uma invenção identificada no Curso, entre os alunos, para aliviar a rotina acadêmica.

Mas como dito, fomos atravessados pelo cenário pandêmico e uma das consequências foi termos que rever a proposta metodológica, inclusive reavaliarmos se seria possível uma atividade em campo. Depois de considerarmos as possibilidades, evidenciamos a condição essencial de que realizá-la, uma vez que nos era de suma importância ouvir esses sujeitos-estudantes. Por isso, uma pesquisa estritamente teórica foi dispensada.

Porém, com a necessidade do distanciamento físico e, ao mesmo tempo, perante as condições diversas e adversas dos meios de comunicação utilizados para os encontros (videochamadas) no referido contexto, avaliamos que teríamos perdas significativas realizando os saraus remotamente. Mas também, para aquele momento, em nada nos faziam sentido os “frios” questionários que cada vez mais chegavam às caixas de correio eletrônico, perguntando sobre pandemia, saúde mental e questões afins, “sem cara”, “sem voz” e “sem corpo”, que tanto já é esquecido na Universidade. Assim, colocamo-nos a pensar em um meio que pudesse trazer mais proximidade, mesmo com a distância e os obstáculos tecnológicos. Apostamos, então, no “entre vistas”. O olhar, a voz e os ouvidos ainda se faziam vivos nessas conexões, apesar dos “entre”.

Mas antes disso, precisávamos pensar como chegar até os possíveis participantes do estudo. Como chegar a esses corpos tão distantes? Precisaríamos também da *internet* para esse contato, mas como? E como não ser só mais um dos “frios” formulários eletrônicos que circulavam? Como fazer isso ter algum sentido em meio à tragédia que assolava o mundo? Mais uma vez a Arte foi

tomada como possibilidade. Decidimos por um vídeo-convite. Talvez pareça simples, mas nos foi crucial para resgatarmos algum sentido em continuar. Quisemos dar cara, voz e corpo ao estudo. Foi assim que me lembrei de uma conhecida estudante de Psicologia, cuja lembrança não foi só ela cursar esta graduação, mas também por ser bailarina. Apresentei-lhe a pesquisa e ela se interessou pela temática, então, a convidei para participar da montagem de um vídeo-convite. Muito empolgada com a proposta, logo aceitou. É importante ressaltar que esta estudante é minha vizinha (moramos no mesmo prédio), o que viabilizou a proposta da gravação.

Após algumas conversas em que discutimos ideias para o vídeo-convite, produzimo-lo, então, tomando os devidos cuidados de proteção contra a *Covid-19*. Neste vídeo (com duração de 2min23seg), aparecendo brevemente, convido os estudantes para responderem à entrevista e apresento a proposta da pesquisa. No início, aparecem algumas imagens do *campus* fechado, mas a cena principal se faz com a estudante-dançarina, experimentando e explorando movimentos no pequeno e “*sufocante*” espaço – como descrito por ela – da *kitnet* onde reside. Conversamos algumas vezes e assim surgiram os movimentos. Ela termina o vídeo com um belo salto no corredor do prédio de moradia que, como ela mesma descreve, “parece que me dá esperança de alguma coisa que nem sei o que... Acho que de liberdade”. Após a produção do material, ela relatou que há tempos não fazia um trabalho assim e que “*foi muito bom fazer um trabalho com finalidade acadêmica, mas que juntasse algo tão particular pra mim*”. Acrescenta, ainda: “*Fiquei pensando sobre minha própria graduação e por estar passando praticamente metade dela no modo remoto. Pensando que poderia ter unido muito mais Arte com Psicologia. Pensando que poderia ter explorado mais os espaços que o campus oferece*”.

Disparamos o vídeo-convite nas redes nas quais sabíamos que encontraríamos os estudantes: grupos de turmas no *WhatsApp*, *Facebook* da coordenadoria do Curso de Psicologia, além de contarmos com a ajuda do Centro Acadêmico do Curso que o enviou para os endereços eletrônicos dos estudantes. Junto ao convite, enviamos também um formulário de inscrição para que os interessados pudessem registrar o interesse em participar do estudo.

Neste formulário (Apêndice A), desenvolvido na plataforma do *Google Forms*, fizemos uma breve apresentação da proposta da pesquisa, contendo seu objetivo principal. Fizemos perguntas básicas solicitando: nome; idade; *e-mail*; número de celular; matrícula; semestre em curso; turno do curso; condição de acesso a algum aparelho eletrônico para a realização de videochamada; condição de acesso a alguma rede de *internet* que viabilizasse o contato por

videochamada. Deixamos também um espaço para possíveis dúvidas e comentários. O estudante interessado em participar da pesquisa precisava preencher este formulário para entrarmos em contato diretamente com ele e, caso tivesse alguma dúvida, ele poderia também nos contatar.

Encerrado o período de inscrição via formulário, tivemos um total de 24 inscritos. Dois destes foram excluídos, pelo fato da pesquisa se restringir a estudantes matriculados (atualmente) no Curso de Psicologia da UFSJ. Uma destas pessoas excluídas era estudante de Psicologia na UFMG e outra havia sido estudante de Psicologia na UFSJ, porém já estava formada. Informamos a estas duas sobre o impedimento de sua participação (apesar de termos informado o público-alvo da pesquisa no convite, ambas comentaram não terem se atentado à restrição). Buscamos contatar os demais visando à continuidade da pesquisa, porém não obtivemos retorno de dois deles. Por fim, combinando os agendamentos para realizarmos as entrevistas, um dos estudantes disse que não tinha tempo disponível para responder à entrevista devido ao elevado número de tarefas do final do período acadêmico. Desse modo, o número de participantes da pesquisa foi 19. Destacamos que caso o número de interessados fosse maior, havíamos pensado em dar preferência a estudantes com maior período de tempo de curso, uma vez que o tempo limite da pesquisa não permitiria que nos debruçássemos sobre tantas entrevistas e estes estudantes poderiam falar de uma experiência de graduação mais longa e com mais elementos. Porém, tal limite no número de participantes não foi necessário, pois julgamos que o volume de 19 entrevistas era adequado ao nosso tempo de pesquisa, além de que era nosso desejo ouvir todos os que quisessem falar. Inclusive, isso permitiu que houvesse uma diversidade do público da pesquisa no que diz respeito ao tempo de curso (pessoas em períodos diferentes).

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto da pesquisa em questão foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - Unidades Educacionais de São João del-Rei (CEPSJ). Todos os procedimentos envolvendo os participantes foram desenvolvidos após conhecimento e aceite da instituição (Anexo A) e aprovação do CEPSJ, conforme Parecer Consubstanciado (Anexo B), tendo o estudo recebido o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 36909220.8.0000.5151.

Cada participante recebeu digitalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio do qual transmitimos as informações pertinentes sobre a pesquisa e pedimos autorização de uso do material produzido por ele, além de assegurarmos nossa responsabilidade ética em todo o processo investigativo. Em concordância com as resoluções do Conselho Nacional

de Saúde, números 466/2012 e 512/2016, o TCLE (Apêndice B) atenta para todos os aspectos éticos necessários para o cuidado, proteção e garantia de direitos dos participantes.

Por uma questão de biossegurança, devido ao atual cenário de pandemia, a entrega deste documento foi adaptada do impresso para a forma digital. Assim, os estudantes não necessariamente assinaram o TCLE para afirmar seu consentimento. Substituindo a entrega física e assinatura deste, o estudante pôde: 1) reenviá-lo, anexado, ao endereço eletrônico que lhe foi disponibilizado, com o seguinte texto no corpo da mensagem: “Declaro que eu, (inserir seu nome completo), entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa ‘A arte de tornar-se psicóloga(o) – Formação em Psicologia e saúde da(o) estudante’ e concordo em participar.” ou 2) gravar um vídeo que mostrasse o seu rosto, declarando seu nome completo e o seu consentimento (com a mesma mensagem de logo acima), que deveria ser enviado para o endereço eletrônico ou número de *WhatsApp* que foram disponibilizados para contato com a pesquisadora.

Concluídos tais procedimentos, partimos para a realização propriamente dita das entrevistas. Optamos por uma entrevista semiestruturada. A concepção de entrevista aqui trabalhada refere-se a uma conversação dirigida a um propósito definido (Fraser & Gondim, 2004), qual seja a produção de informações a respeito das percepções de si e do processo de formação que vivencia, perpassando por três grandes componentes: formação em Psicologia, saúde e Arte.

As entrevistas (individuais) ocorreram de forma remota, como medida sanitária. Para desenvolvermos o roteiro da entrevista (Apêndice C), contemplando os objetivos da pesquisa, organizamos as perguntas em quatro núcleos, que focavam, respectivamente: 1) formação em Psicologia; 2) saúde; 3) Arte; 4) dados de identificação dos participantes: este bloco final contou com perguntas mais objetivas, para que pudéssemos caracterizar melhor os participantes.

As entrevistas aconteceram por meio de videochamadas, tendo sido os estudantes orientados a desenvolvê-la em local onde a privacidade do conteúdo exposto pudesse ser garantida. Como os meios eletrônicos de comunicação possuem um risco de confidencialidade inerente, por se tratarem de uma terceirização da comunicação, e visando, por isso, maior cuidado e segurança, utilizamos aplicativos móveis e/ou plataformas digitais que possuíssem criptografia de ponta a ponta (*Skype*, *WhatsApp* e *Google Meet*), conforme a preferência da pessoa a ser entrevistada. O tempo de duração das entrevistas variou de 40 a 120 minutos. Os áudios das entrevistas foram gravados, conforme consta no TCLE, para comporem o escopo de análise. Para gravação, utilizei um gravador digital do telefone celular.

Por fim, para análise do material produzido, utilizamos o embasamento teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, que tem como principal precursor o filósofo Michel Pêcheux. A AD vai além de uma análise conteudista, entendendo que há atravessamentos sócio-históricos e ideológicos nos discursos dos sujeitos. “O que está em jogo [nessa análise] é a explicitação dos mecanismos de produção de sentidos a partir do funcionamento discursivo” do sujeito (Melo, 2009, p. 14). Ou seja, trata-se de observar e buscar colocar em evidência também as estruturas que compõem o discurso, para além do que nele se expressa objetivamente. Considerar o conteúdo apresentado, mas levar em conta, ainda, a forma como se enuncia, o que se diz ou o que se oculta nele. Neste sentido, muitos elementos são considerados nas análises, tais como expressões, maneirismos, pausas, contradições internas, entre outros. Por isso, quando é o caso, registramos também os risos, as paradas, as reticências, por exemplo. Entendemos, também, que entrevistas realizadas por meio virtual não oferecem a mesma riqueza de possibilidades da interação face-a-face em meio presencial, em que é possível ver a pessoa “por inteiro” assim como ela a nós.

A formação discursiva é uma construção histórica, a qual “possibilita a compreensão dos enunciados, [...] que produzem ou permitem a emergência desta mesma prática discursiva como dispositivo de poder” (Faé, 2004, p. 410). Assim, as informações produzidas em nossa pesquisa são discutidas a partir dos enunciados em torno dos três componentes (formação em Psicologia, saúde e Arte), focando-se as práticas de subjetivação de modo a interrogar a “produção de modos de subjetivação que atravessam e atualizam os saberes e as relações de poder” (Faé, 2004, p. 409).

Para tanto, transcrevi todas as entrevistas, que haviam sido gravadas em áudio. De posse dos textos, passamos à leitura deles, elencando os trechos que diziam respeito mais diretamente a cada um dos três grandes componentes deste estudo: formação em Psicologia, saúde e Arte. Embora o material produzido nas entrevistas tenha se mostrado muito rico, o prazo de consecução da dissertação nos levou a concentrar esforços em torno destes temas principais, entendendo que oportunidades futuras de pesquisa possam explorar novas nuances da temática. Compreendendo que formação em Psicologia, saúde e Arte se atravessam na realidade em estudo, buscamos ter o cuidado de resguardar as interconexões entre eles, deixando-as à mostra nas discussões desta dissertação. Não se tratou, portanto, de seccionar as entrevistas, mas apenas de organizar o material para efetivação das análises que sempre tiveram no horizonte a integralidade dos discursos analisados.

Citaremos, ao longo do texto, trechos das falas dos entrevistados, escolhidas por serem representativas dos enunciados trabalhados. As falas não estão identificadas (nem mesmo com letras, números ou nomes fictícios atribuídos aos participantes, ou ainda o gênero com o qual a pessoa se identifica – que resultaria em escrever um ou uma estudante, uma ou um participante, um ou uma entrevistada), senão, quando necessário para melhor contextualização da informação, pelo período no Curso no qual o entrevistado se encontrava. Pelo fato de a Universidade e o Curso em questão estarem identificados (avaliamos que seria impossível a não identificação destes, dado o próprio relato da pesquisadora quanto à sua trajetória acadêmica e construção da pesquisa), este cuidado ético foi imprescindível para o transcurso da pesquisa ao possibilitar a abertura de um campo de enunciação mais confortável para os sujeitos nas entrevistas.

3 ENCONTRO DAS ÁGUAS: FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA, SAÚDE DO ESTUDANTE E ARTE

“Pra fluir e somar,
o vai e vem
é o maior desafio:
todos querem ser mar,
e ninguém
quer ser o rio...”

(Demétrio Sena, Pororoca, 2015)

A partir daqui nossa viagem de pescaria ganha novos navegantes e com eles a prosa se estende. Para não perdermos de vista nosso objetivo, já que a prosa é boa, orientaremos-nos por um roteiro de viagem, pelo qual traçamos um caminho. Esse roteiro concretiza-se nas perguntas colocadas aos estudantes que, a partir de suas compreensões e vivências, guiaram, de fato, a rota trilhada.

Neste caminho, navegamos pelas águas da “Formação em Psicologia”, em que se fizeram ver os motivos da escolha pelo curso, as suas especificidades e as relações estabelecidas pelos estudantes entre si, com os conteúdos e os outros agentes da formação. Neste ponto, pudemos inclusive vislumbrar os atravessamentos que esta formação produz, muitas vezes inundando as experiências de vida dos navegantes.

Seguimos, então, para as águas da “Saúde”, em que buscamos mapear as noções de saúde trazidas na bagagem pelos estudantes, além de refletir acerca das conexões e transformações impostas pelo encontro das águas da formação e as da saúde. Em outras palavras, procuramos trazer à tona o que se desenrola na viagem particular de cada navegante quando a saúde é tocada pela formação em Psicologia e vice-versa.

Por fim, chegamos à temática da construção do cais: a “Arte” como um modo próprio de produzir porto, um lugar de parada, de embarque e desembarque, neste rio cheio de acidentes que exigem tanto dos navegantes. Neste momento, buscamos compreender e registrar como os navegantes realizam e atualizam suas construções, além de indagar sobre a distância que se encontram dele e o que a produziu.

Chamamos, portanto, este capítulo de “Encontro das águas”, justamente por ser o momento decisivo desta pororoca que produz barulho, movimento e força. Este encontro que, ao se realizar,

sintetiza as águas, transmutando-as numa nova substância que, embora siga sendo rio, prossegue transformada e pode mudar o percurso de cada navegante.

3.1 Campo das Vertentes: Formação em Psicologia na UFSJ

O currículo tem que ser curto
mesmo que a vida seja longa.
Obrigatória a concisão e seleção dos fatos.
Trocam-se as paisagens pelos endereços
e a memória vacilante pelas datas imóveis.
[...]
Escreva como se nunca falasse consigo
e se mantivesse à distância.

(Wisława Szymborska, Escrevendo um Currículo, 1987/2011, p. 81)

Ainda não localizamos com precisão por onde navegamos. A sede da UFSJ está localizada em São João del-Rei (SJDR), cidade situada no Campo das Vertentes, interior de Minas Gerais. São João é uma cidade histórica, conhecida pela arquitetura colonial, marcada pela tradição católica, e que atrai muitos turistas. A cidade também se destaca pelo cenário cultural e artístico, sendo palco, junto à vizinha Tiradentes, de festivais e sede de museus, teatros, orquestras, entre outras atrações. São João, inclusive, foi eleita Capital Brasileira da Cultura em 2007, pela Campanha da Organização Capital Brasileira da Cultura, com o apoio do Ministério da Cultura, do Turismo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e da Organização Capital Americana da Cultura (Ribeiro, 2011).

Para localizar, mais especificamente, a formação em Psicologia no contexto da Universidade em questão, é preciso também, ainda que brevemente, localizar sua história. De acordo com Batista (2015), o Curso de Psicologia da UFSJ foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 1972, quando ainda integrava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do município, a qual, na década de 1980, foi federalizada e aglutinada a outras Faculdades, passando a ser reconhecida como Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI). Só mais tarde, em 2002, veio a se tornar UFSJ. A Universidade foi se expandindo e, atualmente, é dividida em seis *campi*, sendo três deles situados na cidade de São João del-Rei. O Curso de Psicologia se localiza em um destes três *campi*, o *Campus Dom Bosco* (CDB).

Apesar de não se restringir a cursos da área de humanas, o CDB é marcadamente conhecido como o “*campus* de humanas”. O seu pátio central é cercado por prédios de arquitetura histórica

que antes abrigavam um seminário. A estrutura em panóptico, com grandes janelas, é uma das marcas do espaço que abrigava o Curso de Psicologia até meados do ano de 2017. Com o crescimento da Universidade, proporcionado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), houve a expansão do *Campus* e, com isso, a construção de novos prédios, os chamados pavilhões. Estes, com arquitetura padronizada, contemporânea mais focada na funcionalidade. Destacamos este aspecto porque, como já mencionamos, houve uma mudança no Curso de Psicologia em meados de 2017, de modo que as aulas foram transferidas do prédio central para um dos novos pavilhões. Esta mudança impactou o cotidiano dos estudantes, tendo sido mencionada em algumas das entrevistas. Os estudantes do final do Curso, que vivenciaram a mudança, atestam que a sociabilidade possibilitada pela arquitetura do prédio antigo acabou por ser dificultada pela estrutura do novo pavilhão, que não tem espaços comuns de convivência para além das salas de aula.

Embora esse ponto possa parecer, à primeira vista, uma questão transversal, destacamos aqui a fundamental importância do espaço físico na vivência da formação em Psicologia da UFSJ. O antigo espaço permitia, nos curtos intervalos, a convivência dos estudantes entre si e também com os de outros cursos do entorno, tais como Filosofia, História, Letras e Pedagogia. O novo pavilhão, por outro lado, abriga os cursos de Psicologia, Medicina e Biotecnologia, alocados em andares diferentes e com rotinas acadêmicas (turnos, horários etc.) também diferentes, o que, segundo os entrevistados, acabou restringindo o convívio dos estudantes de Psicologia apenas entre si e, ainda, tal convivência é dificultada pelas limitações de encontro entre as pessoas impostas pela estrutura arquitetônica. Uma estudante descreve a mudança:

Gente, péssimo, péssimo. Aquela arquitetura, ela é horrorosa. Assim, parece um hospital. E assim, aquele espaço lá embaixo [o prédio antigo onde antes funcionava o Curso de Psicologia], ele tem, ele tinha um afeto, né? Não sei. Porque como era coisa antiga, tinha cores, tinha uma outra estética, tinha uma outra forma de organização, tinha história, né? A gente foi para um prédio que tava limpo, não tinha nada. Eu acho que aquele prédio daqui uns 5, 10 anos, vai ser outra coisa. Quando a gente chegou era um prédio que tinha acabado de ter sido montado. Então aquele prédio lá embaixo, ele tinha história, né? Tinha vivência nele. Fora que o espaço é muito mais bonito, né, mais aconchegante de estar.

No que se refere à estruturação do Curso, seu atual número de alunos gira em torno de 340, com disponibilidade de 35 vagas para ingresso a cada semestre. Atualmente, sua entrada é feita

somente a partir do Sistema de Seleção Unificada (SISU), com cotas de acordo com as ações afirmativas estabelecidas. O Curso é oferecido em dois turnos: integral, com ingresso no primeiro semestre e duração de cinco anos, e noturno, com ingresso no segundo semestre, com duração de cinco anos e meio. As aulas, em tempos anteriores à pandemia, aconteciam de segunda à sexta-feira, sendo que as do integral entre 13h15min e 19h e as do noturno entre 19h e 22h50min. Alunos de ambos os turnos podem desenvolver atividades de estágio, pesquisa, supervisão e extensão que incluam também as manhãs.

Atualmente, devido à atual situação (de pandemia de *Covid-19*, em decorrência da proliferação do novo coronavírus), as aulas e demais atividades estão acontecendo remotamente, em caráter emergencial, após alguns meses de suspensão completa das atividades de ensino no período inicial da pandemia. O denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE) adotado na UFSJ se configurou como facultativo, tanto para alunos como para professores (no caso destes, atualmente é obrigatório). Tendo sido instituída esta política para a Universidade, cada curso procurou organizar-se de acordo com a própria realidade e demandas. Deste modo, a oferta de disciplinas seguiu um calendário diferenciado, adaptado a esta conjuntura. No presente momento, o calendário acadêmico da Universidade se encontra no 4º período de ERE.

O Curso oferta duas ênfases – quantidade mínima exigida pelas DCN –, sendo elas: Clínica e Saúde Mental (Ênfase A) e Processos Psicossociais e Socioeducativos (Ênfase B). Conforme o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), este totaliza 3456 horas de carga horária no núcleo comum, no qual se encontram as disciplinas e estágios básicos, somadas de 621 horas para formação em uma ênfase ou 988 horas para o caso do aluno optar por fazer as duas ênfases (nesta carga horária estão incluídas disciplinas optativas e estágios específicos, correspondentes a cada uma das ênfases), mais 200 horas de atividades complementares, totalizando, assim, 4277 horas (uma ênfase) ou 4644 horas (duas ênfases), o que expande significativamente o mínimo de 4000 horas exigido pelas DCN.

A Coordenadoria do Curso de Psicologia (COPSI) é composta por uma professora coordenadora e um professor vice-coordenador – ambos eleitos pelos pares e pelos estudantes para mandato de dois anos –, além de dois técnicos-administrativos que trabalham na função de secretários e se organizam de modo que a secretaria funcione três turnos por dia. Além dos professores com formação em Psicologia, o Curso tem componentes curriculares que estão sob a responsabilidade de docentes com outras formações e que estão vinculados a outros

departamentos. O Colegiado do Curso de Psicologia é composto por cinco docentes e um representante discente, também eleitos pelos seus pares, respectivamente. O Curso conta ainda com o NDE, como exigem as DCN, e um Centro Acadêmico, autogestado por estudantes.

O Departamento de Psicologia (DPSIC), que atende encargos didáticos do Curso de Psicologia e de diversos outros cursos da Universidade, nos *campi* de SJDR, é composto, atualmente, por 33 professores (todos doutores) – entre os quais um responde pela chefia e outro pela subchefia, eleitos pelos pares para mandato de dois anos – e conta também com uma técnica administrativa como secretária, que trabalha pela manhã e tarde. Este departamento se divide em três laboratórios de pesquisa: Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP), Laboratório de Pesquisa em Saúde Mental (LAPSAM) e Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise (NUPEP). Além disso, dentre diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão, possui um serviço-escola – o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) – que conta com três técnicos administrativos, sendo uma secretária (terceirizada) e dois psicólogos. Este serviço atende a demandas diversas, tanto da comunidade externa, quanto da comunidade interna. O Departamento desenvolve, ainda, um programa de pós-graduação, que oferece o mestrado desde 2008 e o doutorado desde 2019, ambos em Psicologia, que além de um coordenador e um vice-coordenador, é gerido por um Colegiado, cujos professores e alunos também são eleitos por seus pares, respectivamente. Os docentes deste programa são todos do DPSIC e são aqueles que atendem aos critérios de produtividade acadêmica e se disponibilizam a este trabalho.

Ao longo deste extenso percurso de quase 50 anos, houve a possibilidade de aprimoramento do Curso e, atualmente, o PPC está em processo de revisão. De acordo com a formação e *expertise* dos docentes, no momento, o Curso oferece variadas oportunidades de grupos de estudos, desenvolvimento de projetos de pesquisa (Iniciação Científica), projetos e programas de extensão e atuação em estágios, principalmente nas seguintes abordagens: Psicologia Analítica, Cognitivo-Comportamental, Fenomenológica-Existencial, Social Crítica, Behaviorismo e Psicanálise, e em diferentes áreas, como: Escolar e Educacional, Social, Organizacional e do Trabalho, Clínica, Hospitalar, Psicomotricidade e Neuropsicologia. A matriz curricular do Curso se estrutura, no início, predominantemente com unidades curriculares de áreas afins da Psicologia, como Neuroanatomia e Filosofia e, aos poucos, vai adentrando no campo específico da Psicologia, propriamente dito. Há oportunidades de estágios específicos desde o primeiro período do Curso.

Traçado, então, um panorama do Curso, podemos partir para a pergunta: o que é que traz estudantes de diversos lugares para o Curso de Psicologia da UFSJ? Ao falarem do processo de escolha pelo Curso, os estudantes entrevistados destacaram a boa classificação dele em relação a outras Universidades. A graduação em Psicologia da UFSJ figura entre os mais bem classificados cursos em diferentes avaliações nacionais, sendo nota máxima no principal exame de avaliação do Ensino Superior, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)⁵. Tal aspecto gera, inclusive, uma concorrência acirrada pelas 35 vagas oferecidas a cada semestre, sendo um dos cursos mais concorridos da referida Universidade, elevando a nota de corte para a entrada nele. Os estudantes destacaram também que o fato de a Universidade ser localizada no interior de Minas Gerais contribuiu para a escolha da instituição. Nesses dois aspectos há uma concorrência direta com a UFMG, que figura também entre uma das instituições mais desejadas pelos estudantes, porém, por possuir nota de corte ainda mais elevada e ser localizada na capital de Minas Gerais, uma metrópole, a UFSJ tomou frente na escolha dos entrevistados.

Ainda que esses aspectos pareçam, à primeira vista, bem objetivos, há condições subjetivas neles envolvidas. Isto porque, de acordo com os entrevistados, a localização da Universidade, além de marcar uma diferenciação entre estilos de vida (metrópole x interior), isto é, São João del-Rei é uma “*cidade mais calma*” e tem um “*custo de vida mais barato*”, marcam também pontos como a distância da cidade natal ou mesmo das famílias. Isto aparece nas entrevistas de modo diverso: alguns utilizam a proximidade como um critério positivo e outros, pelo contrário, balizam sua decisão pela independência pessoal trazida pela distância de casa.

No que se refere à escolha pela graduação em Psicologia propriamente dita, há uma diversidade de motivos apresentados: “*poder ajudar as pessoas*”, “*conhecer mais sobre si*”, “*transformar as coisas*”, “*entender por que as pessoas agem de determinada forma*”, “*resolver problemas*”, “*ser bom de escutar os outros*”, ser “*curiosa*”, “*analista*”, “*cuidadosa*”, “*calma*”, “*observadora*”, ter “*interesse no porquê das coisas*”, “*interesse pela mente e comportamentos*”, possuir “*um questionamento natural*”, “*perceber coisas que outras pessoas não percebem*”. Notamos que estas respostas apontam para duas principais categorias: uma certa compreensão do que é ser psicólogo – muitas vezes baseada em experiências pessoais de psicoterapia ou outros atendimentos psicológicos que em muito influenciaram no interesse pela área – e um conjunto de

⁵ Confira em: https://ufsj.edu.br/noticias_ler.php?codigo_noticia=7712.

características pessoais “compatíveis” com o campo de estudo da Psicologia. Ou seja, miram algumas aptidões que, no imaginário do que seja uma formação em Psicologia, sinalizam, do ponto de vista dos entrevistados, para uma circulação mais tranquila por esse espaço.

Magalhães, Stralio, Keller e Gomes (2001), tendo realizado mais de uma centena de entrevistas com estudantes do curso de Psicologia, apontam o desejo de ajudar as pessoas, a busca por crescimento pessoal, o fascínio pelo conhecimento psicológico e a busca por competência interpessoal como os principais motivos de escolha dos alunos por este curso. Embora o estudo tenha sido realizado no ano de 2001, vemos que resultados muito semelhantes foram encontrados também na realidade da presente pesquisa, o que nos leva a questionar se haveria um certo padrão se mantendo nesta esfera.

Ainda relativo ao momento de escolha desta graduação, é recorrente nos relatos dos entrevistados o interesse inicial por Medicina ou, pelo menos, por alguma profissão da área da Saúde. Entre essas escolhas, evidencia-se que os que ainda tiveram algum interesse por Medicina, optaram por Psicologia por apresentar uma nota de corte menor. Mas os estudantes relataram também que o interesse pela área das ciências humanas pesou na escolha pelo curso, uma vez que a Medicina se restringe à área das biológicas. E por último, mas não menos importante, talvez até a principal, a escolha por uma instituição pública, de preferência federal, foi uma grande influência. Inclusive, estudantes que já se encontravam em uma faculdade particular optaram pela mudança para a UFSJ.

Destacamos aqui um último ponto antes de adentrarmos às vivências e experiências de formação. Um dos sujeitos entrevistados relatou que quando foi fazer a escolha por um curso, a Psicologia apareceu como principal opção, inclusive na orientação profissional que fez, porém houve uma resistência inicial, por se prender a um estereótipo, hoje para ele desconstruído, de que Psicologia é “profissão para mulheres”. Cabe ressaltar que entre os 19 estudantes entrevistados, 14 se identificaram como mulheres, o que representa uma ampla maioria delas. Na nossa percepção, a distribuição de gênero no Curso da UFSJ, bem como se aproxima a que figura em toda a categoria profissional no país, afinal, no último levantamento realizado pelo CFP, 89% dos profissionais da categoria são mulheres (Lhullier, 2013).

Este expressivo número de mulheres na composição da categoria profissional traz consigo marcas de uma herança da formação sócio-histórica-cultural da profissão em nosso país. Assim como outras profissões ligadas, no imaginário social, ao “cuidado” e/ou à “maternagem”, tais

como Enfermagem e Pedagogia, por exemplo, a Psicologia ainda figura entre as áreas que se ligam rapidamente à figura feminina (Figuerêdo & Cruz, 2017). Esta predominância, porém, não se restringe à realidade brasileira. Como apontam Bonassi e Müller (2012), este padrão se repete em diversos países ao redor do mundo, entre os quais Estados Unidos e Canadá se destacam por apresentarem estudos mais consistentes a esse respeito. As mesmas autoras ainda destacam diferenças de gênero internas ao campo *psi*, demonstrando que a distribuição de homens e mulheres varia de acordo com a área analisada. Em diversos países, a área clínica é majoritariamente feminina, enquanto os cargos de pesquisa são comumente dominados pelos homens.

Estes achados nos relembram que a realidade de estudo aqui analisada se encontra inserida em um contexto ampliado de divisão sexual do trabalho, que está na base das hierarquias de gênero. Sobre tal, Biroli (2016) afirma que, na produção das relações de gênero, “a construção binária das categorias feminino e masculino ocorre também por meio de prescrições e julgamentos que responsabilizam e conformam habilidades e preferências, com forte expressão no âmbito da divisão das responsabilidades e do trabalho” (pp. 720-721). Ainda, para Hirata e Kergoat (2007), esta divisão sexual do trabalho é resultado da divisão social estabelecida nas relações sociais entre os sexos, sendo definida histórica e socialmente e mantenedora destas relações.

Conhecendo mais sobre as razões pelas quais estes sujeitos escolheram o curso de Psicologia e a UFSJ, podemos apresentar os principais pontos destacados nas entrevistas no que se refere às vivências deles no processo de formação acadêmica. Seguindo nosso roteiro, pedimos que falassem de suas experiências nesta graduação até o momento.

Em relação a esses relatos, pontua-se que as entrevistas foram realizadas durante o primeiro período de ERE, ocorrido entre setembro e novembro de 2020. Deste modo, nesta época, entre os 19 entrevistados, 7 estavam cursando o primeiro período (calouros), 5 cursavam entre o 4º e o 7º períodos e 7 cursavam o final do curso, a partir do 9º período. Dos 7 estudantes do primeiro período temos duas situações distintas: 5 estudantes entraram no primeiro semestre de 2020 (2020/1) e tiveram o período interrompido pela pandemia, após pouco mais de duas semanas de aulas presenciais, e 2 estudantes ingressaram no segundo semestre de 2020 (ERE 1), portanto, após a suspensão das atividades presenciais. Pondera-se, assim, que se trata, no caso destes estudantes de primeiro período, de experiências particulares de formação: ou foi vivida presencialmente em um

curtíssimo espaço de tempo (de 2 a 17 e março de 2020) ou totalmente de forma remota (de 14 de setembro de 2020 em diante).

Os estudantes de primeiro período, por questões relativas ao sistema de matrícula, acabaram realizando menos disciplinas do que realizariam em um regime convencional presencial. Houve, inclusive, quem estivesse realizando apenas uma disciplina. Tal fato não se deu sem consequências:

Uai, eu acho que essa experiência é confusa, no que tange à falta da experiência em si. Porque fica muito teórico, no campo da teoria: está na faculdade, mas não vivencia a faculdade. Aí tudo é possível. Porque como eu tô entrando, como que eu sei se é isso que eu realmente quero, se eu não estou vivendo de fato, sabe? Eu vivo, mas vivo outra realidade por detrás do que é essa experiência. Então eu fico bem confusa e perdida, assim, no que tange esse pé no chão. Acho que é mais aéreo estudar no início em sistema remoto.

Porém, por mais que tenham identificado problemas nesta modalidade, como dificuldade de prestar atenção, ser cansativo, desanimador, ter problemas de conexão com a *internet*, e, dos que puderam ficar alguns dias no presencial marcaram uma diferença negativa do ensino remoto em relação ao presencial, ainda avaliaram positivamente a experiência, pois, como foi dito, “*é melhor do que não fazer*”.

Sobre estas percepções, é importante fazer uma ponderação: enfatizamos, novamente, que os estudantes estavam finalizando o primeiro ERE no período das entrevistas. No atual momento, já acontece o quarto período remoto e estas percepções podem ter se alterado significativamente. Isto é, mesmo que os entrevistados tenham avaliado esse início de ERE como algo, de certo modo, “positivo” (“*é melhor do que não fazer*”), atualmente, com mais de um ano que já dura o ensino remoto, tal percepção “favorável” pode não ter perdurado.

Em relação a esse aspecto, do ERE, os veteranos do Curso também teceram críticas. Todos os entrevistados optaram por realizar o ERE. Mas houve quem estivesse revendo a participação, analisando se frequentariam no próximo período emergencial, uma vez que consideraram que há uma perda significativa nas relações de ensino-aprendizagem quando comparam o ERE com o ensino presencial. Apesar de terem participado, criaram a estratégia de fazer as matérias de menor interesse, pois “*sabia[m] que não aprenderia[m] tanto*”, foram aproveitando, então para “*eliminar*” as disciplinas de que não gostavam. Os que estavam mais para o fim da graduação se viram com pouca opção de escolha. Teve problema quem se planejou para fazer os estágios nos

últimos semestres da graduação, pois muitos estágios deixaram de ser oferecidos devido à pandemia. Uma estudante traz uma comparação interessante desse momento de ensino remoto com a vivência que teve em uma instituição de ensino superior privada:

Assim, me lembrou muito, na verdade, quando eu estava fazendo faculdade particular, porque ele é uma coisa mais, tipo, cumprir o que estão pedindo pra mim. Então tenho que mandar resenha até sei lá que dia, tenho que ler esse texto até que dia e eu acho que também esse sentimento é por estar na casa dos meus pais. Mas foi, assim, quando você tem contato com o ambiente, com o tipo de ensino da faculdade pública, pessoas e com trocas, é muito frio agora você sentar na frente do computador e você ter que fazer tudo isso através dele. E foi um pouco difícil pra mim. No começo eu tava até que embalada de conseguir ler todos os textos, de conseguir produzir tudo ok, conseguir entender a matérias, só que aí no final, do meio pro final, eu já tava... larguei mão mesmo, já tava bem mais difícil conseguir sentar e fazer o que eu tinha que fazer. Era mais como cumprir metas mesmo.

Não nos debruçaremos sobre este ponto neste estudo. Contudo, considerando que os veteranos já nos dão indícios das perdas referentes a essa modalidade emergencial de ensino, cabe já perguntarmos: que experiência de formação em Psicologia será essa?

Pois bem, apesar do pouco tempo de curso de graduação e da excepcionalidade do contexto de ensino remoto, os calouros puderam enriquecer nossas discussões com suas percepções acerca do importante momento em que se encontravam, o de entrada na vida universitária. Estes entrevistados demonstraram grande satisfação com o Curso e destacaram o acolhimento inicial que tiveram, principalmente por parte de colegas veteranos, do Centro Acadêmico e da coordenação do Curso. Os alunos do primeiro período de 2020 (aqueles que tiveram pouco mais de duas semanas de ensino presencial) destacaram, de modo especial, a experiência que tiveram, como pode ser vista nesta fala:

Foram mostrar o Campus pra gente, foram falar sobre os professores, falar onde e como a gente poderia recorrer, caso houvesse algum problema. E teve o piquenique também, que eu achei legal, que teve o apadrinhamento e eu acho que isso foi muito legal. Eu não sei se é por causa do curso de Psicologia que a gente já tem uma tendência a ser mais aberto a esse tipo de coisa, ou se é a faculdade, ou se é essa turma em específico que a gente pegou como veterano, mas eu achei muito legal mesmo.

Em relação a esse acolhimento, entre os veteranos também foi destaque a acolhida entre os pares, mas não se recordam tanto em relação à acolhida por parte da coordenação do Curso. Este ponto encontra ressonância em propostas como as de Ribeiro (2018) e Lima e Padilha (2020), que analisam iniciativas que se valem justamente de uma organização para o acolhimento entre pares no início da formação universitária. As iniciativas analisadas nestes dois estudos demonstram que experiências grupais de apresentação do ambiente universitário, das oportunidades e rotina acadêmicas, bem como a partilha de angústias e expectativas iniciais podem ser muito importantes tanto para os calouros acolhidos, que se sentem mais seguros e integrados, como também para os veteranos que os acolhem, que podem se sentir mais protagonistas no curso, além de desenvolverem habilidades importantes para a futura atuação profissional em Psicologia.

Vários estudantes entrevistados versaram justamente para o caráter relacional do curso, enfatizando que as conexões estabelecidas tanto entre pares quanto com professores e coordenação muitas vezes ajudam nos momentos de dificuldades, sejam elas teóricas ou mesmo “existenciais”. A abertura para questionamentos e a prontidão para a elucidação de possíveis dúvidas apareceram em suas falas como pontos de “tranquilidade” que amenizavam os impactos iniciais do ingresso em um “novo mundo” acadêmico. Houve até quem pôde fazer comparação, seja entre instituições ou entre colegas de outra área:

Fiquei completamente maravilhada, achei muito gostosa a vivência, é completamente diferente da vivência de quem faz uma faculdade particular mesmo, porque na faculdade particular eu entrava e saía e não tinha vínculo nenhum. Então quando eu entrei foi mais um momento de descoberta, de um novo espaço.

A forma como você é tratado, as coisas que são faladas é muito diferente. Isso pra mim foi um choque. Sei lá, os amigos que eu tinha, que eu não recebia muito deles e de repente pessoas que eu não conhecia tavam ali por mim, assim, pro que der e vier. Essas pessoas são realmente... elas se importam com você, independente de quem você é, de te conhecer de fato. E estar nesse contexto assim foi uma diferença muito grande pra mim, de uma coisa que eu nem sabia ser assim, sabe? Eu me sentia totalmente excluída e diferente antes de entrar na Psicologia e de repente eu cheguei num lugar em que eu me encaixava, sabe? Isso é estranho e é legal ao mesmo tempo.

Os estudantes dos primeiros períodos destacaram o componente curricular de “Seminários”, criado no período da pandemia, como um ponto importante em sua introdução no Curso. Para eles, esta disciplina, cujas aulas são ministradas por diversos professores, apresentando suas respectivas áreas de atuação e pesquisa, abre as portas para que possam reconhecer possibilidades de estudos e também atuação em pesquisas, projetos e programas de extensão e estágios diversos. É interessante pensar, neste ponto, que a referida unidade curricular não compõe o currículo atual do curso, embora vigore entre as mudanças propostas pelo NDE para a próxima estruturação da matriz curricular, que se encontra em fase de formulação.

Os estudantes de diferentes períodos trazem um aspecto da dinâmica do Curso que ora evidenciamos. Nas falas, foi destacado um caráter mais ativo dos alunos no processo formativo, isto é, a busca por estágios, grupos de estudo, pesquisa, extensão fica a cargo dos estudantes que precisam se atentar aos editais e realizar processos de seleção divulgados pela coordenadoria do Curso. Além disso, foi destacado que em atividades de ensino-aprendizagem, nas unidades curriculares, há um importante espaço para a construção pessoal do conhecimento, seja pela leitura prévia dos textos ou pela participação ativa nas discussões em sala de aula. Houve quem visse isso como um ponto positivo, entendendo como uma abertura maior, principalmente quando comparada à experiência do Ensino Médio, marcada por certa passividade na relação de ensino-aprendizagem, e quem caracterizasse este fato negativamente, como que uma exigência de “correr atrás”, destacando que isso pode favorecer que nem todos os alunos tenham as mesmas oportunidades. Podemos perceber esses dois pontos de vista nas seguintes falas:

A primeira coisa que eu achei muito interessante quando eu entrei aí [no Curso de Psicologia da UFSJ], eu não sei se é uma dinâmica da faculdade ou se é uma dinâmica da Psicologia em si, que foi... a gente, meio que uma... a gente se autoensina, não sei se é essa a palavra, porque a gente lê o texto antes de ter a aula com o professor e aí a gente meio que tem um primeiro contato mais ativo e aí depois, das aulas que tive presencialmente, foi um pouco assim: a gente levava as dúvidas pro professor, em vez de chegar lá sem nada e aí ter todas as informações passadas pelo professor. Isso presencial, né?

Eu participei do grupo de estudos [...]. Eu gostei bastante desse movimento acadêmico, além do escrito necessário. Por mais que tenham horas pra contar e seja necessário no caso, né, participar de atividades extras [atividades complementares], eu achei legal

sentir, não sei, sentir como a gente que tava ali, sendo capaz de transformar alguma coisa, de participar de fato, ao invés de só ficar sentada assistindo uma aula e fazendo trabalho.

Acho que tem muito essa coisa da sorte, do ir atrás. Acho que esses estágios deveriam ser oferecidos de forma mais ampla. Acho que tem gente que de repente tem a oportunidade de entrar em contato com certas coisas, com outras não. Acho bem complicado isso.

A partir desse ponto, podemos destacar também a marcada presença nas falas dos entrevistados de uma contraposição entre sala de aula e prática. Os estudantes referiam como prática as atividades de estágio, pesquisa e extensão. Esta oposição nos fez ver que a sala de aula é tomada pela maior parte dos alunos (e talvez, dos professores também) como um espaço mais restrito à teoria e mais centralizado no professor, ainda que, em alguns casos, haja mais abertura para participação dos estudantes. As atividades práticas, por sua vez, foram muito valorizadas como um espaço em que “aprendem mais e melhor”.

Então, pra mim a melhor forma de aprender, que serve pra mim, é quando eu tô mais no campo, mais ativa, dentro dos estágios, porque eu gosto muito de ler, mas se eu fico presa só nisso, eu me perco muito rápido, eu desanimo muito rápido. Então eu gosto de matérias que eles levam mais pra fora. Tipo, Psicologia Social a gente vê a coisa acontecendo. Quando fica mais no campo da abstração eu tenho um pouco mais de dificuldade.

Acho que na sala acaba ficando muito engessado, numa coisa de você tem que fazer prova e passar na matéria. E às vezes o professor dá a mesma aula há mais de 15 anos, sei lá [...]. O meu aprendizado na sala de aula acho que foi bem menor do que meu aprendizado nesses espaços práticos.

Estudantes que se encontram nos períodos finais do Curso alegam uma certa insuficiência da formação, ainda que tenham experimentado atividades práticas. Afirmam que a carga horária de práticas é insuficiente e chegam a colocar em questão se, inclusive, estão “prontos” para atuar como profissionais, se são “suficientes” para o exercício profissional: *Eu saí e tô pronta pra atuar?;*

A gente vê muita teoria, muita coisa e a gente se sente pouco preparado pra prática. Até porque a parte prática a gente tem até uma carga horária obrigatória, mas não parece [embora possa parecer erro de digitação, esta foi a palavra dita] suficiente, não sei...

explicar muito bem, mas parece que nunca é suficiente ali dentro da Psicologia, por tudo estar se relacionando com outras pessoas, na profissão mesmo, assim.

Resultado bem semelhante a este foi encontrado por Aquino (2013) em estudo realizado na UFMG, no qual os estudantes também falaram de insegurança frente à possibilidade de inserção no mercado de trabalho, responsabilizando a formação acadêmica recebida por tal fato. Apontaram a dificuldade em ver a aplicabilidade do conteúdo estudado, alegando que a formação praticada seria muito voltada à pesquisa e ao pensamento crítico, deixando falhas na dimensão da prática. Embora os resultados encontrados em nossa pesquisa apontem para uma direção semelhante, ponderamos que os estudantes que entrevistamos localizam essa dificuldade mais além da Universidade e/ou do Curso. Eles parecem atribuir, como na fala acima, a dificuldade de uma preparação suficiente à Psicologia em si, considerando que esta profissão é constituída por diversas abordagens e áreas de atuação. Em outras palavras, os estudantes que entrevistamos parecem compreender que a sensação de não estarem preparados, vivenciada especialmente ao final do curso, se relaciona mais à pluralidade da Psicologia do que ao Curso da UFSJ, especificamente, o que torna nossos resultados diferentes dos encontrados por Aquino (2013).

Alguns estudantes entrevistados destacaram a diversidade de perspectivas e abordagens oferecidas pelo Curso, o que, apesar da pluralidade da Psicologia como um todo, não é uma regra geral entre as instituições de ensino que oferecem esta graduação. Um estudante que começou os estudos em outra instituição federal pontuou que nela “*parecia ser só clínica*”, enquanto na UFSJ viu mais da social, descobriu outras possibilidades, como “*saber que o trabalho pode não ser só fechado no consultório e que pode envolver familiares*”. Um outro estudante que vinha de outra experiência formativa anterior também destaca: “*Num primeiro momento confesso que eu tava bem perdido. Na [nome da instituição particular em que começou a cursar Psicologia] parece que entrava e já tinha Psicanálise pra apaixonar [...] e aqui em São João senti que era mais aberto*”.

Este aspecto, embora tenha sido tomado como positivo por muitos, também foi colocado em questão por potencializar uma espécie de confusão, de dificuldade em organizar as ideias, escolher abordagens e áreas de atuação. Isto porque, dados os conflitos de ideias e a disputas conceituais que constituem o campo *psi*, alguns estudantes se veem em dificuldade para escolher a perspectiva a partir da qual vão atuar e tendo que se posicionar a partir de escolhas teóricas e práticas investidas de grande importância e, em certa medida, definidoras de um perfil profissional futuro. “*Não é um lugar fácil, porque são muitas perspectivas e muitas vezes elas entram em*

conflito e a gente tem que se virar”, ressalta uma estudante. Vemos, inclusive, nesse movimento, a demonstração de uma certa pressão pela definição de um posicionamento teórico dentro do campo Psi ainda na graduação, o que pode ser precoce. Tal movimento é capaz de tolher possibilidades de contato com diferentes campos e abordagens ao longo de um processo formativo.

A esse respeito, Bernardes (2012) faz importantes considerações ao analisar o desenvolvimento da formação em Psicologia no Brasil a partir da implementação das primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais, no ano de 2004⁶. O autor coloca em questão a organização proposta para os cursos, por meio da divisão entre ênfases curriculares⁷, argumentando contrariamente a esta perspectiva e a favor de uma formação generalista. Ele destaca as ênfases curriculares como herdeiras de uma prática de Psicologia Aplicada, que promove um paradigma da simplificação na área: sectarização do objeto de estudo, com o objetivo de um suposto aprofundamento especializado, mas que acaba, em um segundo movimento, promovendo associações simplistas dos conhecimentos psicológicos aos contextos onde a profissão se insere.

Ao defender a concepção de uma formação generalista, Bernardes (2012) destaca que não se trata da promoção de um “*pout-pourri*” de áreas e campos de atuação em Psicologia. De outro modo, o autor propõe uma ressignificação do conceito, defendendo que uma formação generalista seja aquela em que é possível promover cursos que respondam a problemas locais, que se envolvam com a realidade em que se inserem e a tomem de maneira mais integral. Trata-se, segundo ele, de vincular o perfil generalista da formação aos contextos locais de produção de práticas sociais/profissionais. Uma formação, portanto, bem localizada territorial e teoricamente, que se distancie do apelo à técnica como racionalidade prática.

Diante de tais colocações e tendo em conta as experiências apontadas pelos entrevistados no que se refere à pluralidade oferecida pelo Curso de Psicologia da UFSJ, podemos aqui apontá-lo como um curso mais próximo das proposições de formação generalista. Este apontamento se sustenta não apenas no que diretamente disseram os estudantes a esse respeito, mas também no reconhecimento dos diferentes e múltiplos caminhos trilhados por eles. Embora todos

⁶ Destacamos que no ano de 2011 houve a implementação de uma nova versão das DCN, que vigora até hoje e que futuramente será substituída pelas DCN de 2019 que aguardam promulgação

⁷ Definidas como “conjuntos delimitados e articulados de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia” (Brasil, 2011). Para mais informações a esse respeito, conferir: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192

vivenciassem o mesmo curso, apresentaram seus trilhamentos próprios de modo que permitiram ver uma diversidade de caminhos oferecidos por ele.

Outros estudantes destacam, ainda, o modo como a pluralidade de conhecimentos se apresenta também na Universidade como um todo. Incluem-se aí atividades, tais como, palestras e eventos, além da possibilidade de intercâmbio entre os cursos. Em outras palavras, trata-se das diferentes possibilidades de contato com conhecimentos também diversos, oportunizadas pelo ambiente universitário, onde convivem cursos de áreas plurais.

Eu gostava muito disso, de poder estar, sei lá, num outro lugar que não fosse a sala de aula. E eu acho que a faculdade dá muito disso, ela dá muitas possibilidades pra gente fazer isso, não deixa a gente presa lá dentro, tem muita palestra, a gente pode ver, pegar matérias em outros cursos. Eu acho isso muito bacana. Então eu acho que o material que tá sendo fornecido eu acho bem bom lá dentro, pra mim pelo menos.

Outro aspecto recorrente nas falas de diversos entrevistados é relativo à imbricação entre o espaço acadêmico e demais âmbitos de suas vidas. Falas como “*não sei se isso acontece só na Psicologia, mas...*” frequentemente acompanharam reflexões acerca de uma certa extrapolação dos conteúdos da Psicologia para outras áreas da vida, tais como os relacionamentos interpessoais e até mesmo para as autopercepções dos estudantes. Eles revelaram que o Curso promove muitas reflexões que os fazem questionar padrões estabelecidos, vivências e formas de lidar com o outro. Com isso, alguns estudantes destacaram uma certa dificuldade em delimitar o espaço que os conteúdos acadêmicos ocupam em suas rotinas, atestando que passaram a ver a Psicologia em todo lugar e, com isso, a falar muito sobre os temas de estudo, em todos os espaços. Nesse ponto, eles chegam a se queixar por não conseguirem “desligar” o aspecto profissional, demonstrando que as transformações ocasionadas pela formação têm um caráter estrutural, afetando suas vidas como um todo.

Você não tem uma chavinha de “agora estou trabalhando, vou virar psicóloga e depois eu desligo isso”, né, não tem muito isso. Então eu acho que é uma profissão que você fica o dia inteiro matutando coisas e... é... não sei se a gente se prepara muito pra isso também dentro da formação ou talvez se prepare demais, porque quando junta outras, uma pessoa que faz Psicologia com outra, numa roda de conversa, sempre vai ser o tema principal. Sempre vai colocar psico, teoria no meio. Então talvez a gente descanse muito pouco a

cabeça, sabe, nesse sentido. Então, acho que a crise é essa de não se sentir capaz e aí você vai conversar com outras pessoas também e às vezes o sentimento é o mesmo.

Muitos estudantes enfatizaram também a ocorrência de uma grande transformação pessoal impulsionada pela formação em Psicologia. Esta transformação, vivida intensamente de maneira especial no início do curso, se relaciona, segundo eles, tanto à entrada em uma Universidade, com toda a estrutura de transmissão e construção de conhecimentos que ela comporta, quanto aos temas do próprio curso, que dizem respeito a diferentes concepções de ser humano, de mundo e de sociedade, além das relações estabelecidas nesses âmbitos. Nesse sentido, é como teorizar sobre a existência, o que coloca uma série de questões aos estudantes e os leva, muitas vezes, a reverem os próprios padrões e condutas de maneira muito profunda.

Então, a gente ficou só três semanas, no presencial. E foram as três semanas que, por mais que seja muito pouco tempo, eu não consigo explicar direito o tanto que mudou. Alguma coisa dentro de mim começou a mudar bastante. Eu lembro que eu saía das aulas, de História da Psicologia principalmente, pensando: “meu Deus, o que é ciência?”, e pensando muito mais sobre muita coisa.

Relação com o Curso é bem de revelação mesmo. Acho que estar fazendo Psicologia, estar em contato com psicólogos e alunos de Psicologia o tempo todo, meio que mudou muito a minha vida. Em relação a pensar sobre as coisas que eu achava que eram de um jeito e não realmente eram, sobre aprender a questionar mais e rever tudo com outros olhos e de um jeito diferente. Coisa que eu não fazia antes de cursar Psicologia e que realmente fez a diferença, sabe? Realmente mudou a minha vida e ajudou em muitas coisas.

Eu acredito hoje que é difícil pensar quem eu era e quem eu sou sem pensar que tem uma Psicologia me atravessando todas as áreas da minha vida, tanto processos pessoais, quanto aquilo que eu desejo pro futuro, prospectivamente. Eu vejo que a Psicologia é um curso muito... Quando eu fazia [outro curso na área de humanas], eu conseguia sair da sala de aula e deixar a [este outro curso] num lugar. Psicologia não. Psicologia, onde você vai, ela cabe em qualquer lugar e às vezes até incomoda, no sentido que parece que você é só um ouvido ambulante. Porque é um curso que exige, humanamente falando, muito da gente. Um curso que vai ali mexer em questões pessoais, que vai demandar um trabalho

pessoal, que você tem muito contato humano, você lida com questões existenciais que são muito presentes. Eu vejo que é um curso que atravessa mesmo, em todos os sentidos. [...] Acho que se eu pensar quem sou eu sem a Psicologia, vai sobrar muito pouco espaço.

Ainda sobre a transformação proporcionada pelo Curso, os entrevistados muitas vezes qualificaram a experiência formativa, atestando seu caráter crítico. Foi possível notar que a valorização e/ou constituição de um pensamento crítico é recorrente na UFSJ, o que os entrevistados avaliam positivamente. Como pudemos perceber em suas falas, este parece ser um dos pilares no perfil do curso de Psicologia praticado nesta Universidade, evidenciado nas discussões e unidades curriculares de diferentes áreas.

Acho que ressignifica muito as coisas. Quebra muitos dos preconceitos, muitas das coisas que a gente já tem, que a gente cresce. Eu venho de uma família bem humilde, então eles ficam muito com os estereótipos dos preconceitos sociais. E a Psicologia permite que a gente reflita mais sobre isso, que a gente quebre algumas coisas que estão meio que enraizadas na sociedade onde a gente... onde eu cresci, pelo menos. Então eu acho que essa reflexão, mesmo que se eu não fosse atuar, se eu não tivesse a vontade de seguir na Psicologia, eu acho que eu ainda teria alguma coisa de muito significativo dessa formação mais reflexiva, de entender, de quebrar essas coisas, de... ah, de ter mesmo mais esse pensamento reflexivo. É crítico nesse sentido mesmo, de reflexivo, de ver mais lados das coisas. Pensamentos menos ideológicos, talvez... [risos], contra o que o governo⁸ diz, né, das áreas de humanas, eu acho que é ao contrário, eu acho que esse pensamento reflexivo nos ajuda a ser menos ideológico ou entender que, se a gente tem alguns ideais, claro, temos, mas entender os limites deles também.

Aqui, cabe retomarmos o trabalho de Aquino (2013), que analisa o pensamento crítico sobre a própria formação, construído ao longo da graduação em Psicologia. O autor descreve a noção de pensamento crítico, neste âmbito, como uma

capacidade de empreender uma discussão racional sobre o percurso da formação, refletir sobre os conhecimentos adquiridos/produzidos, reconhecendo a amplitude e a diversidade da psicologia enquanto ciência, bem como a natureza da prática profissional

⁸ A referência a “governo” precisa ser contextualizada. Trata-se do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (eleito pelo PSL e atualmente sem partido), e seu governo como um todo.

e, finalmente, os limites e as possibilidades da formação do psicólogo durante o período da graduação (p. 121).

A partir destas ideias, ao empreender sua pesquisa Aquino (2013) conclui que, no caso analisado, não havia a construção de um pensamento crítico com relação à própria formação. Ainda que os estudantes tomassem a crítica como um movimento importante na constituição das suas experiências formativas, isso não se estendia ao modo como o concebiam e relatavam. Em nosso estudo, porém, encontramos uma realidade diferente. Seguindo a mesma proposição a respeito do pensamento crítico, podemos dizer que identificamos o desenvolvimento de uma reflexão crítica a respeito do Curso e da formação vivenciadas na UFSJ. Em diversos momentos das entrevistas, como nos fragmentos acima citados, os estudantes apontaram potencialidades e limitações da graduação oferecida, referindo inclusive algumas possibilidades de encaminhamento para mudanças efetivas que podem melhorar a trajetória formativa oferecida. Além disso, citam por vezes a criticidade proposta pelos professores no empreendimento das disciplinas, estágios e projetos de pesquisa e extensão. Neste sentido, podemos apontar o caráter crítico como uma das marcas do Curso de Psicologia da UFSJ, considerando que se estende inclusive para uma autorreflexão, como atestam os estudantes entrevistados.

Por fim, há de se destacar que eles pontuaram o excesso de demanda por produtividade no Curso. Estas demandas, presentes em todos os espaços formativos (disciplinas, estágios, pesquisa e extensão), acabam, segundo eles, exigindo rotinas de estudo muito intensas, chegando a uma quantidade de exigências desnecessária.

Eu vejo que... a demanda que eu sinto... tem uma demanda pessoal, de autocobrança. Mas eu sinto que tem uma lógica ali de produtividade. Você tem que produzir um artigo, você tem que produzir no estágio, você tem que produzir nas disciplinas, você tem que produzir... como se em todos os âmbitos do Curso que você tem que fazer aquilo que você deseja exige uma produção que às vezes não tem sentido nenhum, que às vezes não era necessário tanto assim.

Além disso, houve quem assinalasse, nesse aspecto, que estas demandas se restringem, na maioria das vezes, a atividades puramente intelectuais, não havendo espaço para manifestações que incluam o corpo, por exemplo.

Acho que é um curso muito mental, como eu já disse, né? Podia ter muitas outras oportunidades mesmo, assim, baseadas só nesse campo de oferecer ideias, né, entende?

Ideias não são suficientes ou construções teóricas somente, mas eu acho que é a função do mundo acadêmico mesmo, né? Não tem muito como escapar disso. Então assim, eu acho que eu fiquei muito mais racional e não sei se isso pra mim é saudável não, sabe? [...] Acho que o corpo... não tá presente. Se demanda um tipo de demanda que não tem a ver com exploração dos outros sentidos, né? Só pensar, nem escrever...

Neste aspecto, consideramos, com Bernard (2016, p. 245), que seja legítimo levantar a questão da sociabilidade de nosso corpo, visto que toda a nossa educação é, em certa medida, a modelagem, a formação ou, mais exatamente, o bom condicionamento de nosso corpo segundo as exigências normativas da sociedade na qual vivemos.

Refletir a respeito dos usos — ou não — do corpo nos espaços educacionais e acadêmicos é importante, uma vez que os estudantes, assim como os demais agentes da formação, precisam ser vistos como sujeitos integrais, o que passa, necessariamente, pela dimensão do corpo. Este corpo, porém, traz muito mais do que sua presença física, mas porta marcas de um contexto sociocultural marcado por estruturas de saber e poder. Como ainda destaca Bernard (2016), os corpos são lidos em cada espaço e em cada tempo de acordo com os ideais ali vigentes. É por estas colocações que evidenciamos o fato de que os estudantes destacam a ausência de espaços para se colocarem corporalmente na formação, compreendendo que há, neste ponto, uma lacuna importante a ser observada, especialmente se a conectamos à ideia de uma demanda exacerbada por produtividade. A exaustão, a falta de espaço para os corpos e o sofrimento são alguns dos aspectos a serem considerados, portanto, quando pensamos nas problemáticas impostas pela formação.

Todos estes pontos acima levantados a respeito da formação em Psicologia foram depreendidos do material produzido nas entrevistas e agrupados a fim de melhor localizarmos as temáticas para as quais apontam. Porém, na realidade concreta vivida pelos estudantes ao longo de seu processo formativo, todos estes pontos e temáticas convivem simultaneamente, formando uma complexa rede de interconexões e interferências. Nesse sentido, apontamos, a esta altura, um conjunto de situações narradas por um entrevistado que demonstra o modo como esta complexidade se expressa e acaba muitas vezes produzindo sofrimentos nestes sujeitos.

Eu sempre fui muito centrado, sempre tive facilidade de fazer as coisas, de cumprir, seguir as regrinhas do professor. Então eu entendo a forma, não sei se isso me ajuda, sei que isso

não é positivo, de uma forma de pensar crítica, mas eu consegui entender a forma de avaliação ou a forma de lecionar do professor e eu sempre usei isso ao meu favor. Então eu, por exemplo, por mais que eu não concordasse com o sistema de avaliação, eu entendia o que o professor queria e fazia dessa forma, independente se eu gostasse ou não. Eu acho que isso é meio que uma sabotagem, mas... no sentido crítico, né? Mas eu via de outros lados. Eu acho que eu me angustiava mais vendo os colegas sofrendo nessas disciplinas já tidas como as disciplinas mais angustiantes do Curso de Psicologia, do que eu mesmo... Na verdade eu sentia mal em ver meus colegas sofrendo nessas disciplinas.

Várias vezes, nos corredores, a gente encontrava o colega desesperado porque ele não ia dar conta da disciplina; ou brigando com o professor porque o professor não podia fazer isso e a gente tem problemas no Departamento porque alguns professores são protegidos e as pessoas falavam isso, né? Às vezes alguns colegas tentavam ser críticos com a forma do professor lecionar e tinha esse corte. Se você pensar que é um curso que a gente tem que desenvolver um pensamento crítico e você não pode criticar o professor, não pode debater, eu acho que isso traz também bastante dessa angústia. Deixa eu ver quais ocasiões... Eu vi muitos colegas chorando nos corredores. Bastante!

A forma de cobrar. O pessoal sentia muito a forma de avaliação, o distanciamento do professor também, uma forma muito Ensino Médio de levar o ensino, esse ensino vertical, né? O professor que detém um conhecimento e o aluno não tem direito a se expressar ou opinar. Deixa eu ver o que mais... E eles colocam um certo terror psicológico de que a avaliação... se você não fizer isso, você não vai ser aprovado na disciplina. Eles parece que usam a nota a favor do medo, né, de colocar medo nos alunos. Eu acho que é isso que traz muito a angústia das pessoas, nessas disciplinas.

Estas falas aglutinam elementos importantes já mencionados, tais como os ligados à produtividade, formação de pensamento crítico e relações de ensino-aprendizagem. Porém, como é possível perceber, elas expressam bem a complexidade deste campo e o modo como os elementos se interconectam na vivência dos estudantes. Trazem, inclusive, o apontamento de um agravante: o dos “professores protegidos”, que coloca em evidência um aspecto da hierarquia acadêmica que parece agravar as dificuldades dos estudantes.

Podemos, então, perceber que as questões atinentes à formação animaram as narrativas dos estudantes e provocaram uma série de reflexões que miraram aspectos diversos. Tudo o que foi até aqui exposto se inscreve na vivência cotidiana da formação e marca, em maior ou menor medida, cada um destes sujeitos cujas falas compõem este texto. É importante, com isso, destacar que, como uma experiência humana complexa e multideterminada, a formação traz suas contradições e pontos de desencontro. Visamos, neste texto, expor as diferentes facetas e concepções apresentadas pelos estudantes nas entrevistas, a fim de expor justamente a complexidade do campo e, com ela, a importância do debate em torno dele.

Tendo, portanto, percorrido este caminho pelas veredas da formação e de como os estudantes a vivenciam, compreendem e narram, acreditamos que chega o momento de nos debruçarmos sobre a temática da saúde. Algumas pistas produzidas nesse percurso já permitem vislumbrar alguns entraves e dificuldades que se apresentam neste campo. Assim, no próximo tópico apresentaremos o que os navegantes puderam formular sobre saúde, buscando destacar não só estas dificuldades, mas também as potencialidades identificadas neste campo.

3.2 “Navegar é preciso. Viver não é preciso”⁹: O processo de (trans)forma(ta)ção em Psicologia e a saúde do estudante

“Ter nascido me estragou a saúde.”

(Clarice Lispector, *Antes era perfeito*, 1972/2018, p. 487)

“Como vai? Tudo bem
Apesar, contudo, todavia, mas, porém
As águas vão rolar, não vou chorar”

(Rita Lee, *Saúde*, 1981)

Na introdução – ou nossa nascente, como bem se orienta para o início de um processo de pesquisa científica, apresentamos alguns estudos que justificam a realização desta pesquisa. Encontramos, então, investigações que utilizaram instrumentos de medida (escalas, questionários)

⁹ “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: / “*Navegar é preciso; viver não é preciso.*” / Quero para mim o espírito desta frase, transformada / A forma para a casar com o que eu sou: Viver não / É necessário; o que é necessário é criar.” (Pessoa, 2021/1914).

para mensurar um estado de saúde dos estudantes de Psicologia e, com isso, categorizar, por meio dos chamados transtornos mentais, os saudáveis e os não saudáveis.

Nossa ancoragem aqui, porém, se faz em Canguilhem (1904/2005, p. 37), o qual enfatiza: “saúde não é um conceito científico, é um conceito vulgar”, ou seja, um conceito popular corriqueiro, o qual todos lidam cotidianamente. Assim, argumentamos, com Calazans e Lustoza (2008), que quando tratamos de saúde, não necessariamente estamos no campo de um debate puramente científico, ou seja, de um debate estritamente conceitual, mas envolve também questões políticas, econômicas, sociais e históricas. Por outra feita, trata-se de um debate em que diferentes formas de compreender o conceito são possíveis. Isto é, as concepções de saúde e doença estão em constante disputa ao longo do tempo e profundamente conectadas com a conjuntura político-econômico-social.

Os chamados transtornos mentais, por exemplo, são definidos a partir de uma época e de uma cultura. Exemplo disso é que uma determinada condição pode ser considerada como uma doença ou um transtorno em um lugar e em determinado momento histórico, ao passo que em outra conjuntura pode ser tomada – e até valorizada – como manifestação de uma divindade. Nesse sentido, é no mínimo questionável a forma como os diagnósticos têm sido colocados como verdade em nossa sociedade atual, sustentados por um discurso que muitas vezes toma apenas o corpo (e um tipo idealizado e padronizado de corpo) como referência, em uma perspectiva biologicista a partir da qual acontecem determinadas práticas médicas. Nesse sentido, é possível compreender o aumento dos diagnósticos de “transtornos mentais” na contemporaneidade (Castro, 2018), fenômeno que tem se estendido de tal modo que já é difícil encontrar alguém que não tenha um diagnóstico de transtorno, quando não com mais de um ao mesmo tempo, ou conviva com uma pessoa nessa condição.

Cientes disso, buscamos conhecer, então, quais as concepções de saúde que nossos navegantes traziam:

- O que é saúde para você?
- *Nossa, que pergunta difícil!*

- O que é saúde para você?
- [risos] *Nossa, é uma coisa muito ampla, né?*

- O que é saúde para você?

– *É complexo, né?*

– O que é saúde para você?

– *Nossa!*

– O que é saúde para você?

– [Silêncio]

– O que é saúde para você?

– *Nossa, se eu estivesse fazendo uma redação seria: “a OMS considera saúde como [risos] não só ausência de patologia”.*

– E por que não seria assim, aqui?

– *Só não colocaria porque acho que é um conceito muito preparado, muito redondinho. Eu acho que a intenção de uma entrevista é ver a nuance da pessoa, saindo dessa caixinha quadrada.*

Estes trechos das falas são representativos das reações que os estudantes tiveram diante da referida pergunta. Como podemos perceber, ela gerou um certo espanto. De algum modo, mesmo que a pergunta chamasse a uma resposta pessoal (o que é saúde **para você?**), pareceu a alguns entrevistados que eles estivessem sendo convocados a uma conceituação teórica; afinal, a saúde é um dos temas centrais da formação em Psicologia. Além disso, para alguns destes remeteu à ideia de que era preciso responder “corretamente”, por exemplo: *“Não sei se faz sentido isso. Não sei, saúde”*; *“Então assim, eu não tenho muita referência pra dizer o que é saúde, sabe?”*; *“Se eu tiver falado alguma coisa errado (sic), pode corrigir”*. Mas ao mesmo tempo convocou também a uma avaliação do próprio estado atual de saúde: *“Eu não sei se a ideia é pessoalizar, mas eu não sou uma pessoa muito saudável não”*; *“Em questão de saúde física, eu sou bem saudável. Fiz exames esses dias, inclusive, e deu tudo certo.”*; *“Essa entrevista tá me fazendo repensar o que é a minha saúde [risos]”*. De todo o percurso das entrevistas, esta questão foi a mais provocativa. Um sujeito, inclusive, pontuou: *“Eu acho que a gente trabalha muito saúde para os outros, agora saúde pessoal...”*.

Pois bem, convidamo-los a refletir e compartilhar conosco suas concepções sobre saúde. Além de reações de espanto, de responder teoricamente e de falar de seu próprio estado de saúde, as respostas trouxeram diferentes nuances da questão, as quais apresentaremos a seguir:

“Eu vejo como sendo um bem-estar, um equilíbrio entre mente, corpo e espírito, uma homeostase. Então é se sentir feliz, com uma capacidade de, se acontecer algum deslize, alguma coisa, você consegue se recuperar a partir disso”. Esta fala ilustra as respostas que apontaram para este equilíbrio que envolve diferentes aspectos. Vemos aqui uma noção de saúde atrelada também à ideia de felicidade. Em contraponto, tivemos respostas que colocaram em questão a ideia de equilíbrio, trazendo uma noção amparada numa discussão com viés mais crítico, como esta:

O que eu penso sobre ser saúde e doença, hoje, passa muito por um questionamento de definições clássicas normatizadas e tem muito de uma produção recente. [...] Então, saúde para mim vai ser mais um espaço de uma construção social-histórica, as definições e as expectativas do que é saúde. Eu acho que é muito hegemônica a ideia de saúde associada à felicidade, na sociedade de hoje. O saudável é ligado a ideais estéticos e comportamentais muito vinculados à sustentação de outras estruturas desta mesma sociedade. Estruturas produtivas e estruturas de dominação de capital. É lógico que a gente vai defender um modo de vida saudável, ninguém vai ser contra falar que alguém não deve ser saudável, mas o que é visto como saudável, eu acho que precisa ser questionado.

A concepção de saúde como bem-estar também se fez presente, como no trecho a seguir: *“Acho que saúde seria um bem-estar pessoal, assim, sabe, pegando no âmbito individual, saúde seria um bem-estar, poderia ser um bem-estar físico, emocional, não sei, mas acho que seria um bem-estar da pessoa conseguir viver com plenitude”.* Porém, houve também quem colocou esta noção em questão: *“Saúde pra mim é um conceito que não se separa de política, sabe? [...] É um conceito muito contextual. É uma coisa que, tipo, aquela noção de completo bem-estar pra mim não faz sentido porque é completo como? Bem-estar pra quem?”*

Houve ainda dissonâncias a respeito da ideia de saúde como ausência de doença, conforme expressam as falas: *“Acho que é isso: você fisicamente não estar sentindo nenhuma dor, estar se sentindo disposta e emocionalmente estar se sentindo tão bem disposta e tranquila, na medida do possível”;* *“Entendo que saúde diz muito não necessariamente só ausência de uma doença e acho que saúde é muito mais que isso. Tenho estudado isso também numas matérias. Saúde pra mim também perpassa qualidade de vida, perpassa realidade, a minha realidade”.*

Nesta última colocação é afirmada expressamente a influência da formação na construção das concepções de saúde expressas pelos entrevistados. Nesse sentido, de modo geral, as noções

apresentadas demonstraram considerar uma multiplicidade de fatores envolvidos em sua formulação, que é apresentada durante a graduação. Porém, enquanto alguns traziam essa multiplicidade mais conectada a uma divisão mente-corpo, numa perspectiva individualizante, outros apontavam a importância de uma conexão com o contexto, considerando também aspectos coletivos, como saneamento básico, moradia, relações familiares, entre outros. Também, como mostrado, tivemos respostas menos ponderadas e outras que denotavam discussões mais alongadas e com postura crítica. Nesta variação, notamos que esta última perspectiva era veiculada por estudantes que estavam há mais tempo no curso, isto é, não eram calouros. Este ponto, portanto, nos fez pensar na influência da formação nestas respostas. Este aspecto, inclusive, pode ser endossado com a fala desta estudante, que já se encontra no final da graduação:

Então, eu não sei definir saúde, mas acho que eu tenho mais do que a ideia que eu cheguei na faculdade: era bem doença, formas de ficar bem, técnicas, ferramentas, dispositivos, tecnologias de ficar bem. Hoje eu já consigo ver isso de forma mais rica. [...] Eu acho que mais para o fim da minha formação, eu fui fazendo uma veia um pouco mais crítica a respeito disso.

Por outro lado, notamos que nem todos os veteranos trazem essa perspectiva, como no fragmento abaixo, por exemplo: *“Então pra mim saúde é mais ou menos isso, quando tudo tá em harmonia, eu acho. As várias frentes de um corpo e da mente estão em harmonia. Acho que é mais ou menos isso.”*

Por vezes, os estudantes parecem repetir conceitos transmitidos sem necessariamente tê-los apreendidos (no sentido de uma incorporação transformadora do seu pensamento), o que não deixa de ser também uma forma de alienação. Ou seja, respondem com base em aulas e/ou textos com os quais tiveram contato no Curso, mas parecem estar ainda em um movimento de tentar se ‘convencer’ disso como podemos observar nas seguintes falas.

– Meu conceito está muito robotizado: estado de bem-estar psíquico, fisiológico, social... Acho que saúde...”

– Entrevistadora: Esse conceito faz sentido para você?

– Faz, faz sentido a conceituação. Tô tentando trazer mais pra mim. Então, faz sentido. Eu acredito que a gente tem que ter uma saúde, a gente precisa da parte fisiológica, biológica, precisa de um contexto social que nos agregue, que nos ajude a manter a saúde tanto física

quanto mental também e a saúde psicológica é... é essencial porque... eu perdi onde eu queria chegar. Tô tentando trazer isso pra mim, o que eu entendo como minha saúde.

Ontem eu tive uma aula [...] e a professora falou de saúde um bom tempo, sobre uma visão mais ampla de saúde que não seja o bem-estar biopsicossocial. Mas saúde? Pois é, mas agora eu tô com o que ela falou muito fresco na memória. Não sei se é meu, mas eu concordei.

Como vimos, há pontos de aproximação e distanciamento entre as concepções de saúde apresentadas pelos estudantes nas entrevistas. Nosso objetivo aqui não é o de qualificar ou escalonar essas concepções. De outro modo, trata-se de destacar a multiplicidade dos aspectos apontados e, precisamente daí, colocar em questão estas noções de saúde, discutindo as condições de sua fabricação e manutenção.

É notável que, ao expressarem suas concepções de saúde, muitos dos estudantes apontaram para elementos que remetem à noção expressa pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 1946, a OMS formalizou um conceito de saúde que perdura até hoje: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. Tal conceito, ao ser sustentado por um órgão de peso mundial, acaba por ser tomado como referência por grande parte dos profissionais e pesquisadores na área da saúde. Essa definição aponta para uma noção positiva de saúde. Porém, como bem apontam Segre e Ferraz (1997), trata-se de uma noção inatingível, tendo em vista o “estado de completo bem-estar”. Tal concepção dá margem para se considerar tudo que foge a isso como patológico, bem como medicável. Além disso, aponta uma visão desintegrada do ser humano, ao separar físico, mental e social.

Canguilhem (1966/2002) é, para nós, uma importante referência para essa discussão. Para o autor, normal e patológico são construções sociais. É estabelecida uma norma na sociedade a partir da qual pretende-se definir saúde e doença. O que faz parte da norma é tomado como “normal” e o que foge dela é, logo, patológico. Ou seja, as noções de saúde e doença então derivam dessa norma, que está inserida em um contexto político, econômico e social. Nas palavras do autor:

Não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis. Se essas normas forem inferiores às normas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes – no mesmo meio – ou superiores – em outro meio – serão

chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade (Canguilhem, 1966/2002, p. 113).

Também as proposições de Safatle (2011), ancoradas em Canguilhem (1966/2002), remetem à compreensão de que “o homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instituir novas normas, mesmo orgânicas” (Canguilhem, 1966/2002, p. 105):

Saúde é a posição na qual o organismo aparece como produtor de normas na sua relação ao meio ambiente. Até porque a norma, para um organismo, é exatamente sua capacidade em mudar de norma. O que implica uma noção de relação entre organismo e meio ambiente que não pode ser compreendida como simples adaptação e conformação. Um organismo completamente adaptado e fixo é doente por não ter uma margem que lhe permita suportar as mudanças e infidelidades do meio. A doença aparece assim como fidelidade a uma norma única (Safatle, 2011, p. 24).

Desbravando as noções de saúde que nossos navegantes nos apresentaram, e adentrando à relação desta com a formação em Psicologia por eles vivenciada, perguntamos, então, se esta formação afeta – no caso dos veteranos – ou poderia afetar – no caso dos calouros – sua saúde.

Neste item as respostas foram todas afirmativas, isto é, todos declararam que a formação em Psicologia afeta sua saúde, retomando, inclusive, os aspectos da formação abordados no tópico anterior (3.1 formação em Psicologia). Porém o termo afetar trouxe nuances diferentes, uma vez que houve considerações a respeito de afetações “positivas”, “negativas” ou as duas ao mesmo tempo.

Além dessa nuance, fez-se notar uma diferenciação entre as afetações provenientes do contexto de formação universitária como um todo e aquilo que é próprio das temáticas que compõem a formação no campo da Psicologia, especificamente: *“Eu acho que estar na faculdade em si é uma coisa que afeta minha saúde de várias formas: pela cobrança, por [falhou o áudio] que são muito desgastantes, alguns professores não ajudam muito”*; *“Psiquicamente falando, eu acho que o Curso afeta no sentido de mexer com muitas coisas, questões pessoais e existenciais, mas não tem um direcionamento para aquilo. Se você não procura uma ajuda por conta própria, aí fica naquilo mesmo”*. E ainda:

Tanto pelo tema abordado dentro da faculdade de Psicologia, que bate de frente com a gente, com o nosso indivíduo o tempo todo, quanto estudar, assim, quanto a academia

requer da gente também. Eu falo assim de cobrança, de não dormir, de passar dos nossos limites na hora de estudar e tudo mais. Eu acho que é mais ou menos isso.

Quando se referiam à academia, de modo mais amplo, os estudantes tenderam a expressar reclamações que miravam uma certa lógica produtivista, que por vezes se torna sem sentido, conforme destacado no tópico anterior, que rege a organização universitária, como vemos no fragmento a seguir:

Eu vejo que... a demanda que eu sinto... tem uma demanda pessoal, de autocobrança. Mas eu sinto que tem uma lógica ali de produtividade. Você tem que produzir um artigo, você tem que produzir no estágio, você tem que produzir nas disciplinas, você tem que produzir... como se em todos os âmbitos do curso que você tem que fazer aquilo que você deseja exige uma produção que às vezes não tem sentido nenhum, que às vezes não era necessário tanto assim.

O filósofo Byung Chul-Han (2018) traz importantes contribuições para pensar esta lógica produtivista, ao trabalhar o conceito de Psicopolítica. Partindo da ideia de biopolítica, proposta por Foucault (1976/1999), o autor problematiza a forma como o neoliberalismo tem imposto um ritmo de vida particular ao homem, que se vê constantemente impelido a produzir, em uma lógica que nomeia como “empreendedor de si”. Nesse modelo, patrão e empregado se fazem na mesma pessoa – vemos o exemplo dos motoristas de *Uber*, em suas jornadas de autoexploração de 24/7. A aparente liberdade proposta pelo empreendedorismo, na realidade, gera novas e maciças prisões às quais nos submetemos nessa reinvenção do capitalismo.

Neste sentido, nota-se como é impossível pensar o sofrimento psíquico em nossos dias sem considerar todas as estruturas – sempre permeadas por relações de poder – a que estamos constantemente submetidos. O fator econômico, que move o político, influencia diretamente na saúde do homem, ao impor medidas como o ritmo de trabalho e poder de compra, por exemplo. Boa parte deste mal-estar de que falamos pode advir de tais relações e da maneira como somos capturados pelo mercado.

Entendemos que a Universidade é reflexo da sociedade ou, mais ainda, é parte dela, é constituída na/pela sociedade e a constitui, numa relação dialética. Por isso, o meio acadêmico pode (re)produzir, de forma mais ou menos intensa, a mesma lógica de funcionamento – qual seja, a do neoliberalismo. O fato de nos preocuparmos com o adoecimento dentro da Universidade não nega o adoecimento fora dela. Inclusive, é uma preocupação de antemão, visto que são

profissionais sendo formados para atuar nos mais variados espaços. Preocupa-nos pensar que esse adoecimento está se (re)produzindo no contexto universitário, o que nos coloca a refletir sobre o porquê de as instituições de ensino superior serem epicentros de tanto sofrimento. Há um trecho de entrevista que destaca este ponto de modo expressivo:

Eu vejo que essa lógica de consumo e de produtividade é uma lógica que atende aquilo que a instituição quer, em certo sentido. Porque quanto mais você produz, quanto mais você faz, quanto mais você dá, parece que é sempre insuficiente diante do excesso de demanda que a instituição traz. Eu me sinto muito cansado. Essa é uma verdade. Como se cada semana fosse um boi pra matar. É um curso muito pesado.

Ainda na temática das afetações produzidas, os estudantes também apontam para relações específicas com o objeto de estudo da Psicologia. Neste aspecto, a ideia de afetar a saúde ganha novas nuances, uma vez que se incluem aí, segundo os entrevistados, reflexões existenciais que se relacionam a visões e posições no mundo e na sociedade. Trata-se, muitas vezes, no processo formativo, de transformar concepções pessoais, construídas ao longo da vida até ali, o que em muito mobiliza afetos, pensamentos e posturas:

Eu estar o tempo todo observando a relação das pessoas, a relação que eu faço com as pessoas e questionando isso, realmente pensando se dava pra mudar de alguma forma, sabe? É bom e ruim. É ruim pelo lado cansativo, desgastante de estar questionando tudo, mas é bom porque tem melhorado minhas relações e eu tenho ajudado as pessoas a melhorarem as relações delas também, sabe? Isso é legal.

Como diferenciado nesta fala e também destacado anteriormente, os estudantes demarcam este aspecto de transformação pessoal como algo positivo. Na maioria das vezes, encaram como uma certa evolução pessoal, um desenvolvimento pelo qual passam. Agrega-se a esta ideia, ainda, uma noção de expansão dos conhecimentos de si e do mundo. Neste sentido, o autoconhecimento é visto como um ganho do processo formativo, que afeta positivamente a saúde, conforme atestam os seguintes trechos: “Então, acho que positivamente por isso, por essa troca, por essa aquisição de conhecimentos, mas mais do que conhecimentos. Realmente é conhecimento, mas conhecimento pra fazer sentido pra vida, sabe?”; “Mas pra mim, como um todo, estar fazendo Psicologia tem ajudado mais do que atrapalhado, sabe? Tem melhorado muito as minhas relações com todo mundo e comigo mesma principalmente”;

Eu acho que afeta de maneira positiva. Não sei se é uma experiência pessoal ou geral, mas eu achei que o curso contribuiu muito pra melhora da nossa saúde, principalmente emocional, né, a gente entende algumas coisas. Pelo espaço ser tão acolhedor, tanto de alunos, quanto de professores.

Porém, ainda que esta afetação “positiva” muitas vezes se destaque, houve estudantes que também balizaram esta questão, especialmente demarcando pontos de dificuldade impostos pela trajetória formativa, que impactam negativamente seu bem-estar. Alguns destes pontos são: a) o questionamento constante de padrões e estruturas individuais e coletivas, tais como família, gênero, raça, comunidade, entre outros b) o contato frequente com o sofrimento do outro; c) a identificação com as psicopatologias; d) a insegurança para a atuação diante do vasto e complexo campo da Psicologia; e, ainda e) a frustração experimentada diante da constatação dos limites da profissão. Abaixo, alguns exemplos de cada um destes pontos:

a) Eu acho que é porque, aquilo que eu coloquei, né, como a gente é levado pra essa área muito crítica, isso acaba sufocando também um pouco a gente, nesse sentido de que a gente é crítico o tempo todo e a gente é levado a achar que a gente tem que ser toda hora muito crítico e muito questionador e isso às vezes é um pouco sufocante, não-saudável, se torna um pouco não-saudável.

b) Se deparar com o sofrimento também do outro, talvez quando a gente tá... se preparar para estar bem em receber o sofrimento do outro. Por exemplo, na clínica, a gente vê muitos casos que são, talvez, muito fortes, que se a gente não tiver um suporte tanto teórico quanto dos professores ou ter um preparo psíquico para aguentar isso, eu acho que a gente pode adoecer nesse processo. O próprio fazer reflexivo também... Essa questão da reflexão, às vezes a gente aprofunda demais em algumas coisas que podem trazer coisas... despertar algumas angústias.

b) Aí eu ficava: “gente, mas a gente só vai ver sofrimento, a gente vai se formar pra trabalhar só com o sofrimento?” Eu acho que isso tem um peso na nossa formação não só profissional, mas sim como ser humano também. Então eu acho que a gente tem um impacto muito forte na saúde, saúde mental.

c) *Mas eu acho que quando você tá em contato com o material da faculdade, você mesma para pra pensar, tipo: será que isso tem a ver com isso que aconteceu comigo ou isso dessa forma minha de agir? E a gente vai tentando se infiltrar na matéria e no conteúdo. A gente vai tentando se identificar, eu acho.*

c) *Eu acho que o ponto de se relacionar com alguns transtornos, tipo assim, você ter a primeira aula de Psicopatologia e não achar que você tem todos os transtornos que são falados ali, é muito raro. Eu acho que a maioria dos estudantes tem isso, pelo menos eu tive muito isso e ainda tenho, porque eu ainda tô fazendo Psicofarmacologia e aí vendo parece que... todos os sintomas... eu vou ter alguma coisa, sabe? Eu acho que isso mexe um pouco com a gente, mexe um pouco com o “putz, será que eu tenho isso aí? Será que vou ser diagnosticada com depressão, com TDAH, esquizofrenia?” Então, é... acho que esse contato tem a ver com uma outra relação, com... acho que com a saúde.*

d) *Tem episódios também da formação de... de meio que a... Eu acho que talvez seja em todos os cursos, né, isso de entender que você precisa ter certas competências para a profissão e eu acho que isso seja angustiante.*

e) *Eu sinto que, ao passo que é ótimo, né, porque compreendendo você consegue de certa forma ter um posicionamento e transformar a sua realidade mais próxima, eu diria, mas ao mesmo tempo a gente não é capaz de mudar o mundo, né, então é um conflito constante.*

Estes pontos podem ser geradores de angústia e há, ainda, quem saliente a ocorrência de “crises” na experiência formativa relacionadas a estas questões: *“Todo mundo tem uma crise, né, ao longo do curso. Acho que ninguém consegue passar por 10, 11 períodos sem ter uma crise de: o que eu estou fazendo aqui?”*;

Tive várias crises no 4º período, sobre achar que... questão de desilusão mesmo com o que pode fazer, que é uma profissão limitada, que é uma profissão que tem muitas questões. Não é uma profissão que é tranquila, tipo assim, uma profissão como qualquer outra.

Houve também quem pontuasse a incoerência entre aprenderem a cuidar da saúde dos outros e a falta de cuidado (da parte de si mesmo bem como da instituição) com a sua própria saúde:

A gente é treinado de uma certa forma pra cuidar da saúde dos outros. Na nossa saúde, não sei se o curso investe tanto nesse sentido. Não sei se deveria investir ou se seria um movimento mais pessoal, mas talvez sim.

Tô tentando trazer isso pra mim, o que eu entendo como minha saúde. Acho que entra no problema do, não sei, tentando generalizar, mas nós psicólogos... Nós psicólogos! Tô como psicólogo. Tendemos não olhar muito para nossa saúde psicológica de um certo ponto, né?

Diante destas afetações produzidas pela formação, perguntamos como os estudantes lidam com elas. Pudemos, então, identificar algumas estratégias utilizadas por eles para manejar estes atravessamentos. A principal delas, identificada na maioria das entrevistas, foi a do recurso à psicoterapia individual:

Eu acho que sim, eu acho que dá uma balançada sim, mas não necessariamente me prejudica. Mas ele interfere, né, atravessa na minha saúde. Tanto que eu faço psicóloga. [...] Na verdade eu acho que cuidar deixa que, não deixa, na verdade, a faculdade me atravessar tanto assim.

No mesmo sentido, um estudante pondera que, apesar de o Curso possibilitar reflexões sobre si e o mundo e assim promover um autoconhecimento, “*não exclui terapia, né? Acho que tem que continuar fazendo*”.

Além da psicoterapia, os participantes mencionam a construção de redes de apoio (colegas, amigos e professores) para dividir angústias e partilhar experiências, afinal: “*O que me ajuda muito é saber que, tipo, essa é uma experiência que não diz só da minha experiência*”. Nesse quesito, apesar do apoio dos pares (colegas e amigos) ser o mais frequente, valorizam, ainda, o apoio dos professores:

Eu acredito que a rede de apoio que a gente faz entre nós estudantes e ali nosso ciclo de amigos que a gente vai ali criando, que a gente vai se identificando. Depois da terapia, o que mais ajuda a lidar com esses processos pessoais acho que é a rede, a de apoio que a

gente vai fazendo entre as pessoas mesmo, nesse sentido que ajuda a elaborar essas questões que o curso abre e não fecha.

Como eu disse, eu acho que eu tive um suporte muito bom tanto dos professores que eu tive, quanto dos... tinha muitos colegas muito bons, amizades que apoiaram muito. E eu acho que pode ter sido o motivo de eu não ter sentido tanto alguns pesos da formação.

Também foi apontada a escolha por espaços e atividades que potencializam a construção de sentido no processo da formação, tais como alguns estágios, extensões e grupos:

E em relação aos nichos [referindo-se a algumas atividades] em que eu estava na faculdade, eram nichos que eu não considero como adoecedor, sabe? Professores que eram muito bacanas, que entendem desse rolê, então não tem aquela mão pesada pra fazer as coisas. Realmente tratam a gente sem muita hierarquia, sabe? Então eu acho que estar perto dessas pessoas durante a graduação foi uma coisa que protegeu minha saúde mental demais.

Sim, é um projeto de extensão da universidade. Extensão é maravilhosa! O mais importante da entrevista: extensão é maravilhosa! Porque é uma outra forma de se estar ali, de se estar com a comunidade e com as próprias pessoas da Universidade. Não sei bem explicar o que acontece, mas é diferente, muito potente.

Diante do excesso de demandas que se veem compelidos a atender durante a formação, os entrevistados referiram, ainda, à necessidade de pausa ou diminuição do ritmo de trabalho, bem como de distanciamento de discussões críticas, como maneiras de lidar com os atravessamentos da formação em sua saúde: *“Entrei num estágio de diminuição de coisas. Não tava dando conta. Tava começando a ficar muito ansiosa, muito aflita com o tanto de coisa que eu tava fazendo”*; *“Eu preciso de um tempo e não necessariamente ter que cumprir tintin por tintin de tudo que é exigido academicamente, saber respeitar meu tempo”*;

Ah, eu tento me afastar um pouco, assim, propositalmente eu tento me afastar, em alguns momentos, disso, de tentar entender qual que é o momento que eu devo ser crítica, que é

necessário e qual que é o momento que devo me afastar um pouco pela minha própria saúde mesmo.

Nessa direção, apesar dos transtornos e complicações, o contexto pandêmico foi um momento que possibilitou uma pausa, na qual foi possível até mesmo retomar ou dar espaço para práticas de cuidado consigo:

Agora depois da pandemia, apesar de, meu deus do céu, o apocalipse, mas eu acho que deu mais tempo pra, pra cuidar assim. Posso escolher o momento que eu vou ver uma aula, tá dando tempo de fazer um exercício físico.

Sobre esse aspecto, já pontuamos anteriormente sobre a importância de contextualizar o momento que os estudantes estavam do ERE, uma vez que suas percepções podem ter se transformado à medida em que foram se estendendo os períodos remotos, e talvez atualmente poderíamos ouvir opiniões em sentido contrário a esta de cima. Mas mesmo com esta ponderação, esta fala nos faz questionar: por que precisou se chegar a uma situação tão extrema, como é a pandemia de *Covid-19*, para que os estudantes conseguissem “arrumar” tempo para cuidar de si?

Por fim, alguns estudantes aludiram que não sentem sua saúde tão prejudicada pelo processo de formação em comparação com seus colegas, e acreditam que isso se deve ao fato de terem encontrado estratégias como as mencionadas acima, o que reafirma a importância delas: “*Mas eu acho que se eu não tivesse esse suporte, essas redes, eu acho que eu teria ficado um pouco mais prejudicado em questão, em termos de saúde mental mesmo, mais angustiado no processo*”. E na fala a seguir, além disso, o entrevistado adentra na questão da Arte:

Eu acho que a gente precisa dessas redes de suporte, eu acabo entrando na questão da Arte. Eu sempre mantive essas relações com grupos, sempre tocando com amigos [...]. Eu acho que sempre ajudou a mostrar um outro lado. E também o fato de ter um contato com a [nome da professora].

Nesta seção, apresentamos as noções de saúde expressas pelos estudantes, e identificamos suas percepções acerca da relação entre o processo de formação em Psicologia e sua saúde. Por fim, considerando as estratégias que foram mencionadas como formas de lidar com a saúde na formação, chegamos à temática da Arte que trará importantes contribuições para pensar esse ponto.

3.3 “Invento o cais”¹⁰: Arte como potência de saúde no processo de formação em Psicologia

“Mas se eu canto a dor que existe é que sei que, lá no fundo,
todo canto, mesmo triste, ameniza a dor do mundo.”

(Paulo César Pinheiro e Dorival Caymmi, “Voz de mágoa”)

“Ficar sem ar. Ficar sem arte. Ficar sem ar te sufoca.”

(Mariana Ruggiero, Ficar sem Arte, 2017)

Poderíamos começar esta seção de diversas maneiras, mas não podemos tratar como gota o “dilúvio” que, ainda no momento de encerramento desta pesquisa, enfrentamos não só durante nossa viagem de pesca neste rio, mas que abalou todo o mundo. A pandemia de *Covid-19* impôs a necessidade do cumprimento de uma série de medidas sanitárias, dentre as quais a principal foi o distanciamento físico. Este fato promoveu uma mudança radical nos modos de vida e socialização, uma vez que quase todas as atividades de trabalho, estudo e até mesmo lazer, precisaram se adequar ao novo cenário. Como se não bastasse a crise sanitária em curso e o desconhecimento inicial acerca do novo coronavírus e das consequências de sua proliferação, ainda se impõem neste cenário, especialmente no Brasil, questões políticas que afetam diretamente o enfrentamento da pandemia. Vimos (vemos) um crescente cenário de morte, negacionismo, desinformação, mentiras, descaso, corrupção que agravou (agrava) em grande medida os sofrimentos e angústias deste tempo.

E diante desse verdadeiro caos, a Arte se fez cais. Em meio às milhares de mortes, a Arte se fez viva. Pulsou e continua pulsando. Colocamos como uma das epígrafes deste tópico um poema de Mariana Ruggiero (2017) que traz a frase “ficar sem ar te sufoca”. Esta frase não poderia ser mais emblemática para este momento, em um cenário no qual acompanhamos pessoas morrerem por falta de oxigênio. Próximo à Floresta Amazônica, conhecida como o “Pulmão do Mundo”, assistimos a pessoas correndo, tentando levar ar a seus entes queridos.

A Arte aparece como respiro. Andrea Bocelli cantando “*Amazing Grace*”¹¹ em meio ao silêncio das ruas de Milão está registrado na memória. Artistas se reinventaram. Os coros formados

¹⁰ “Para quem quer se soltar / Invento o cais / Invento mais que a solidão me dá / Invento Lua nova a clarear” – “Cais”, música de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (1972),

¹¹ Assista ao vídeo disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=bpXwOSHTwsY>

por integrantes nas janelas de suas casas, as inúmeras *lives*, com cantores se valendo do meio digital para realizarem apresentações ao vivo, enquanto assistíamos de casa, sentados no sofá, deitados na cama. A Arte nos entreteve, emocionou, instigou à reflexão, trouxe-nos alguma esperança em meio a tanto sofrimento. A Arte se mostrou como um restinho de conexão, em meio a todo isolamento.

Pois bem, dissemos aqui que a Arte pulsou, se fez viva, se reinventou, se mostrou, foi ato de resistência. A Arte, portanto, é do que lançamos mão para seguir nos humanizando. É um modo de relacionamento consigo, com o mundo e com os outros, uma força de expressão e de movimento. É neste ponto, portanto, que a Arte se apresenta como uma potência importante a ser analisada e considerada, no campo dos estudos em Psicologia. Porque ela toca e reinventa o humano. Nas palavras de Barroco e Superti (2014, p. 23), “podemos entender que a natureza social da arte traz em si a relação com a psicologia, uma vez que a sociedade e toda realidade humana é forjada pelos homens nas relações sociais”.

Assim, quando falamos de Arte como potência, falamos justamente desta possibilidade de promoção de reinvenções de si, de mundos e de relações. Falamos, portanto, de um movimento que pode contribuir em grande medida para a formação dos profissionais psicólogos. Concordamos com Bachelard em sua obra “A poética do devaneio” (1988, p. 120): “Existe um sentido, acreditamos, em falar de análise poética do homem. Os psicólogos não sabem tudo. Os poetas trazem outras luzes a respeito do homem”. É por acreditar nisso que uma marca desta pesquisa é a aposta na investigação do caráter formativo da Arte, mas não do ponto de vista técnico, do uso da Arte como ferramenta para alcançar um fim determinado. De outro modo, trata-se da Arte como elemento constitutivo da formação no sentido de sua integralidade, ou seja, na perspectiva da humanização dos sujeitos.

Todos os entrevistados estabelecem alguma relação com a Arte: “arteiros”, artistas e apreciadores. Inclusive esta relação foi um dos principais motivos para o aceite deles ao nosso convite para participarem da pesquisa. Por meio de seus relatos, foi possível perceber que essa relação era anterior ao processo de formação em Psicologia. Todos mencionaram experiências que, ao longo da própria história, atestam seu envolvimento com alguma forma de Arte, e embora cada sujeito tenha apresentado seu modo de se relacionar com o campo artístico, a maioria deles se colocava como produtor de alguma manifestação artística.

Nesta etapa da entrevista, a temática suscitou experiências mais pessoais, de modo que foi o momento de mais proximidade entre entrevistadora e entrevistados. Falando de Arte, muitos se remetiam a familiares artistas, a experiências que vinham desde a infância, por exemplo. Enquanto pudemos perceber que as indagações sobre saúde foram mais provocativas, despertando maior reflexão, vimos que as respostas relativas à Arte foram marcadamente mais afetivas. Neste ponto, pretendíamos compreender qual relação os estudantes já tinham com a Arte e, a partir disso, identificar possíveis transformações nessa relação com o ingresso na Universidade, bem como a influência que esta relação poderia ou não exercer sobre seus processos formativos. Trazíamos algumas pistas a esse respeito, extraídas do trabalho de Silva (2004). Na pesquisa empreendida pela autora, os estudantes revelaram que, com o ingresso na Universidade e o avanço do percurso formativo na Psicologia, seu contato com literatura, poesia e música foi abandonado, em nome das crescentes exigências da rotina universitária. De posse desses dados, buscamos então observar se a realidade dos estudantes que contribuiriam com nossa pesquisa se aproximava ou distanciava daquela encontrada por Silva (2004) e ainda mapear algumas das razões que sustentam este processo.

O primeiro ponto relevante para as análises empreendidas diz respeito à expressão “válvula de escape” que foi frequentemente utilizada pelos entrevistados para caracterizar a Arte. Esta expressão, advinda da mecânica, é bastante reveladora do caráter de potência da Arte que aqui queremos destacar. Isto porque tomar algo como uma “válvula de escape” aponta para um sistema de pressão elevada, que ultrapassa os limites de segurança e necessita de vazão para não explodir. Uma metáfora muito pertinente, portanto, quando se trata do ambiente acadêmico que, como já mencionado, é repleto de pressões por todos os lados: produtividade, notas, desempenho, atividades práticas, teorias conflitantes, entre inúmeros outros elementos que fazem com que os estudantes muitas vezes se sintam sobrecarregados, precisando recorrer a algo que lhes permita uma vazão de sentimentos, estresse e emoções. É aí que a Arte se apresenta como uma importante aliada, especialmente por sua capacidade de movimentar todos os sentidos. Conforme exprimem os seguintes trechos: “*É meio que um refúgio assim, pra todo mundo, sabe, de se gostar, de se apreciar, de ter alguma coisa que é meio que uma válvula de escape, um refúgio mesmo pra todos os problemas da vida, sabe?*” ou, ainda, “*Mais como uma válvula de escape. Não tem a obrigação de criar coisas, é mais por necessidade mesmo*”.

Seguindo a linha desta relação de “válvula de escape” dos entrevistados com a Arte, houve formas diversas (e, podemos dizer, complementares) de referi-la e caracterizá-la: seja partindo do momento de vazão, do “expurgo”, em que se busca “*uma forma de fugir da realidade*”, “*desafogamento que chama, né?*”; ou da tranquilidade experimentada por meio desta relação, sendo a Arte também caracterizada como “*uma forma de descansar*”. Esta percepção de fuga não se restringiu a um subterfúgio, isto é, a um descompromisso, mas como bem pontuou um de nossos entrevistados, é também uma “*forma de encontrar um outro caminho para depois voltar para o mesmo, [mas] voltar de um jeito diferente*”, isto é, um espaço de (re)invenção. Vejamos alguns fragmentos que complementam estas observações: “*Então a Arte meio que me ajuda. Quando eu tô triste eu gosto de desenhar, eu gosto de escutar minha música, porque aí as coisas ficam menos pesadas*”;

Eu acho que é o que me ajuda mesmo a distrair, a fugir um pouquinho desse caos. Acho que toda vez que eu paro, tenho um tempinho pra ouvir música, eu desligo um pouquinho de tudo que tá acontecendo. E eu acho que é um momento que eu consigo me tranquilizar.

Então, de uma certa forma eu me expresso também artisticamente, de um jeito, claro, né, amador. Mais por uma questão mesmo de escape, talvez. E é importante pra minha mente, assim, acho que muitas vezes quando falta algum sentido nas coisas, é o que faz a gente dar mais... criar um sentido mesmo, criar uma coisa que faz pra gente bem. Me ajuda nesse sentido.

Podemos perceber que estas diversas formas apontam para um lugar comum. Um lugar, “*um refúgio*” onde se é possível uma vazão de sentimentos e/ou sensações e que tem como resultado não só a produção artística em si, mas também um certo alívio, um alento em meio às dificuldades e pressões. De diferentes modos, a Arte é caracterizada como “*fundamental*” e, além disso, nas palavras de um dos estudantes: “*a Arte é uma relação... [risos], uma relação que eu considero saudável*”. Houve, ainda, quem relacionou a própria vida com o fazer artístico: “*Passsei a pensar a Arte como vida, a minha vida é uma arte, entende? Cada instante, cada movimento da minha existência é uma produção que tem esse valor de construção como Arte, né?*”

Outro ponto apreendido do material produzido nas entrevistas é o da “inutilidade” da Arte. Alguns estudantes, enquanto contavam suas experiências artísticas assinalaram que a Arte pode ser tomada como algo “inútil”, por não ter uma finalidade específica ou por não se prestar a

explicações ou funções determinadas, apesar de ter sido evidenciado seu caráter potente de criação, de vida e de saúde:

Hoje tenho a Arte como algo essencial e ao mesmo tempo algo, estranho eu falar essa palavra, mas inútil, entende? São as duas coisas: pra mim é uma coisa extremamente essencial, mas que não tem uma explicação em si e por isso o inútil.

Nesse sentido, embora apontem benefícios da Arte para suas vivências, eles também ressaltam este caráter “inútil”, que parece ser, inclusive, o que torna a Arte tão potente: “*Pra mim, Arte tem muito a ver com isso, como aquilo que se manifesta como criativo na vida, não necessariamente com uma produção que vou oferecer pro outro, sabe?*”

Seguindo adiante, a respeito da relação dos estudantes com a Arte antes e após o ingresso na Universidade, perguntamo-lhes: teria, esta entrada, modificado o modo como eles lidam com a Arte? Como observou Silva (2004), muitas vezes há um abandono das manifestações artísticas com a entrada na Universidade. Nas entrevistas, a esse respeito ouvimos respostas divergentes: alguns estudantes, quase todos calouros, apontaram não ter percebido ainda nenhuma alteração nesta sua relação com a Arte, enquanto outros apontaram mudanças significativas, seja mirando a uma aproximação ou a um distanciamento da vivência artística.

Um fator marcante apontado por aqueles que afirmaram que sua relação com a Arte não se alterou após o ingresso na Psicologia, foi justamente o pouco tempo no Curso. Há, porém, uma resposta dissonante deste grupo, que marca um outro aspecto da questão: o caráter de resistência diante da tendência de formatação da produção escrita que se processa na vida acadêmica: “Eu não acho que a minha relação com a Arte mudou. A escrita, por exemplo, é uma relação tão fundamental, tão essencial, tão... é... tão verdadeira que eu não sei, sabe, se isso pode ser mudado não”.

Aqueles que revelaram uma aproximação da Arte, pontuaram que sentiam um aprofundamento em sua relação com variadas expressões artísticas, especialmente no que diz respeito à sua interpretação. Interpretação, muitas vezes, animada pelos conhecimentos construídos ao longo do Curso. Ou seja, os temas estudados na graduação e as habilidades que ela desenvolve são indicados como modificadores das relações com obras de Arte, o que não foi necessariamente qualificado, mas apenas destacado, como exemplos: “*ler algumas coisas com um olhar mais atento*”; “*o que será que tem por detrás dessa história? Não que eu descubra de fato alguma coisa nova, mas só o fato de eu me questionar já é uma mudança que eu senti*”.

Quando miravam a uma produção artística, os estudantes que aludiram uma maior aproximação da Arte, após a entrada no Curso, focaram a transformação do seu fazer artístico: *“Muitas coisas que eu estudei e passava dentro da faculdade mesmo, elas serviam não só de inspiração, mas me ajudavam a produzir uma coisa mais bem feita”*; *“Eu até falo que se eu não estivesse na Psicologia ou não estivesse fazendo terapia, provavelmente eu não estaria produzindo. Então pra mim é indissociável, sabe, a faculdade, a minha formação mesmo, da Arte, da minha arte, né, no caso”*.

Aqueles que revelaram uma diminuição significativa no seu contato e produção artísticos, reportaram a falta de tempo ou o excesso de demandas acadêmicas. Algumas falas apontam ainda para uma espécie de contraponto entre Arte e Academia, isto porque o contato com a Universidade e seus modelos científicos muitas vezes parece pretender extinguir outros modos de expressão e, entre eles, os artísticos. Nesse sentido, houve quem se questionasse se seria preciso escolher entre ser artista ou acadêmica e em quais espaços seria possível assumir cada um desses papéis. Todavia, fica nítido também uma busca, ao longo da trajetória no Curso, em resgatar este contato, com a Arte, que fora diminuído.

Um primeiro momento foi um momento de deixar um pouco de lado, de não saber que ia caber alguma coisa que fosse artística dentro do Curso. Pra mim ia ser só o academicismo ali e não ia ter como encaixar. Mas aí depois veio (sic) os estágios de música que foi muito legal, aprendi muito nessa experiência... e que dava pra encaixar.

Acho que teve um ponto importante que eu não toquei que é a dificuldade de se identificar com os dois rótulos: com o psicóloga e com o ser artista, porque os momentos de brecha que você consegue juntar os dois, fantástico. Mas a maior parte do tempo vai ser meio que um, ou tem sido pra mim, como uma concorrência. Eu queria passar mais tempo me dedicando à Arte. Eu passo muito tempo com as coisas da Universidade, que são importantes para mim, mas que sugam muita energia. Então, querendo ou não, eu consegui abrir mais espaço para certas produções agora pela quarentena.

A escrita poética, aqui, parece ser a mais afetada por esta dicotomia, sendo exigido um modelo de produção que quase sempre não comporta, por exemplo, tal forma de expressão. Talvez pela marcada presença da escrita na formação em Psicologia, esta seja a expressão mais afetada e, com isso, a que mais foi citada pelos entrevistados. Esta dificuldade em comportar a “*veia*” artística

nas produções acadêmicas demonstra, em certa medida, que a Arte ainda é vista como uma via alternativa de expressão, que por vezes não é aceita nos espaços formativos instituídos. Assim atestam algumas falas, como estas:

Quando eu entrei na academia, em um primeiro momento, eu não via exatamente espaço para que aquela escrita entrasse ali. Era uma outra forma. Eu escrevo poemas, crônicas, nesse estilo. Entrar na academia foi aquele choque com uma escrita muito formal, com uma tensão de forma, conteúdo diferente do que a liberdade artística permite. Nos primeiros semestres isso foi um pouco desafiador para mim porque... Eu conseguia me encaixar no molde ali, tá? Mas algo ainda ficava meio que me incomodando, o fato de eu não conseguir usar esse meu lado, essa minha forma de expressão naquilo que eu tô me formando.

Alguns estudantes referiram-se também a um processo de “engessamento” vivido a partir da entrada no Curso. Isto porque a vida acadêmica é normalmente tomada por uma certa estrutura rígida de produção, que tem formas bem definidas. Esta “dureza” dos textos acadêmicos, que se expressa tanto no material formativo oferecido pela maioria dos professores quanto na produção exigida dos estudantes, acaba por muitas vezes tolher a sua capacidade criativa, empurrando-os para uma reprodução de modelos pré-estabelecidos, quase sempre frios e impessoais. Ora, justamente o oposto do que a produção artística propõe. Nesse sentido, muitos dos estudantes que alegam terem se afastado da Arte enfatizam esse ponto do “engessamento” como um processo vivido:

Uma coisa que também eu percebo, assim, tipo, ao longo da minha formação, eu fui tendo muito contato com artigo, texto acadêmico, coisa científica, né, que tem também no Curso, então isso tudo, de uma certa forma, vai engessando a gente. Até talvez por essa parte que eu estou ter sido muito teórica, eu percebo que às vezes eu fico até um pouco desconectado do mundo sensível, então a Arte é uma forma também de sensibilizar porque às vezes a gente tem contato com muita coisa ruim, muitos problemas, a gente se torna um pouco insensível. E acho que a Arte envolve muito em recuperar a sensibilidade.

E, assim, eu tô te falando dessa coiseira toda porque eu vejo minha relação com a Arte muito pela via da poesia, não só dos poemas, mas assim, eu gosto de coisas poéticas, eu gosto de coisas que tocam, seja na música, seja na escrita, seja em livros. Eu gosto muito

de ler poesias. Então, assim, isso são coisas que eu acho que me organizam um pouco, sabe? Me tira um pouco desse foco de tar raciocinando o tempo inteiro e eu acho que isso me deixa melhor.

Ainda complementando estas colocações, ouvimos, nas entrevistas, falas recorrentes atestando que as exigências acadêmicas, especialmente no que diz respeito a uma produtividade acelerada, obstaculizam a produção e a fruição artística, relegando esta apenas aos “momentos de folga”, que por vezes são raros. Neste sentido, os estudantes denunciam a falta de espaço para produções que se valham da Arte, em alguma medida, no interior da formação:

Eu acho que a Arte é muito mais sobre o poder de reverberação dela. Então não é o que eu produzo pra mim, mas o que é capaz de nascer a partir do encontro do que eu produzi com, como você é tocada por isso. Acho que Arte é encontro e muitas vezes esse encontro é impossibilitado pelas exigências acadêmicas e pelas exigências do que é ser um profissional.

Eu penso que principalmente pela sobrecarga. Assim, não sobra tempo pra você fazer outras coisas a não ser estudar e isso é tido como o normal, porque você tá por conta de estudar, né? Então é tido como normal que você só tenha tempo pra isso.

Houve quem notabilizasse uma produção artística que acontece no espaço do *Campus Dom Bosco*. Seja por meio dos saraus, rodas de violão ou de outras intervenções como grafites, por exemplo, esta dimensão representativa foi demarcada por quem teve experiências de formação presencial. Nesse sentido, talvez seja possível demarcar que o CDB oferece, de certa maneira, um ambiente favorável à relação dos estudantes com algumas manifestações artísticas:

Eu acho que no Dom Bosco, principalmente, acho que a gente tem esse contato, já presenciei em sarau, em congresso, sempre tem alguma coisa assim. Ultimamente tinha aquele Fórum de Artes das Vertentes¹², né, que eles fizeram algumas artes pelo Campus.

¹² Um grupo de artistas formado no movimento Okupa, em 2018, que aconteceu na UFSJ, organizaram o 1º Fórum de Arte Urbana das Vertentes (FAUV), realizado no *Campus Dom Bosco*, de 29 a 31 de agosto de 2019. Proposto por membros da comunidade estudantil e incentivado pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Proae), o FAUV buscou “refletir sobre o papel da arte e do artista no meio urbano e suas influências nas pessoas, no cenário e no cotidiano da cidade” O FAUV visou “reunir a comunidade local, artistas, estudantes, professores e representantes das instituições ligadas à preservação do patrimônio e do aparato arquitetônico de São João del-Rei”. Do FAUV surgiu o Laboratório de Arte Pública (LAP). Informações disponíveis em: <https://www.pgadm.ufsj.edu.br/noticias_ler.php?codigo_noticia=7648>, <<https://www.facebook.com/grupodepesquisahipatia/photos/a.102525464764457/311499090533759>>.



Figura 4. Visão externa da sala ocupada pelo FAUV (Foto de Matteo Recinella)

Quando os estudantes mencionaram as experiências artísticas proporcionadas pelo ambiente do CDB, os saraus foram marcadamente os mais referidos e os que mais movimentaram seus afetos. Há especial destaque, inclusive, para os saraus do CONVEP, momentos que se tornaram uma identidade do evento no que diz respeito ao reconhecimento do papel da Arte na formação em Psicologia. Os saraus foram definidos como *“Espaço de ver as pessoas do curso mostrando o que elas fazem além do curso”*, o que muitas vezes surpreende os estudantes: *“Você olha pra fulana e não imagina que ela tem aquela voz”*;

É um espaço para mostrar para as pessoas que quem tava ali, a gente que tava ali não é só estudante mesmo, a gente tem outras áreas da vida [risos]. Como a gente só se encontra na faculdade, às vezes parece que é só isso que a gente faz. Acho que é mais isso mesmo, um espaço de mostrar outras potencialidades ali e ficar de boa. Sei lá, quando eu penso no sarau, eu penso em alguém cantando e fulano dançando com a comida na mão. Eu penso nisso: num momento de descontração.

Nossa, que saudade [do sarau], a gente tava pensando como fazer um sarau online. Mas a riqueza que tem nisso de... de... Acho que é provável até mesmo uma afetividade maior entre nós estudantes de Psicologia, quando a gente tem essa possibilidade de expressar a Arte, de vivenciar a Arte dentro da Universidade. É diferente do que cê, sei lá, ir para um

barzinho onde tem alguém falando poesia ou escutando uma música. É diferente, é muito diferente. Eu acho que era pra ter mais, devia ter mais esses momentos assim. Eu sinto um pouco de falta.



Figura 5. Registro do sarau no 2º CONVEP, realizado em 2018 (Foto de Daniel Sarsi Orta)

É importante, porém, destacar que os entrevistados apontam a presença destas intervenções artísticas como iniciativas do próprio coletivo de estudantes, deixando ver o caráter ativo da promoção de espaços favoráveis à Arte na Universidade. Estes espaços, inclusive, são apontados como “brechas” no funcionamento acadêmico, o que atesta, mais uma vez, a forma dura que a organização acadêmica tem para os estudantes. Estes pontos podem ser vislumbrados nas seguintes falas:

Na própria Psicologia sempre tinha ali uma rodinha, né? Quando a gente ainda tava no prédio lá embaixo, no intervalo sempre a gente tava juntando pra fazer alguma coisa, alguém levava um violão. Então, assim, eu acho que esses espaços eram muito às vezes organizados em algum evento, mas pela própria coletividade acadêmica ou então um pouco espontâneo mesmo.

Eu acho que eu vi muito esses espaços como promovidos pela própria coletividade, com os alunos... Às vezes os professores até participavam, mas em grande parte pelos alunos e

eu acho que muito mobilizado pela música. Eu sempre via esses espaços estando quase sempre mobilizados pela música.

Os estudantes citam alguns professores, disciplinas e estágios em que podem se expressar de maneira mais artística, o que entendem como mais livre. A necessidade de apontar estes espaços e nomeá-los demarca que a possibilidade dessa expressão ainda se reveste de um caráter de excepcionalidade. Une-se a isso o apontamento de que, ainda que haja participação dos professores nesses espaços, ela é incipiente. Todos os estudantes que os referiram o fizeram sublinhando a potencialidade que estes têm, especialmente no que diz respeito às suas expressões singulares. Trata-se, ao que permite ver o material produzido nas entrevistas, de uma sensação de poder se colocar mais efetivamente no trabalho desenvolvido, seja ele teórico ou prático. Abaixo, alguns fragmentos que exemplificam este ponto:

É um respeito também com a forma como eu consigo expressar as minhas ideias e os meus sentimentos. Eu tive sorte que minhas orientadoras [de pesquisa] aceitam isso e eu me sinto livre para colocar uma poesia no meu artigo. Estou na minha segunda. Chegava e falava assim: “é esse o jeito que escrevo. Vou fazer contagem de caracteres, a formatação APA e a separação em seções, tudo isso, mas eu vou escrever desse jeito”. E isso foi visto com bons olhos, eu não fui podada nesses espaços. Eu agradeço muito.

Isso mudou um pouco com algumas brechas. Houve disciplinas em que eu pude explorar mais esse lado, seja por outros tipos de entrega de texto, seja por professores que incentivaram esse olhar diferente, falar “olha, é possível. Tem outros caminhos. Você não precisa matar essa parte”, seja também por esses espaços de trocas, os saraus. Eu nem conhecia esse termo, mas quando eu entrei na Universidade e comecei a ver saraus em congressos [CONVEP], eu me arrisquei a participar daquilo.

Quando há esta abertura – ela mesma [a professora] se surpreendeu com os materiais que estão sendo criados – há possibilidade de outros tipos de criação e outras formas de expressão, menos engessadas e menos repetidas. Há muita repetição e formato dentro do Curso. Mas quando há brecha e quando há espaço, talvez você possa fazer outra coisa. Há estímulo, se tiver acolhimento também. Não é só oferecer espaço, mas também como vai ser o recebimento desta produção. [...] Mas mesmo aqueles colegas que não têm essa

veia como algo de identificação, se arriscam e se aventuram e se surpreendem até com eles mesmos, sabe? Então pra mim, a Arte segue sendo esse espaço de possibilidades, de fazer outro, de uma formação outra. E isso reverbera não só dentro de sala, mas também nos espaços de extensão, nas pesquisas e tudo que é a Universidade.

Mesmo que haja uma concepção de clínica e até mesmo da Psicologia de modo geral fortemente ligada à tradição positivista na Academia, estivemos atentos ao modo como os entrevistados destacaram a abertura de professores para produções artísticas de seus alunos, bem como professores que lançam mão de material artístico em suas aulas. Um dos entrevistados, por exemplo, citou uma aula em que um professor passou um clipe musical a fim de discorrer a respeito da memória como processo psicológico. Lembrou, ainda, de outro professor que utilizou material audiovisual a respeito do movimento Slam¹³ para tratar a temática da Consciência Negra. Outra estudante aponta ainda: *“Eu consigo lembrar de alguns poucos, né, mas que trazem uma música, alguma obra de arte, pintura, pra fazer algum paralelo em algum tema que esteja sendo explicado. Filmes também, né, a gente vê alguns.”* Mais uma fala bastante representativa neste sentido é a transcrita a seguir:

Lógico que tem alguns professores que conseguem concluir essa proposta de reflexão e de realmente de ser uma coisa ligada, porque uma coisa pra mim é um professor falar: “olha, escuta essa música!” Sei lá, tentar propor algum momento dentro de sala de aula onde a gente vai assistir algum filme, ouvir alguma música e a gente vai discutir brevemente sobre. E outra coisa é quando a gente realmente tem um contato com o texto e traz isso durante a discussão da matéria, não como um todo, mas da matéria com sua completude. Não é só um pincelar, mas algo mais aprofundado e fluido. Acho que são poucos professores que têm essa capacidade e também são poucas matérias que deixam que isso aconteça. É essa a impressão que eu tenho.

É importante refletir a respeito deste uso da Arte nas unidades curriculares, pois algumas vezes este modo de aproveitamento parece se configurar como uma espécie de pedagogização da Arte. O processo de pedagogização, segundo Zanetti (2018), se dá por meio da “disseminação de

¹³ *“Slam poetry é uma forma de poesia performática criada por Marc Kelly Smith em Chicago na década de 1980, que a partir de então ganhou adeptos em diversos locais do mundo. De acordo com o seu precursor, essa modalidade se baseia em cinco pilares principais: poesia, performance, interatividade, competição e comunidade. Relatos desses eventos têm demonstrado a especial afeição dos poetas pela abordagem de temas sociais e políticos em seus discursos.”* (Silva, 2018, p. 1).

enunciados oriundos de determinados campos do conhecimento (arte, filosofia, ciência etc.) para outros domínios da vida humana, com intuito de melhorar o homem ou educá-lo, de acordo com imperativos da agenda social, econômica e política de uma época” (p. 256). Neste sentido, a Arte teria um caráter utilitarista para a formação em Psicologia, como uma forma de treinar habilidades interpretativas, por exemplo. Ponderamos a este respeito por considerarmos que este processo de pedagogização pode limitar o potencial de fruição artística, tão importante para a humanização do ser humano.

É sobre este ponto que incidem diversas falas produzidas nas entrevistas, mostrando como os estudantes veem muitas vezes a Arte como um modo de se formar, no sentido da humanização, ou seja, de não redução a habilidades e técnicas profissionais ensinadas no Curso:

Acho que tem muito a ver, porque as Artes, de um modo geral, elas traduzem o que é ser humano, o que é humanidade, né? Psicologia tenta trabalhar com isso, com o que é humano, né? [...] Tem aspectos que só a Arte abarca, aí, não só a Arte, né, outras coisas também, mas a Arte principalmente, né? Acho que ela consegue chegar em lugares que a Psicologia não consegue ou consegue através dela. Quando a Psicologia usa Arte ou tá ali junto com ela, acho que ela consegue ir mais a fundo em vários aspectos da alma. Alma assim, não alma, mas alma nesse sentido da, do que é humano.

Arte mais nesse sentido de filme, livro, pra mim é como uma amostra do mundo e aí você consegue ter muito mais conhecimento sobre várias pessoas que você não conseguiria ter só pessoalmente, só conhecendo, não conseguiria ter aquela profundidade de conhecimento sobre diferentes tipos de pessoas como a Arte te mostra. Então eu acho que ajuda bastante.

Não se trata, porém, de um processo de pedagogização, como já mencionado, mas de uma formação que decorre justamente do contato com a sensibilidade estética, com a Arte como expressão de sentimentos, sensações e ideias que nos fazem ser o que somos. Assim, os estudantes, ao destacarem este aspecto, ressaltam repetidamente a necessidade de uma formação humana do psicólogo, para a qual a Arte mira, embora não necessariamente de forma intencional. Abaixo, alguns fragmentos de fala que tocam estas questões:

E eu acho que a Arte envolve muito em recuperar a sensibilidade, que é algo muito importante, que eu entendo, no nosso trabalho como psicólogo, a gente tem que ser sensível antes de tudo. Então eu acho que é fundamental.

Eu não sei como é a experiência de modo geral, mas eu tenho a impressão que Psicologia é uma coisa muito simbólica. Você tem que lidar com palavras o tempo todo. E a Arte é isso: é brincar com as palavras. Se a Psicologia não faz isso, eu não sei o que ela faz mais assim. [...] Eu acho que a Arte auxilia a gente no sentido de deixar a gente mais sensível, mais preparado para as diversas formas que as pessoas aparecem pra gente nessa escuta.

Acho que é uma pena que a gente não tenha mais isso assim, até assim, institucionalizado, sabe, assim? Mas não, de novo, não “ah, então vamos estudar história da Arte”. Pode até ser legal também, mas sabe, o contato mais estético, com a estética mesmo.

Estas ideias encontram ressonância no trabalho de Silva (2004). A autora defende a importância do envolvimento dos estudantes com a Arte desde o ingresso na Universidade, argumentando precisamente que ao profissional psicólogo interessa tudo aquilo que diz respeito ao humano: “O contato com a obra de arte aproxima as pessoas das características constituintes da condição humana, como alegria, medo, tristeza, angústia, saudade, esperança. Não são essas, também, características do material de trabalho do psicólogo?” (p. 101).

A Arte, neste íterim, exige do sujeito uma relação que coloca em jogo sua história de vida, seus pensamentos, percepções, sentimentos e valores. Sendo assim, a vivência estética, segundo a mesma autora, é uma importante aliada no processo de formação em Psicologia, ainda mais quando acompanha a trajetória do estudante desde o início da graduação.

Por fim, faz-se necessário mencionar o que os estudantes demarcaram a respeito de sua relação com a Arte durante a pandemia. Ao serem questionados sobre isso, muitos dos entrevistados afirmaram que a Arte tem sido fundamental para o enfrentamento do isolamento social, chegando a ser vista como uma salvação: “É isso que salva. É isso que salva, porque ficar só dentro de casa assim, é quase pra surtar”; “Na pandemia só quero fazer isso: ler, escutar música o tempo inteiro. Se deixar, o tempo inteiro”; “Eu acho que intensificou o meu contato com a Arte porque a gente voltado mais pra dentro, então é isso que a gente vai ter acesso mesmo, já que o relacionamento com as pessoas fica mais desfocado, né?”; “Eu acho que aumentou um

pouquinho. Justamente por ser essa válvula de escape, eu acho que tem aumentado a minha relação e o tempo que eu gasto, seja escutando música ou fazendo qualquer coisa relacionada”.

Alguns, porém, salientaram uma falta de ânimo que chega a afastá-los do contato com a Arte: *“Diminuiu. Me falta um pouco de energia na quarentena. A gente perde a vontade de fazer algo fora da rotina, Arte seria algo fora da rotina”*; *“Diminuiu. Não tenho feito quase nada. Não tenho vontade de fazer nada”*. É considerável, no entanto, que não houve quem considerasse que a pandemia não tenha afetado em alguma medida e de certa forma sua relação com a Arte.

Outro ponto que a este se conecta é o de que a própria participação nesta pesquisa foi mencionada pelos estudantes como potência e como uma possibilidade de envolvimento diferente com o espaço formativo representado pela Universidade. Envolvimento, este, que aponta para uma produção, uma movimentação reflexiva que o presente estudo poderia possibilitar ao questionar suas experiências e percepções. Eis a colocação expressa por um estudante, quando, ao final da entrevista, perguntei se ele queria falar algo a mais:

Só agradecer o espaço. Eu vi o vídeo de convite da pesquisa sendo compartilhado e me emocionei em saber que algo desse tipo estava sendo produzido aqui, na minha casa, minha Universidade. Acho que a potência tá bem clara aí. Tem mais gente falando disso, tem mais gente pesquisando isso, tem mais gente querendo que isso seja parte disso que a gente chama de formação. E eu espero que role um sarau. E acho de fato muito relevante que você tenha ido por esse caminho.

Todos os pontos elencados acima constituem o terceiro e último tripé de sustentação desta pesquisa. Tentamos, neste tópico (3.3), apresentar as construções realizadas pelos entrevistados no que diz respeito à sua relação com a Arte e também aos desdobramentos que esta relação promove em seus processos formativos na Psicologia. Deste modo, portanto, chegamos ao momento de tecer algumas considerações finais, construídas a partir de todo o trajeto da pesquisa.

4. O CURSO DAS ÁGUAS CONTINUA, MAS TODA PESCARIA TEM SEU FIM

“O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”.

(Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas, p. 52, 1952/2015)

“Nós cientistas temos a sensibilidade recalcada pela constante obrigação de ser exatos, terra-a-terra, e em tudo quanto observamos e dizemos. Espiões e prisioneiros da realidade, somos como que seus amantes fidelíssimos e servis, incapazes de penetrar-lhe os mais íntimos segredos... Com os poetas é diferente. Fazem o que bem querem, ao sabor dos impulsos do momento. Criam a sua verdade. Saciam-se nas melhores perversões! Por isso é um lenitivo lê-los, dão-nos a impressão de liberdade.”

(Carlos Drummond de Andrade, O Cientista, Cadeira de Balanço, p. 137, 1987)

Começamos com a nascente, porém o rio não se encerra, o que concluímos aqui é nossa viagem por ele. Mas que tarefa difícil, essa de concluir! Inicialmente, nossa pescaria estava programada para dois anos e navegar era preciso. Já no começo nos orientaram: “Atenção passageiros, peguem seus apetrechos de pesca, coloquem suas mochilas, tracem seus roteiros, façam os registros, não percam o foco e não se esqueçam do principal: cheguem no prazo combinado!” Que “frio na barriga”!

Não sabia que seria uma viagem tão difícil, embora ao mesmo tempo já soubesse disso porque “saí” da Universidade para olhar para ela, a partir dela, de dentro dela, ainda que numa nova posição: a da pós-graduação. Não se tratava, então, de um rio totalmente desconhecido para mim. Pelo contrário, foi por ele que naveguei ao longo de cinco longos anos de descobertas e transformações. Ainda assim, mesmo que soubesse mais ou menos o que iria encontrar, eu não trazia hipóteses prévias porque cada navegante faz seu próprio percurso pelo rio, ao passo que eu precisava estar aberta a tudo o que dele poderia emergir. Assim, elaborar um roteiro foi um grande desafio. Era preciso planejar alguns passos, antecipar alguns temas, mas com o cuidado de deixar abertas as vias da palavra para que cada navegante pudesse dizer por si, de si e de seu caminho. O rio, afinal, sob cada ótica, era um outro e o mesmo.

Minha maior preocupação, neste percurso, foi sempre a de não reduzir rio, caminho ou embarcação às minhas próprias experiências e perspectivas. O que eu tinha serviria apenas como um plano de fundo meio apagado, um conjunto de pistas para saber onde e quando seria melhor provocar os ânimos dos navegantes que, estes sim, me diriam o que registrar em meu diário de

bordo. Fazer esta pesquisa, portanto, foi um constante trabalho de me distanciar do meu lugar enquanto estudante, ao mesmo tempo que me aproximava dele.

Mas então, o que fica desta nossa viagem/pescaria?

Inicialmente, debruçamo-nos sobre a formação em Psicologia, este Campo das Vertentes, este rio repleto de afluentes que, serpenteando, vão traçando diferentes contornos e oferecendo múltiplos caminhos a quem por ele navega. Este movimento nos rendeu o contato com um campo forjado justamente pela multiplicidade: abordagens diversas, possibilidades de prática em muitas áreas, teorias conflitantes, crítica, alienação, (re)produção e desconstrução. Foi aí que pudemos atestar: navegar é preciso! É preciso porque é necessário, a formação só acontece em movimento. Quem decide embarcar nessa aventura chamada Universidade já está advertido de que precisa seguir navegando. Como atestam os estudantes, é nas transformações (de opiniões, de modos de ver e ouvir, de compreensões do mundo e do humano) vivenciadas que a formação vai acontecendo. Trata-se, afinal, de uma mudança de posição.

Mas há também uma importante percepção a se colocar: navegar é preciso, porque é em grande medida pré-determinado. Esta formação, do modo como a conhecemos, é estabelecida por um currículo, um fluxograma de disciplinas, horas acadêmicas e atividades curriculares sem as quais não se concretiza. Neste sentido, é de precisão, também, que tratamos. Embora seja possível compor a própria rota escolhendo estágios, projetos e abordagens, há um conjunto de tarefas prescritas que precisam ser cumpridas para se formar.

Pensando nisso, podemos dizer, então, que o que pudemos formalizar, com relação à formação em Psicologia descrita pelos estudantes entrevistados, está ligado, em primeira instância, à multiplicidade e ao movimento. Em contrapartida, se liga fortemente também a um conjunto de prescrições instituídas que precisam ser devidamente seguidas. Como pudemos perceber, esta formação no campo das vertentes, tão marcada por um pensamento crítico – que, inclusive, tece críticas à lógica que mantém um sistema produtivista – ainda se insere nesse sistema e o (re)produz. O ambiente formativo, enquanto este lugar de convivência entre o contraditório (a crítica e a manutenção do sistema), torna o caminho dos estudantes muitas vezes angustiante. Mapear esta contradição permite, então, antever algumas formas de localizar as estruturas que sustentam este modelo e que podem e devem ser repensadas.

Neste ponto do percurso é que nos arriscamos a desbravar o rio a partir do encontro entre os campos da formação e da saúde. Neste movimento, nossas inquietações nos movimentaram a

estar aqui falando sobre isso. Esta passagem, porém, nos levou logo a nos depararmos com um impasse: de que saúde tratamos? As noções construídas pelos estudantes nos fizeram ver que há diferentes formas de se tomar a saúde e que cada uma delas traz nuances que se relacionam tanto a conceituações mais hegemonicamente instituídas – tal como a da OMS – quanto outras concepções, relativas à Saúde Coletiva, também estudadas ao longo do Curso de Psicologia da UFSJ. Assim, se a concepção de saúde é atravessada por diversos fatores, entre os quais há muita influência da graduação, pensar a formação é ter em mente modos de atenção à saúde dos estudantes que nele se formam. Em outras palavras, trata-se de, na organização formal da estrutura que comporta a formação, serem contemplados aspectos relativos à saúde daqueles que a vivenciam e são a razão da Universidade: os estudantes. Isto porque as entrevistas revelaram que este âmbito encontra-se esquecido ou negligenciado na maior parte do tempo.

Seguindo por este caminho, podemos atestar que, embora navegar seja preciso, viver não é preciso. Pelo contrário, viver é impreciso, é inventivo. Ou seja, estar saudável contempla uma dimensão de indeterminação, uma abertura para a criação e a colocação em cena de cada sujeito-estudante. Nestes termos, contemplar a dimensão da saúde do estudante nas formalizações a respeito da estrutura dos cursos de Psicologia, é um caminho que se apresenta prenhe em possibilidades.

Nesse aspecto, portanto, podemos apontar para uma necessidade de revisão da formação instituída, visando proporcionar condições outras que favoreçam a saúde de quem a vivencia (e nesse caso, não apenas dos estudantes, mas de professores, técnicos-administrativos e demais agentes da formação, diga-se de passagem). Revisar a precisão, para transformá-la. Transpor a formatação, abrir brechas no funcionamento institucional rígido para que a vida possa pulsar. Este movimento, embora não seja um garantidor da saúde – visto que nenhum movimento, por si só, o pode ser –, pode ser um fator potencializador dela. Refutamos, assim, qualquer reducionismo – da complexa questão que é a saúde dos estudantes – a medidas como a oferta de atendimento psicológico para aqueles que dele precisarem. Se a psicoterapia se faz importante em determinados casos, não se alteram com ela os condicionantes institucionais que concorrem para os agravos à saúde, ao contrário, via culpabilização dos estudantes e patologização de seus percursos acadêmicos, as condições adversas à saúde (e à aprendizagem) são reificadas.

É neste ponto, então, que chegamos à Arte como a defendemos: uma potência de saúde na formação. Ora, não é à toa que o que salta aos olhos, quando questionamos os estudantes a respeito

da sua relação com a Arte, seja a noção de “válvula de escape”. Esta declaração, repetida de diversas formas, nos leva a atestar que a formação, nos moldes em que vem se dando, tem exercido grande pressão psicológica sobre estes sujeitos. Em meio às rígidas grades horárias, ao incessante correr das águas, estes sujeitos, que ora ocupam a posição de estudantes, inventam o cais. Esta expressão nos ocorreu especialmente considerando a definição da palavra cais disposta no Dicionário Oxford (Cais, 2021, n/p.):

1. elevação de terra, ou aterro, à margem do rio, lago ou mar, usada para permitir e facilitar o embarque e o desembarque de cargas e passageiros.
2. reforço de alvenaria das margens de um rio ou canal, destinado a conter as águas e direcioná-las.

Esse local facilitador do embarque e desembarque, que contém as águas e por vezes produz nela redirecionamentos. Este ponto artificial, porque fruto de uma intervenção humana na corredeira “natural” do rio. O cais, enquanto uma invenção singular e coletiva que permite que o tráfego seja facilitado ou, em alguns casos, que seja mesmo possível. Ainda, uma estrutura possibilitadora de intervalos, pausas estratégicas ou mesmo acidentais que promovem descanso e reenergização. Construir, portanto, o cais, implica não apenas a experiência de aproveitar-se dele, mas, mais ainda, de forjá-lo, fazê-lo existir. Esta construção é, pois, muito importante justamente porque cada navegante, enquanto cria seu cais, também se recria, de modo a seguir pela viagem sempre um pouco transformado.

Não pretendemos, aqui, promover uma apologia à Arte como instância salvadora da saúde dos estudantes. Também não buscamos colocá-la como única responsável por transformações neste campo. De outro modo, o que buscamos enfatizar é justamente os modos como a Arte tem sido um recurso para os estudantes, como identificado ao longo do trajeto desta pesquisa. Este recurso, portanto, pode apontar caminhos tanto para a melhor compreensão dos problemas inerentes à forma (ou fôrma) como a graduação em Psicologia vem sendo realizada, como também possibilidades de intervenção nesta forma, no sentido da produção de brechas.

No que se refere à instituição, cabe pensar, após todas as colocações aqui elencadas, se o que tem sido (re)produzido se trata da promoção de uma transformação dos estudantes ou uma transformatação que acaba por adequá-los a modelos de mercado, adoecedores por excelência.

No que tange aos estudantes, por sua vez, cabe realizar uma provocação no sentido de questionar sua posição diante da formação oferecida e vivenciada. Afinal, há caminhos possíveis de construção de um protagonismo, como atestam diversos trechos citados neste estudo.

Há, pois, que se considerar que o campo da formação em Psicologia é, por si só, vasto e complexo, apresentando uma série de problemáticas e também de potencialidades que remontam tanto à história de sua constituição quanto aos desafios de nosso tempo. Quando a ele agregamos ainda os campos da Saúde e da Arte, os atravessamentos se multiplicam sobremaneira. Por isso, então, destacamos mais uma vez o lugar deste estudo, atestando a importância de que essa realidade seja vista e analisada, mas enfatizando a necessidade de que novas empreitadas de pesquisa sejam realizadas a partir deste ponto. Pretendemos, aqui, identificar alguns destes, mapear relações e emergir questões que estavam “águas adentro” ou mesmo “à flor d’água”. Há, porém, muito trabalho a ser feito para que elas possam ser melhor encaminhadas na realidade concreta da formação em Psicologia.

Por fim, entendemos que é necessário registrar aqui algumas limitações desta nossa pescaria. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, conforme já mencionado, os navegantes que contribuíram com esta pesquisa o fizeram especialmente motivados pelo viés artístico que, desde o chamamento público para a participação, já se enunciava. Neste sentido, não podemos nos furtar à marcação de uma relação prévia com a Arte que, em certa medida, direciona alguns tópicos tratados. Assim, os resultados aqui não podem nem pretendem ser generalizados a todo o público – tão heterogêneo – de estudantes de Psicologia, até mesmo da Universidade onde o estudo aconteceu. Por exemplo: quais resultados teríamos caso os entrevistados fossem estudantes que não têm uma relação de apreço com a Arte?

Importante levar em conta também, uma vez mais, a questão da pandemia que atravessou todo o trajeto no campo da presente pesquisa. As mudanças radicais nos modos de vida e socialização durante o período de distanciamento social afetaram a todos, o que não foi diferente com a população deste estudo. Nesse sentido, todos os pontos elencados aqui, bem como as análises e conclusões apresentadas devem ser tomadas considerando este atravessamento. Por certo que a pandemia desviou a rota, impondo uma revisão metodológica que nos ocupou em tempo e energia, o que também precisa ser considerado como um fator limitador dos esforços que empreendemos no desenvolvimento da pesquisa.

Seguindo por esta linha, meus próprios limites enquanto sujeito-pesquisadora também implicaram em possíveis desdobramentos da temática de pesquisa. Falei, no começo desta seção, que inicialmente esta pesquisa estava planejada para o prazo de dois anos. Porém, dado o cenário pandêmico, mais sete meses foram acrescentados, a fim de viabilizar a concretização deste nosso estudo. Ao longo de todo este tempo, porém, deparei-me com situações semelhantes às que estava analisando, mas desta vez inseridas no contexto da pós-graduação. Com isso, por vezes cheguei a acreditar que “o rio não estava para peixe”. Cheguei a questionar minha capacidade para “pesca” ou para “permanência na viagem”. Tive medo de “me afogar”, de “inundar” e também de “ficar girando em círculos”, num “redemoinho de águas”.

Porém, neste estudo, em alguma medida metalinguístico, encontrei brechas, teci minhas redes de apoio, inventei o cais e assim também pude vivenciar na pele a potência transformadora da experiência artística. É importante registrar aqui que foi por meio dela que esta dissertação se tornou possível, não sem grandes dificuldades. Foi buscando refúgio, inspiração e forças nas palavras de Clarice Lispector, na voz de Adriana Calcanhotto ou nas sonatas de Bach; (re)descobrimo o corpo em oficinas *online* de teatro; produzindo sons na flauta ou no violão que este percurso de pesquisa se fez. Muitas foram as vozes e mãos que construíram comigo estas páginas.

Entendemos que realizamos aqui uma exposição importante e talvez tenhamos conseguido desvelar uma temática urgente e recorrente. Acreditamos também que muitos elementos que contribuem para o adoecimento de estudantes universitários podem ser transformados a partir de intervenções contextualizadas a cada realidade acadêmica.

Neste sentido, para a melhoria do campo e o avanço das reflexões aqui iniciadas, indicamos a necessidade de novos estudos que contemplem outras nuances e atravessamentos da realidade em jogo na formação de psicólogos. Estudos que contemplem estudantes sem relação prévia com a Arte, por exemplo; estudos que se debrucem de maneira especial sobre os marcadores sociais de gênero, raça e classe, que em muito influenciam as vivências dos sujeitos; estudos que incluam outros agentes que participam do processo formativo, tal como professores; entre outras inúmeras possibilidades de investigação que podem ampliar o escopo de análise e favorecer o avanço das reflexões e também de ações transformadoras delas decorrentes.

Para finalizar, portanto, é preciso considerar também as reverberações que esse processo de pesquisa, ainda nem publicado – até o momento dessa escrita – provocou. Algumas falas de

estudantes entrevistados tocaram este ponto, ainda que não tenham se detido sobre ele. Porém, na realidade do curso ao qual os entrevistados estão vinculados, e no qual também eu me formei, a pesquisa ajudou a movimentar significativamente a temática da saúde dos estudantes, provocando movimentos por parte de outros professores e colegas que acabaram encampando algumas iniciativas que se ocuparam desta questão: espaços de debate sobre o tema (rodas de conversa), bem como a realização de estágio e de projeto de Iniciação Científica, nos quais o professor orientador desta dissertação e eu participamos como orientadores e que envolveram todos os cursos dos *campi* da sede da UFSJ (além de São João del-Rei existem outros três *campi* localizados em três diferentes cidades). Todas estas iniciativas trouxeram à tona uma temática que talvez estivesse “adormecida”.

Desvelar este adoecimento, seguir suas pistas e mapear algumas relações e processos que podem contribuir com ele talvez tenha sido o maior feito desta pesquisa. Ao lado dele, há de se demarcar a questão da Arte, sempre colocada como um ponto de destaque sobre o qual foi possível pensar intervenções, estratégias e possibilidades de potencializar a formação, resguardando todo o necessário cuidado com o sujeito que ali se desenvolve.

Nesse aspecto, realçamos que o processo de desenvolvimento desta pesquisa ainda trouxe à cena o reconhecimento e a necessária valorização da Arte produzida no *Campus* Dom Bosco da UFSJ. Diversas são as linguagens artísticas que se fazem notar naquele cotidiano universitário: saraus, grafites, rodas de violão, cartazes e lambes são só alguns dos exemplos do que desponta nos espaços deste *campus*, dentro e fora das salas de aulas. Nosso estudo, propondo-se a olhar para a formação em sua conexão com a Arte, visibiliza o potencial que estes movimentos expressivos têm nos processos formativos dos estudantes de Psicologia, de modo especial no que toca à sua saúde. Dar visibilidade às criações artísticas e à sua potência, portanto, pode ser considerado outro feito importante desta nossa empreitada.

Por fim, como último feito intencional (quais outros acontecerão? Não sabemos.) deste estudo, divulgaremos os resultados aqui produzidos aos participantes desta pesquisa e também à instituição. Esperamos, deste modo, contribuir para o debate e a reflexão crítica a respeito do papel da Arte como potência de saúde no processo de formação dos estudantes de Psicologia e, a partir disso, buscar afetar a realidade do Curso de Psicologia da UFSJ de modo que isso se efetive ainda mais no cotidiano desta formação.

Finda esta nossa jornada, como navegantes e pescadores, podemos dizer que saímos outros, muito diferentes daqueles que a iniciaram. Mas podemos dizer também que produzimos alguns pontos de mudança no rio, na composição das águas, nos cais onde é possível descansar e nos direcionamentos múltiplos das viagens possíveis. É, pois, um novo trajeto rio adentro o que deixamos como contribuição.

Agora a “saideira” mesmo, parafraseando uma de nossas navegantes: esperamos que tenha dado para “*tirar algumas coisas dessa falazada*” ou desta dissertação, enquanto ato, processo, movimento e não mero produto.

Terra à vista! Ou seria o mar?

REFERÊNCIAS

- Andrade, D. (2018, Maio 22). Grupos autogeridos debatem saúde mental na universidade. *Jornal do Campus*. <https://bit.ly/3aLIXOg>
- Aquino, H. P. (2013). *O pensamento crítico do estudante de psicologia sobre sua formação*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. <https://bit.ly/3p85Hz0>
- Bachelard, G. (1988). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barroco, S. M. S. & Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 22-31. <https://bit.ly/30spkYh>
- Barros, M. de (2001). *Matéria de Poesia*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1974).
- Batista, R. L. L. (2015). *Entre aparelhos e arquivos: uma história do Laboratório de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei (1953-1971)*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil. <https://bit.ly/3iLM5yz>
- Bernard, M. (2016). *O corpo*. (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Apicuri.
- Bernardes, J. de S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(esp.), 216-231. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500016>
- Biroli, F. (2016). Divisão sexual do trabalho e democracia. *Revista de Ciências Sociais*, 59(3), p. 719-754, 2016. <https://doi.org/10.1590/00115258201690>
- Bonassi e Müller (2013). A feminização da profissão e a presença das mulheres na Psicologia. In L. A. Lhullier (Org.), *Quem é a psicóloga brasileira: mulher, psicologia e trabalho*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia. <https://bit.ly/2Xit1P5>
- Cais. (2021). In *Oxford Languages*. <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>
- Calazans, R., & Lustoza, R. Z. (2008). A medicalização do psíquico: os conceitos de vida e saúde. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 124-131. <https://bit.ly/3BNR6MU>
- Canguilhem, G. (2005). A saúde: conceito vulgar e questão filosófica. *Escritos sobre a medicina*, (pp. 35-48). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1904).

- Canguilhem, G. (2002). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1966).
- Carlotto, M. S., Câmara, S. G., Otto, F., & Kauffmann, P. (2009). Síndrome de *burnout* e *coping* em estudantes de psicologia. *Boletim de psicologia*, 59(131), 167-178. <https://bit.ly/3AMnQEP>
- Castro, F. C. L. (2018). A epidemia de patologias mentais e a sociedade do esgotamento. In I. S. Veiga; C. Calgaro; N. R. Madarasz (Orgs.), *Sociedade e ambiente: direito e estado de exceção* (pp. 137-148). Caxias do Sul: Educs. <https://bit.ly/3BOPMxL>
- Cavestro, J. D. M., & Rocha, F. L. (2006). Prevalência de depressão entre estudantes universitários. *Jornal brasileiro de Psiquiatria*, 55(4), 264-267. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852006000400001>
- Cerchiari, E. A. N. (2004). *Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários*. (Tese de doutorado). Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. <https://bit.ly/3mXWSPf>
- Conselho Federal de Psicologia [CFP], Associação Brasileira de Ensino de Psicologia [ABEP], & Federação Nacional dos Psicólogos [FENAPSI] (2018). *Ano da formação em psicologia: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia*. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia, Associação Brasileira de Ensino de Psicologia e Federação Nacional dos Psicólogos. <https://bit.ly/3vhS9Cd>
- Costa, E., & Leal, I. (2008). Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior—avaliar para intervir. In I. Leal; J. L. P. Ribeiro; I. Silva; S. Marques (Orgs.), *Actas do 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 213-216). Porto: Universidade do Porto. <https://bit.ly/3AOSgGk>
- de Andrade, C. D. (1987). O Cientista. In: *Cadeira de Balanço* - 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Faé, R. (2004). A genealogia em Foucault. *Psicologia em Estudo*, 9(3), 409-416. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000300009>
- Figuerêdo, R. B. de; & Cruz, F. M. L. (2017). Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. *Revista Estudos Feministas*, 25(2), 803-828. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p803>
- Fogaça, M. de C., Hamasaki, E. I. de M., Barbieri, C. A. P., Borsetti, J., Martins, R. Z., Silva, I. G., & Ribeiro, L. P. (2012). Burnout em estudantes de psicologia: diferenças entre alunos iniciantes e concluintes. *Aletheia*, 38-39, 124-131. <https://bit.ly/3FTY459>

- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (13. ed., M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1976).
- Fraser, M. T. D; & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>
- Frente Universitária de Saúde Mental (FUSM) [@frentedesaudemental - Comunidade]. (2017, novembro 5). *Pelo que lutamos?*. Facebook. <https://bit.ly/3BOfyO7>
- Galeano, E. (2020). *O Livro dos Abraços* (E. Nepomuceno, Trad.). Porto Alegre: L&PM pocket. (Trabalho original publicado em 1991).
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Plageder/Editora da UFRGS.
- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (M. Liesen, Trad). Belo Horizonte: Àyiné.
- Heráclito. (1996). Fragmentos. In J. C. de Souza (Org), *Os Pensadores: os pré-socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), p. 595-609. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>
- .
- Lee, R. (1981). *Saúde* [Música]. Som Livre, EMI, Universal Music.
- Lhullier, L. A. (2013). *Quem é a psicóloga brasileira?: Mulher, Psicologia e trabalho*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia.
- Lima, M. G. de; & Padilha, F. (2020). Acolhimento universitário aos calouros de psicologia: uma possibilidade de intervenção. *Revista de Psicologia da Unesp*, 19(2), 156-171. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20200029>
- Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lispector, C. (2018). Antes era perfeito. In: *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1972).
- Lispector, C. (2019). *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1973).

- Lopes, F. L., & Guimarães, G. S. (2016). Estudo da Síndrome de Burnout em estudantes de Psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, 7(1), 40-58. <http://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016714058>
- Magalhães, M.; Stralio, M.; Keller M.; & Gomes, W. B. (2001). Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*, 21(2), 10-27. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000200003>
- Melo, I. F. de (2009). Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, 5(11), 1-18. <https://bit.ly/3mXXOtj>
- Nascimento, M., & Bastos, R. (1972). Cais [Gravado por M. Nascimento]. In Clube da Esquina [LP]. Rio de Janeiro: EMI.
- Neves, M. C. C., & Dalgarrondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(4), 237-244. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000400001>
- Nogueira-Martins, L. A., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2018). Saúde mental e qualidade de vida de estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(3), 334-337. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i3.2086>
- Parecer CNE/CES n. 1071, de 04 de dezembro de 2019*. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. <https://bit.ly/3v14jKx>
- Pessoa, F. (2021/1914). *Navegar é preciso*. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf> em: 10/01/21.
- Pinheiro, P. C. & Caymmi, D. (2016). *Voz de mágoa*. [Música]. Acari Records.
- Ribeiro, T. C. (2011). A identidade cultural são-joanense no discurso da capital brasileira. *Vertentes*. <https://bit.ly/3vltTyV>
- Ribeiro, P. M. (2018). *Análise de um serviço de pronto-atendimento por pares em contexto universitário*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. <https://bit.ly/3INiNQI>
- Rocha, M. L. D., & Aguiar, K. F. D. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>

- Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia e Sociedade*, 26(1), 44-52. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>
- Rosa, G. (2015). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1956).
- Ruggiero, M. (2017, setembro 13). Ficar sem arte. *Medium*. <https://bit.ly/3BP3P1V>
- Safatle, V. (2011). O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientiaestudia*, 9(1), 11-27. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662011000100002>
- Segre, M., & Ferraz, F. C. (1997). O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*, (31), 538-542. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>
- Sena, D. (2015, setembro 7). Pororoca. *Demétrio Sena Blogspot*. <https://bit.ly/3FSlo3m>
- Silva, C. R. (2018, novembro). Posicionando o Slam Poetry no debate da teoria política. *Anais do Seminário de Ciências Sociais - UFES*, Vitória, ES, Brasil, 3. <https://bit.ly/3vkRgZq>
- Silva, R. R. D. (2011). *O perfil de saúde de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da Psicologia da saúde*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. <https://bit.ly/2XmV2oQ>
- Silva, S. M. C. (2004). Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 100-111. <https://bit.ly/3mZ90WK>
- Szymborska, W. (2011). Escrevendo um currículo. In: *[poemas]*. (R. Przybycien, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1987).
- Tarnowski, M., & Carlotto, M. S. (2007). Síndrome de *Burnout* em estudantes de psicologia. *Temas em psicologia*, 15(2), 173-180. <https://bit.ly/3n2aek4>
- Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. P. L. (2008). Representações sociais da depressão e do suicídio elaboradas por estudantes de psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(4), 714-727. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400005>
- Zanetti, F. L. (2018). O encontro da arte com a educação: o papel do saber psicológico. *Educação em Revista*, 34. <https://doi.org/10.1590/0102-4698168370>

APÊNDICES

APÊNDICE A - Formulário de inscrição para participação na pesquisa

05/08/2021

A Arte de Tornar-se Psicóloga(o) - Formação em Psicologia e Saúde da(o) Estudante

A Arte de Tornar-se Psicóloga(o) - Formação em Psicologia e Saúde da(o) Estudante

Esta pesquisa, intitulada "A Arte de Tornar-se Psicóloga(o) - Formação em Psicologia e Saúde da(o) Estudante", está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. É desenvolvida pela mestrandia Isabela de Lima Nogueira, sob orientação do Prof. Dr. Celso Francisco Tondin. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos de São João del-Rei (CEPSJ). Este estudo visa analisar o papel da Arte no processo de formação em Psicologia como potência saúde da(o) estudante. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista remota e individual à pesquisadora Isabela, por meio de uma videochamada a ser agendada conforme disponibilidade sua e da pesquisadora.

Preenchendo e enviando este formulário entenderemos que você possui interesse em participar da pesquisa em questão. O envio ainda não implica em sua participação. Os dados aqui informados só serão utilizados, com os devidos cuidados para o sigilo de sua identidade, após confirmação de participação e sua concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que enviaremos na etapa seguinte. Ressaltamos, desde já, que a qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa sem que isso lhe cause algum prejuízo, mas destacamos que sua contribuição é muito importante.

Após envio do formulário, entraremos em contato com você para mais informações. Desde já, agradecemos sua contribuição.

Caso tenha alguma dúvida quanto ao preenchimento do formulário ou sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato pelo Telefone/WhatsApp da pesquisadora (32)998283193 ou pelo e-mail isabelanogueirapsi@gmail.com

*Obrigatório

1. Qual seu nome completo? *

2. E a sua idade? *

3. Qual o seu e-mail para contato? *

4. Qual o seu número de celular/WhatsApp para contato? (Não se esqueça do DDD)

5. Você é estudante regularmente matriculada(o) no curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Qual seu número de matrícula no curso? *

7. Qual semestre você está cursando? *

8. Qual(is) turno(s) do curso você faz? *

Marque todas que se aplicam.

Integral

Noturno

9. Tem acesso a algum aparelho eletrônico para a realização de uma videochamada online? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

10. Tem acesso a alguma rede de internet que possibilite a realização de uma videochamada online? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Algum comentário que queira fazer?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada(o) estudante,

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa “A arte de tornar-se psicóloga(o) – Formação em Psicologia e saúde da(o) estudante”, desenvolvida por Isabela de Lima Nogueira, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, sob orientação do Prof. Dr. Celso Francisco Tondin.

O objetivo central desta pesquisa é analisar o papel da Arte no processo de formação em Psicologia como potência de saúde da(o) estudante. Esta pesquisa visa também, como objetivos específicos: conhecer as noções de saúde das(os) estudantes; identificar as afetações produzidas pelo processo de formação na saúde das(os) estudantes; compreender a relação das(os) estudantes com a Arte.

O convite à sua participação se deve ao fato de você ser estudante regularmente matriculada(o) no curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Ressalta-se que sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizada(o) de nenhuma maneira caso decida não consentir com sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução desta pesquisa, uma vez que seu relato enquanto aluna(o) tem lugar de destaque na discussão aqui proposta. Este estudo poderá apontar novas formas de se pensar a formação e o acolhimento à(o) estudante de Psicologia, especialmente considerando sua saúde. Além disso, ele também poderá contribuir com novos dados para futuras pesquisas neste campo, desenvolvendo os modos de pensar e fazer a formação em Psicologia no Brasil.

A sua participação consistirá em conceder uma entrevista individual à pesquisadora, por meio de uma plataforma digital, na qual serão feitas algumas perguntas contemplando os objetivos propostos. O tempo de duração da entrevista será flexível, buscando contemplar os objetivos da mesma e também as necessidades de cada participante. Estima-se, para tanto, uma média de 60 minutos. O áudio da entrevista será gravado pela pesquisadora para compor o escopo de análise da mesma.

Esta pesquisa não acarreta risco de vida, mas caso surja algum incômodo ou desconforto, ressalta-se, mais uma vez, que você poderá interromper o procedimento de entrevista e, inclusive,

optar por não responder alguma questão ou abordar algum dos temas propostos. Além disso, se necessário, por alguma intercorrência da pesquisa, a pesquisadora se dispõe a um acolhimento psicológico de forma remota, feito por ela ou alguma outra profissional de Psicologia indicada pela mesma. Ressalta-se, também, que caso haja algum dano gerado pela sua participação no estudo, a pesquisadora responsabiliza-se pelas devidas indenizações.

Devido à atual situação de pandemia de *Covid-19*, em decorrência da proliferação do coronavírus SARS-CoV-2, as entrevistas ocorrerão de forma remota para sua segurança e da pesquisadora. As entrevistas ocorrerão por meio de videochamadas que se realizarão em local seguro, garantindo a privacidade do conteúdo exposto. Para que isso ocorra, é importante que você, tal como a pesquisadora fará, assegure-se de estar em um local e momento que garantam o sigilo das informações. Destaca-se que os meios eletrônicos de comunicação possuem um risco de confidencialidade inerente por se tratarem de uma terceirização da comunicação. Porém, para maior cuidado e segurança, far-se-á uso de aplicativos móveis e/ou plataformas digitais que possuam criptografia de ponta a ponta, como Skype, WhatsApp, entre outros, conforme sua preferência.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na dissertação de mestrado e possivelmente em outros meios, como palestras, rodas de conversa, congressos e artigos científicos. Qualquer dado que possa identificá-la(o) será omitido na divulgação destes resultados. No presente estudo, você será identificada(o) com um nome fictício, se necessário. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas por você, sendo que todo o procedimento será realizado de forma individual. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento. Os registros das entrevistas serão armazenados em arquivos digitais, mas somente terão acesso aos mesmos a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivos físico e digital, armazenados em local seguro, sob responsabilidade da pesquisadora, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPSJ.

Não haverá nenhum custo para sua participação neste estudo e você não receberá nenhum dinheiro. Qualquer eventual despesa que possa surgir diretamente relacionada à presente pesquisa será arcada pela pesquisadora.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo bem como sua participação nele. Se outras perguntas surgirem mais tarde, poderá entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Tel e Fax - (32) 3379- 5598

e-mail: cepsj@ufsj.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep):

Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 e-mail: conep@saude.gov.br

Contato com a pesquisadora responsável:

Email: ***** Celular: (**) *****_****

Também por uma questão de segurança, sua e da pesquisadora, devido ao atual cenário de pandemia, a entrega deste documento foi adaptada, de modo que não necessariamente precisa ser assinado para afirmar seu consentimento. Substituindo a entrega física e assinada do mesmo, você poderá: 1) reenviá-lo para a pesquisadora, anexado e endereçado ao e-mail informado acima, com a seguinte mensagem no corpo do e-mail: “Declaro que eu, (inserir seu nome completo), portador(a) do documento (inserir número da Identidade ou CPF), entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa “A arte de tornar-se psicóloga(o) – Formação em Psicologia e saúde da(o) estudante” e concordo em participar.” ou 2) gravar um vídeo que mostre o seu rosto, o qual seguirá as mesmas condições de sigilo e confidencialidade aqui expostas, declarando seu nome completo e seu consentimento com esta mesma mensagem (“Declaro que eu, (inserir seu nome completo), portador(a) do documento (inserir número da Identidade ou CPF), entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa “A arte de tornar-se psicóloga(o) –

Formação em Psicologia e saúde da(o) estudante” e concordo em participar.”), que deverá ser enviado para a pesquisadora para o e-mail ou número de WhatsApp aqui informados.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa “A arte de tornar-se psicóloga(o) – Formação em Psicologia e saúde da(o) estudante” e concordo em participar.

São João del-Rei, _____ de _____ de _____.

Nome da(o) participante

Assinatura da(o) participante

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Parte 1 – Foco na trajetória

- 1 – Fale sobre o processo que resultou na sua entrada no curso.
- 2 – Fale sobre sua experiência na Psicologia até agora.

Parte 2 - Saúde

- 3 – O que é saúde para você?
- 4 – Você acha que o processo de formação em Psicologia afeta sua saúde? (*Se sim*) De que maneira?
 - 3.1a – (*Se sim*) Como você lida com isso?
 - 3.1b – (*Se não*) Justifique.

Parte 3 - Arte

- 5 – Como é a sua relação com a Arte?
- 6 – Você considera que a arte, de algum modo, te auxilia (ou poderia te auxiliar) nesse processo de formação? (*Se sim*) De que modo? (*Se não*) Por quê?
 - 6.1 – Sua relação com a arte se modificou após sua entrada no curso de Psicologia? (*Se sim*) Como? Por que?
 - 6.2 – E como tem sido sua relação com a Arte nesse período de pandemia?

Extra - Considerações finais

- 7 – Algo mais que queira considerar?

Perguntas para caracterização dos participantes:

- 8 – Com qual gênero você se identifica?
- 9 – No quesito cor/raça, como você se declara?
- 10 – Qual sua cidade de origem? E onde mora atualmente?
- 11 – Qual foi a sua forma de ingresso na universidade?
- 12 – Algum tipo de bolsa (auxílio permanência etc)?

13 – Você trabalha?

13.1 – Poderia caracterizar melhor?

ANEXOS

ANEXO A - Declaração de Conhecimento e Aceite da Instituição



Universidade Federal
de São João del-Rei

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOVENDO SERES HUMANOS
UNIDADES EDUCACIONAIS SÃO JOÃO DEL-REI - CEPSJ**

DECLARAÇÃO

Eu, Larissa Medeiros Marinho dos Santos, na qualidade de responsável pela Coordenadoria do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, autorizo a realização de a pesquisa intitulada "A arte de tornar-se psicólogo – Formação em Psicologia e saúde do estudante" a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora isabela de Lima Nogueira; e **DECLARO** que conheço os objetivos e procedimentos da pesquisa descrita acima e que a instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos das unidades educacionais da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, localizadas em São João del-Rei – CEPSJ.

São João Del-Rei, 26 de maio de 2020.

Assinatura

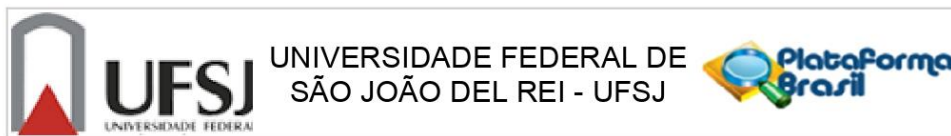
Coordenadoria do Curso de Psicologia

Prof.ª Dr.ª Larissa Medeiros Marinho dos Santos
Coordenadora do Curso de Psicologia
UFSJ

www.ufsj.edu.br/cepsj

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
Unidades Educacionais de São João del-Rei
Praça Dom Helvécio, 74, Bairro Dom Bosco - CEP 36301-160 - São João del-Rei - MG
E-mail: cepsj@ufsj.edu.br - Tel.: (32) 3379- 5598

ANEXO B - Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A ARTE DE TORNAR-SE PSICÓLOGA(O) E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE DA(O) ESTUDANTE

Pesquisador: ISABELA DE LIMA NOGUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36909220.8.0000.5151

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.266.419

Apresentação do Projeto:

De acordo com a proponente:

"O presente projeto trata-se de uma pesquisa de mestrado qualitativa, envolvendo trabalho em campo com estudantes de Psicologia de uma universidade federal do interior de Minas Gerais. Objetiva-se analisar o papel da arte na elaboração das afetações produzidas pelo processo de formação em Psicologia na saúde do estudante. Além disso, tem também como objetivos específicos: compreender como os estudantes entendem o conceito de saúde; identificar qual a noção de formação dos estudantes; identificar a relação do estudante de Psicologia com a arte. Pretende-se desenvolvê-la amparando-se na metodologia de pesquisa-intervenção, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas individuais. Devido à atual situação de pandemia de covid-19, estas entrevistas ocorrerão remotamente em plataformas digitais como Skype, por meio de videochamadas. Os estudantes serão convidados por meio de plataformas digitais, como WhatsApp, Facebook, entre outros. O número de participantes dependerá do número de interessados, mas estabeleceu-se um limite de 25 pessoas. Estas deverão ser estudantes de Psicologia regularmente matriculados na instituição em questão e que tenham acesso à internet. Em caso de atingir o número limite, dar-se-á preferência para alunos mais antigos do curso. As entrevistas serão gravadas, conforme informado no TCLE que será entregue aos estudantes via e-mail, anteriormente à realização destas. Após a realização das entrevistas, o trabalho consistirá em

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 2:56
Bairro: Fábricas **CEP:** 36.307-352
UF: MG **Município:** SAO JOAO DEL REI
Telefone: (32)3379-5598 **E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br

uma Análise do Discurso."

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a proponente, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

"Objetivo Primário:

- Analisar o papel da arte na elaboração das afetações produzidas pelo processo de formação em Psicologia na saúde do estudante.

Objetivo Secundário:

- Compreender como os estudantes entendem o conceito de saúde;
- Identificar qual a noção de formação dos estudantes e
- Identificar a relação do estudante de Psicologia com a arte."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Todos os riscos e benefícios desta pesquisa estão devidamente apresentados em todos os documentos de caráter obrigatório.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de relevância acadêmica e social. Acadêmica e social por contribuir com a difusão do conhecimento científico em área tão pouco explorada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todos os documentos obrigatórios foram devidamente apresentados. Não há considerações a serem feitas. Assim, este projeto está em conformidade com todas as diretrizes apregoadas pelo Conselho Nacional de Saúde manifestos pelas resoluções 466/2012 e 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto de pesquisa "A ARTE DE TORNAR-SE PSICÓLOGA(O): FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE DA(O) ESTUDANTE" e documentações apresentadas estão em consonância com os princípios éticos em pesquisa envolvendo seres humanos nos termos da Resolução 466/2012;

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 2:56
Bairro: Fábricas **CEP:** 36.307-352
UF: MG **Município:** SAO JOAO DEL REI
Telefone: (32)3379-5598 **E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br

Continuação do Parecer: 4.266.419

510/2016 e Norma operacional 001/2013. Somos, portanto, de parecer favorável a sua APROVAÇÃO. Informamos que relatórios parcial e final da pesquisa devem notificados por meio da Plataforma Brasil e, os resultados obtidos, informado aos participantes da pesquisa, publicados e/ou encaminhados às instituições colaboradoras, aos órgãos e entidades representantes da sociedade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1615523.pdf	21/08/2020 09:56:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Isabela.pdf	21/08/2020 09:52:24	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
Outros	Checklist_completo.pdf	21/08/2020 09:50:22	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	21/08/2020 09:48:17	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_RESPONSABILIDADE_DO_PESQUISADOR_COLABORADOR.pdf	21/08/2020 09:46:08	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Walter_assinada.pdf	21/08/2020 09:34:50	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_Conhecimento_e_Aceite_da_Instituicao.pdf	20/08/2020 02:34:57	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Responsabilidade_da_Pesquisadora_Principal.pdf	20/08/2020 02:30:51	ISABELA DE LIMA NOGUEIRA	Aceito

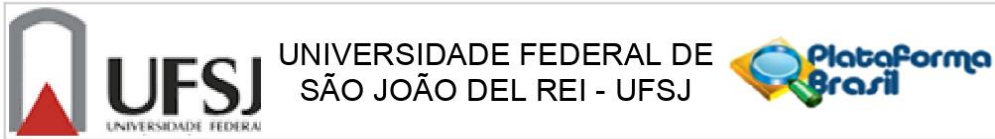
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 2:56
Bairro: Fábricas **CEP:** 36.307-352
UF: MG **Município:** SAO JOAO DEL REI
Telefone: (32)3379-5598 **E-mail:** cepjsj@ufsj.edu.br



Continuação do Parecer: 4.266.419

SAO JOAO DEL REI, 09 de Setembro de 2020

Assinado por:
Alessandro de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 2:56
Bairro: Fábricas **CEP:** 36.307-352
UF: MG **Município:** SAO JOAO DEL REI
Telefone: (32)3379-5598 **E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br